

# Daniel Bertelli

HOTELEIRO



FIDÉLIS  
DALCIN  
BARBOSA

Daniel Bertelli, com 21 anos, sem escola e sem dinheiro, sai do meio humilde da colônia para transformar-se num paradigma de empresário. Físico respeitável, inteligência invulgar, dinamismo incomum, trabalhador incansável, principia sua carreira triunfante durante o Serviço Militar, quando se alfabetiza e colhe as primeiras lições para a futura profissão de hoteleiro vitorioso.

Casando com uma jovem de origem como ele, encontra em D. Wilma a companheira ideal de todas as horas. Com ela escreve poemas de trabalho e abnegação apenas em favor de seus hóspedes, mas ainda de seus funcionários, de seus doentes, de seus viajantes, das obras sociais e religiosas...

O casal, mais tarde, auxiliado pela família toda, vai superando dificuldades, vencendo batalhas, em várias cidades, para fixar-se, enfim, definitivamente, em nossa fronteira. Aqui a família Bertelli vai erguendo com as próprias mãos, sem alguma sociedade, um dos mais disputados hotéis de turismo do sul do Brasil, o Jandaia Turismo Hotel, o maior e melhor hotel de três estrelas do Rio Grande do Sul.

O hoteleiro principiante e qualquer profissional que queiram triunfar em sua empresa encontrarão nesta narrativa, singela e comovente, a melhor das lições. Uma série imensa de lições surpreendentes, de humorismo e divertimento, de abnegação e heroísmo.

A presença do hoteleiro, gremista apaixonado, é sempre uma festa para hóspedes e visitantes. Hoteleiro que cede seu carro ao cliente que ficou a pé de repente. Hoteleiro que leva o turista a outro hotel, por vezes no estrangeiro, na vizinha cidade de Rivera, porque no seu já não há mais acomodação. Hoteleiro que trata do hóspede enfermo como se fosse seu filho...

Família que se entrega, de corpo e alma, às ações sociais, às instituições de caridade, à igreja, aos pobres...

A narrativa dos costumeiros roubos em hotéis e a captura de ladrões empolga o leitor, com seu enredo envolvente e seu desfecho surpreendente. As caçadas, a festa dos viajantes, os hóspedes folclóricos e tantas outras curiosidades tornam a história sempre atraente e construtiva.

*Daniel Bertelli – Hoteleiro*, abordando tema praticamente inexplorado pelos literários destina-se, não apenas aos parentes e amigos, aos profissionais do ramo, mas ao público em geral.

Fidélis Dalcin Barbosa

**Daniel Bertelli**  
**Hoteleiro**



Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura

2013



Fidélis Dalcin Barbosa

**Daniel Bertelli**  
**Hoteleiro**

Passo Fundo  
Projeto Passo Fundo  
2013

Projeto Passo Fundo

Página na internet: [www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

e-mail para contato: [projetopassofundo@gmail.com](mailto:projetopassofundo@gmail.com)

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Do livro: Literatura, Biografia. -Porto Alegre: Edições EST, 1987. 152p.; il.; 21cm.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

**[Creative Commons Atribuição-Compartilha Igual 3.0 Não Adaptada.](#)**

Para ver uma cópia desta licença, visite:

[creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR) ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado em: 15/10/2013

B537b Barbosa, Fidélis Dalcin, 1915-  
Daniel Bertelli [recurso eletrônico]: hoteleiro / Fidélis  
Dalcin Barbosa. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2013.  
E-book (formato PDF).  
ISBN 978-85-8326-044-8

Modo de acesso: World Wide Web:  
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Biografia. 2. Bertelli, Daniel – Indústria hoteleira.  
I. Título.

CDU: 929

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364







## Sumário

APRESENTAÇÃO .....	11
IMIGRANTES.....	13
EM ANTA GORDA.....	16
DANIEL BERTELLI .....	20
NO QUARTEL.....	23
LAGOA VERMELHA.....	27
O SÓCIO TEODOLÍVIO FERNANDES .....	33
CASAMENTO .....	38
HOTEL AVENIDA .....	43
IGREJA MATRIZ DE SÃO PAULO .....	49
CONSTRUTOR DE IGREJAS .....	55
PASSO FUNDO E CURITIBA .....	66
SANTANA DO LIVRAMENTO .....	71
JOÃO COSTI E FAMÍLIA.....	77
A FAMÍLIA LABARTHE .....	80
HOTEL LABARTHE .....	85
FALTA DE HOTÉIS .....	90
OPERÁRIOS.....	94
DOENTES.....	99
A FESTA DOS VIAJANTES .....	104
CAÇADAS.....	109
ROUBOS NO HOTEL LABARTHE.....	114
ROUBO NO JANDAIA HOTEL .....	118
FREI SÍLVIO .....	125
REFORMA DO HOTEL LABARTHE .....	128
JANDAIA TÚRISMO HOTEL .....	130
FINANCIAMENTOS.....	135
CONSTRUÇÃO DA 2ª PARTE DO JANDAIA HOTEL .....	146
BERTELLI TOUR HOTEL.....	149
NO HOSPITAL.....	151
PROPRIETÁRIOS E FUNCIONÁRIOS .....	155

BELCHIOR SOARES E OUTROS HÓSPEDES.....	158
OBRAS DE CARIDADE E POLÍTICA.....	164
COLÉGIO SANTA TERESA DE JESUS .....	167
OS FILHOS.....	170
RESTAURANTE CASCATA.....	203
CHÁCARA .....	207
HINO DE AÇÃO DE GRAÇAS .....	211
ZONA FRANCA .....	214
Índice de Ilustrações.....	219

## APRESENTAÇÃO

Fidélis Dalcin Barbosa, frutuosa presença nas letras rio-grandenses, brinda-nos com Daniel Bertelli - Hoteleiro e pede que o apresente. Infelizmente, devo começar pelo lugar comum: é Fidélis Dalcin Barbosa que deveria apresentar-me, tanto é o brilho e conceito obtidos em nosso país, mercê de uma atividade constante e lúcida, em prol de nossas coisas. Obedeço, porém, à voz afetiva, que me ordena. Fidélis Dalcin Barbosa é dessas personalidades raras, que jamais cansam e jamais desistem. Nasceu para a cátedra e para a pena. Professor de méritos, já aposentando-se do magistério, deixa marca inapagável. Escritor prolífico, ele se volta para temas e dados, que aborde com visão e espírito pioneiros. Na imensa muralha rio-grandense, cabem-lhe pedras angulares e seteiras. Colhendo tradições, arquitetando romances, narrando histórias e interpretando nossos campos de cima da serra, bem como a imigração, de um modo geral, de nosso Estado, ele tem dado vida.

Daniel Bertelli - Hoteleiro é biografia e reportagem. É a vida de um homem que, descendente de velhas raízes europeias, aqui atua e consegue pleno êxito, nos mais diferentes meios. É uma prova da adaptabilidade e assimilação. O leitor, passando por diversas cidades, termina na fronteira, a nossa fronteira, de tantas tradições e memórias. E aí sente, graças ao detalhe e à visão de Fidélis Dalcin Barbosa, como se constrói e se aprimora e agiganta um empreendimento.

Os Bertelli, nome bastante comum no Rio Grande do Sul, aportaram nos primeiros dias da colonização. Encontram-se, hoje, em todo o Estado. Fazem parte daqueles que, radicando-se nas velhas colônias, remigraram, à busca de novas terras. E ao autor destas linhas cabe, gratificadamente, acrescentar que encontrou no corpo da narração nome de famílias que integraram as de seus maiores. Esta biografia, portanto, não é apenas, para quem escreve, mais uma realização cultural, digna de todo aplauso, passou também a ser uma peregrinação sentimental.

Fidélis Dalcin Barbosa dá-nos Daniel Bertelli - Hoteleiro, ultrapassando os limites do depoimento. A presença imigrantista, entre nós, está fadada a repercutir por muitos anos, como uma onda que, partindo de um centro, se derrama por uma vasta superfície. Um dia virá em que o grande lago da comunidade brasileira se tornará homogêneo. Até lá, porém, aqui e além continuarão a cintilar as velhas lembranças. Fidélis Dalcin Barbosa, nesta biografia, mostra-nos como um homem, deixando a lavoura pelos vinte anos, consegue adaptar-se à vida urbana, iniciar uma carreira e nela obter todo êxito. É indiscutivelmente a prova de um talento, que rompeu o caminho do êxito, graças aos seus esforços. É, porém, também uma vida que repetiu, com mais brilho, evidentemente, o que outros jovens realizaram neste estado e país, deixando a vida rural e buscando ansiosamente novos, horizontes. Fidélis Dalcin Barbosa, portanto, amplia a contribuição à história das correntes imigrantistas.

Obras como esta, que Fidélis Dalcin Barbosa nos oferece, são sobremodo bem-vindas. Espelham particularidades de um grande mundo, que não se compreenderá sem elas. Cabe-nos apenas cumprimentar ao incansável autor e augurar que, agora, mais liberto do peso do dia a dia, possa dar realidade aos grandes sonhos que ele sempre acalentou: escrever sobre nossas coisas. Com a alma de um pioneiro incansável, como sempre fez!

Mário Gardelin

## **IMIGRANTES**

Os imigrantes italianos, da Província de Treviso, João Bertelli e João Carrer integravam as primeiras levas de colonizadores que, em 1875, iniciavam o povoamento da serra dos rios das Antas, Taquari e Caí, no Rio Grande do Sul.

Épica aventura, a audaciosa penetração na mata alpestre, dominada, soberbamente, pela majestade de gigantescos pinheiros, de estípite reto, liso, caprichosamente torneado, sopesando no alto a airosa sombrinha de sua negra copa espinhenta.

O pinheiro-araucária, que, com seu saboroso fruto, viera, aqui, através de milênios, alimentando indígenas, bichos e aves, era agora a árvore providencial dos imigrantes, à semelhança do maná do deserto para os hebreus. Mais de um imigrante salvou-se de morrer de fome, comendo pinhão.

Dramática a etapa inaugural desta jornada aventureira! Longe de sua querida Itália, os colonizadores viam-se como que perdidos no labirinto do mataréu, à mercê de todas as privações, alheios aos mais rudimentares recursos.

Não havia um animal doméstico que lembrasse o lar da velha pátria. Nem um cavalo, uma vaca, um porquinho, um gato, um cão, uma galinha sequer. Quando o vizinho trouxe da colônia alemã de São Sebastião do Caí um casal de galináceos, foi uma festa!

O galo e a galinha acompanhavam os colonos até na roça, aberta numa clareira da mata, longe da casa. Aqui, a cada pouco, o gala alegrava os corações com seu canto, que, apesar da nota de profunda nostalgia, matava saudades.

A terra era fértil, mas excessivamente montanhosa. Multiplicavam-se as pedras e, logo adiante, escancarava-se um abismo, na áspera paisagem serrana.

Ainda nos primeiros dias, sobreveio uma tragédia na família do vizinho. Durante a derrubada, uma árvore, ao cair, esmagou um belo rapaz de 18 anos, que acabava de chegar com a mente povoada de sonhos...

\*

Chegando da Itália, João Bertelli, casado com Maria Fauri, e João Carrer, casado com Ângela Bortolini, iniciaram suas atividades agrícolas na antiga Colônia de Conde d'Eu que, em 1900, emancipando-se, receberá o nome de Garibaldi.

Logo nos primeiros anos, em 1878, nascia Antônio Bertelli, que se tornaria esposo de Francisca Carrer e chefe de numerosa família.

Casando, o jovem par recebeu convite para trabalhar na casa comercial da família Zilli, às margens do Taquari, na pequena localidade de Campinho, distrito de Santa Teresa, município de Bento Gonçalves.

Aqui, agora, durante o dia, ambos ocupavam-se no serviço do armazém. À noite, durante várias horas, capinavam ou colhiam milho na roça, ao clarão de uma fogueira. Dia e noite trabalhando.

Vida ingrata! Entretanto, suportavam com prazer aquela trabalhadeira extenuante, porque o patrão prometera-lhes sociedade em sua firma comercial.

Foi apenas uma promessa. Promessa verbal, sem algum documento escrito, de sorte que o patrão acabou alegando que a promessa traduzia apenas uma brincadeira. Na realidade, um expediente artificioso, enganador, que provocasse maior interesse e dedicação, por parte do jovem casal.

Quando a família Bertelli se deu conta da falsidade da promessa, já haviam decorrido alguns anos e nascido os primeiros filhos.

Era preciso não perder mais tempo e partir para nova aventura. Buscar outra ocupação.



**Figura 1 D. Francisca Carrer Bertelli, a mãe do Daniel, junto com 4 filhos: Orestes, João, Osvaldo e Celeste em Pato Branco.**



**Figura 2 Antônio e Francisca Bertelli, pais do sr. Daniel.**

## **EM ANTA GORDA**

Apesar do inconveniente da terra, terrivelmente montanhosa e pedregosa, de toda a bacia dos rios das Antas, Taquari e Caí, os heróicos colonizadores, escrevendo magnífica epopeia, venceram todos os obstáculos e transformaram as íngremes encostas numa ubertosa sementeira em flor.

A princípio, as atividades limitavam-se às lides agrícolas, predominando a implantação de vinhedos, cujo produto, o vinho, com o andar dos anos, se tornará uma das mais robustas fontes de renda do sul do Brasil. O trigo, o milho e outros cereais, por sua vez, atapetavam de ouro as encostas da serra.

Quase ao mesmo tempo, implantavam-se atividades comerciais e industriais, fazendo com que as velhas colônias de Caxias do Sul, de Bento Gonçalves, de Garibaldi, de Veranópolis e Antônio Prado, figurem hoje na relação dos pontos turísticos obrigatórios e das altas estatísticas da economia nacional.

Em apenas 25 anos, em razão do espantoso crescimento da população, mercê da prodigiosa prolificidade de todas as famílias de colonizadores, a região das velhas colônias italianas encontrava-se, praticamente, sem condições de receber novos imigrantes, enquanto urgia a abertura de outras frentes de colonização.

Surgia, então, na primeira década deste século, outra migração, a imigração interna, em busca das terras devolutas do Estado, em regiões de matas, das bacias do Taquari e do Uruguai.

Em poucas décadas, formam-se, então, dezenas de novas cidades no território extenso de velhos municípios gaúchos, como Vacaria, Lagoa Vermelha, Passo Fundo, Soledade, Palmeira das Missões, Santa Rosa... E, com o andar dos anos, os descendentes dos colonizadores italianos do Estado do Rio Grande do Sul transpõem os rios Uruguai e Iguaçu, para semear de centenas de cidades os Estados de Santa Catarina, Paraná,



Mato Grosso, Goiás e a própria Amazônia.

\*

A família de Antônio Bertelli foi uma das primeiras a formar a interminável corrente dessa migração interna, colonizando as terras de mata dos futuros municípios de Encantado e Guaporé.

Por conselho de pessoas amigas, a família de Antônio Bertelli, em 1907, transferiu-se para a região de Encantado, no atual município de Anta Gorda.

Auxiliado por outros povoadores, Antônio foi desbravando aquele sertão bravio, derrubando a mata, abrindo estradas, afugentando feras.

Foi ele um dos fundadores da Capela de São Luís da Linha Pedro Álvares Cabral, distante 8 km da cidade de Anta Gorda. Durante toda a sua existência, desempenhou, com zelo e dedicação, o cargo de fabricante da capela e colaborador da paróquia. Era o zelador da igreja, o organizador das festas e o fabricante dos ataúdes para todos os defuntos da comunidade.

Entre os pitorescos casos ocorridos durante os primeiros anos de vida este sertão, Antônio costumava narrar um fato humorístico acontecido com ele. Um dia, andando pela mata, assustou-se ao ouvir uma espécie de grito, que julgou ser de uma fera. Convidou alguns vizinhos para acompanhá-lo na caçada ao misterioso animal. Armados de espingarda de carregar pela boca, saíram andando na direção indicada pelo estranho grito. Foi uma gargalhada! Tratava-se, nada mais, nada menos, que de um velho monjolo, instalado ali, beira de rio, por um dos colonizadores.

\*

Naquela modesta localidade, nasceu a maioria dos filhos de Antônio e Francisca Bertelli. Eram, ao todo, 15 filhos, sendo que dois deixaram de existir ainda crianças.

Agricultores e vitivinicultores cultivavam quase toda a sua extensa propriedade. Trinta alqueires de terra. Quase três colônias.

Durante o dia, trabalhavam na roça. De noite, no paiol, despalhavam milho, enquanto rezavam o terço, realizando dois serviços ao mesmo tempo.

Depois, o seu Antônio perguntava: Tem milho para os porcos amanhã? Tem palha para as vacas? Então, agora, vamos para a escola.

A família reunia-se, então, na varanda da casa, todos sentados junto à comprida mesa, e Antônio passava a fazer o papel de professor, procurando alfabetizar os filhos, pois naquele tempo na localidade inexistia escola. Enquanto o pai dava aula, D. Francisca trançava palha de trigo para, com ela, depois, confeccionar chapéus.

Infelizmente, em 1933, com apenas 54 anos, Antônio Bertelli falecia, vítima de pneumonia dupla. Conforme seu desejo, foi sepultado vestindo a opa a Confraria do Santíssimo Sacramento, da qual fora sempre membro fiel.

D. Francisca, a braços com uma penca de filhos, não esmoreceu. Os filhos mais velhos iam casando e saindo de casa, em busca de novos horizontes. A viúva, corajosamente, tomou conta da casa e dos trabalhos. Levantava cedo e exigia que todos fizessem o mesmo. “*Andiamo bonora in colonia, perché le caldo* - dizia (Vamos para a roça cedo, porque faz calor). Às 11 horas, estaremos de volta. Trabalhemos para pagar as dívidas. De outra forma, seremos obrigados a vender terra.”

Ela nunca permitiu que se vendesse um palmo de terra. Mãe previdente, incutia nos filhos, de modo especial no Daniel, o espírito de economia, sempre com o pensamento na incerteza do futuro.



**Figura 3 D. Francisca, mãe do sr. Daniel Bertelli.**



**Figura 4 D. Amália Caleffi, mãe de D. Wilma.**

## **DANIEL BERTELLI**

Os 13 filhos adultos de Antônio Bertelli e de Francisca Carrer Bertelli, assim como todos os demais povoadores de sertões e fundadores de cidades, são coautores de uma epopeia de bravura e heroísmo, que deveria ser cantada em prosa e verso.

Com efeito, por ocasião dos festejos do centenário da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul, principiou a aparecer uma bela coletânea de obras narrando os feitos dos desbravadores, por iniciativa de historiadores e sociólogos, tendo à frente o professor Rovílio Costa, historiador e editor, Cidadão Emérito de Porto Alegre e membro da Academia Rio-Grandense de Letras.

O modesto autor deste livro, que desde 1952 conhece e admira um filho de Antônio e Francisca Bertelli, deseja associar-se a essa plêiade de escritores, com a finalidade de entoar um canto desta epopeia, um canto escrito por Daniel Bertelli.

Empolgado pela extraordinária figura humana deste neto de imigrantes, atraído pelo esplendor de suas realizações, o autor pede licença para narrar a fascinante história deste seu velho amigo, assim como a história de sua bela família e da sua grandiosa empresa.

Licença para cantar as bênçãos e maravilhas com que Deus coroou os anos desta existência apostolar, inteiramente consagrada ao engrandecimento da Pátria, ao bem da humanidade, às obras sociais, beneficentes e religiosas.

Conhecedor profundo da obra de Daniel Bertelli e de sua família, o autor sente-se como que obrigado a não deixar morrer no olvido tantos sublimes acontecimentos desta família abençoada. Registrar o poema de grandiosidade da bondade do Senhor, que não se omite de coroar de êxito o trabalho daqueles que o amam e o servem.

\*

Nascido no interior do atual município gaúcho de Anta Gorda, no dia 12 de março de 1921, Daniel conta, pois, em 1986, 65 anos de idade. Apesar da trabalhadora contudente desta longa jornada, mantém ainda hoje o mesmo vigor físico, a mesma disposição para a luta como nos verdes anos da mocidade, quando auxiliava a mãe e os irmãos nas lides agrícolas e pastoris, pois, como sabemos, aos 12 anos, tornava-se órfão de pai.

Senhor de um físico invejável de atleta, medindo 1 metro e 78 centímetros de altura, pesa em torno de 100 quilos. A neve dos anos já branqueou sua farta cabeleira.

D. Wilma, a esposa, mais jovem do que ele, será, desde o casamento, a companheira de todas as lutas, o anjo-da-guarda da família e da empresa.

Iédi, a filha primogênita, que fora sempre estudante de vanguarda em todas as escolas que frequentou, é hoje professora dedicada, ao lado do marido, o arquiteto Wayrton Bazzini, figura proeminente da sociedade santanense.

O Carlos Roberto, o Familiar Beto, formado em Administração de Empresa e Administração Pública, casado com a professora Maria Luíza Sala, filha do conhecido engenheiro porto-alegrense Florial Sala, é, há anos, o bravo diretor-gerente do Jandaia Turismo Hotel, de Santana do Livramento, propriedade da família Bertelli.

A Gládis, que durante seus estudos proporcionou aos pais tantas alegrias, como atleta, música e cantora e, depois, professora universitária, casou com o médico uruguaio Dr. Roberto Eula.

O César, ainda solteiro, cursa Direito na PUC de Porto Alegre. Na Capital do Estado, foi e continua sendo um eficiente colaborador das obras da empresa, auxiliando seu desenvolvimento.

Jandaia Turismo Hotel, o maior hotel de três estrelas do Estado, encontra-se, neste ano de 1986, funcionando com seus 140 apartamentos de luxo e três suítes, chamando especial atenção o restaurante Cascata, verdadeiro orgulho da hotelaria brasileira.

A chácara Nona Francisca, válvula de escape, lugar esplêndido para as poucas horas de lazer, fornece lenha, frutas, galinhas, ovos e outros produtos.

O Hotel Parque, adquirido em 1985, complemento do Jandaia Hotel, está confiado aos competentes cuidados do sr. Carlos Roberto Bertelli.

Daniel aprendera, quando pequeno, na escola domiciliar do pai, o abc e a assinar o nome. Sem outra instrução, buscará ilustrar-se durante os 27 meses de quartel e na escola da vida.

Apesar de nunca haver sentado em bancos escolares, adquiriu, ao longo dos anos e em função de sua profissão de hoteleiro, uma cultura regular, que lhe permite manter conversação com pessoas ilustradas e cultas, sobre qualquer assunto.

Recebe e lê todos os jornais diários da Capital do Estado, "A Plateia" e a "Folha Popular" de Livramento, e "El Pais", de Montevideú.

Nasceu com vocação de hoteleiro, assim como sua admirável esposa, D. Wilma. Dono de um poder de comunicação invulgar, vem criando uma infinda sucessão de amizades. Tem milhões de amigos.

Apesar de impulsivo e assomado, mantém sempre o bom humor. Vive brincando com os hóspedes, os amigos, todo mundo.

Católico de berço, praticante fervoroso, sempre colaborou e colabora com os Vigários de todas as paróquias onde morou. É membro do Movimento Familiar Cristão e Cursilhista.

Gremista apaixonado, vive cantando: "Até a pé nós iremos..."

## NO QUARTEL

Até a idade de 21 anos, Daniel viveu a vida modesta e dura dos colonos. De manhã à noite, plantando milho, trigo, batatas, feijão, lavrando a terra, capinando, colhendo cereais, cuidando do vinhedo, da criação... Os irmãos iam casando e deixando o lar paterno, enquanto ele permaneceu ao lado da mãe e dos irmãos menores.

Em 1942, durante a Segunda Guerra Mundial, Daniel foi convocado para o Serviço Militar. - Mais um que parte, chorava a aflita mãe. - Mais um que vai deixar-me...

Foram 27 meses de caserna, na cidade gaúcha de Bagé. 27 meses de aprendizagem como em curso universitário. Daniel guarda imensa saudade do quartel. Não se esquece dele e vive cantando o tempo passado nele.

Ah, quartel de minha Pátria! Eu te aclamo e bendigo em altos brados. Tiraste-me da vida obscura da colônia para colocar-me no esplendor de uma cidade! Escola que ensinou a trilhar os caminhos do mundo! Escada que me ajudou a galgar a montanha e poder hastear no seu cimo a bandeira da conquista! Campo de treino onde me exercitei no manejo das armas, para vencer os combates da vida!... Abençoado quartel, nunca mais te esquecerei!

Soldado humilde e comportado, não conhecia vida profana. Saindo do quartel, sempre que podia, visitava uma igreja, onde orava pela mãe distante e pelos irmãos.

*Um belo dia, o tenente Ferlício chama:* - 1212, dos 32 soldados da serra, da colônia, você foi escolhido para frequentar a escola regimental. Você terá a incumbência de manter a sala bem limpa. De hoje em diante, você não responde à chamada. Está desarranchado.

Três vezes por semana, frequentava a escola do regimento. Uma aula rápida, resumida, ministrada por um sargento. Embora fraca, nela sempre foi possível alfabetizar-se e aprender a fazer alguma conta.

O livro de reza ajudava-o a praticar a leitura. Se algum domingo Daniel não podia ir à missa, pegava o livro de reza, fazia suas orações, enquanto se exercitava na leitura.

Estava muito feliz por haver aprendido a ler! Ah, o que seria do rapaz, se não tivesse aprendido a ler?!...

\*

Não parou ali a felicidade do moço. Pouco depois, foi convidado a servir a mesa dos oficiais. Desempenhava o seu papel com orgulho e esmero, servindo a mesa dos oficiais e convidados.

Conservava o salão, o lugar de reuniões, bem limpo, procurando zelar pela boa aparência daquela peça. Encerava o assoalho, tirava o pó das mesas e cadeiras. Limpava os cinzeiros.

Para o almoço o oficial do dia, às vezes, trazia a esposa ou a noiva. Então, Daniel servia-lhes a mesa com a maior delicadeza.

Assim, providencialmente, ele estava preparando a profissão do seu futuro, a profissão de hoteleiro. Saindo do quartel, imitaria o exemplo do seu irmão José, então hoteleiro em Passo Fundo e, mais tarde, em Lagoa Vermelha.

Daniel adorava aquela vida. Pensava: Quando sair do quartel, já parto com a profissão garantida... Ele já não tinha intenção de retornar para o meio rural, para a colônia, a colônia dos imigrantes, já superada e obsoleta.

O bom desempenho e exemplar comportamento do rapaz fizeram com que, sem demora, fosse promovido a ajudante do Subcomandante, o Major Aragão. Embora austero e rígido, este oficial dava liberdade para o rapaz sair do quartel quando quisesse. Dizia o Major: 1212, vá na minha casa levar isto.

Daniel, muito humilde e obediente, ia e voltava logo. O Major confiava nele. Havia dado ordem na portaria de que Daniel não tinha hora para sair e entrar. O Subcomandante sabia que os rapazes da colônia eram



todos católicos praticantes. Então, se se atrasavam, era por que haviam entrado numa igreja.

A comunhão pascal tinha lugar na igreja de Nossa Senhora Auxiliadora dos Padres Salesianos. Quem servia a mesa, após a comunhão, era o Daniel.

- Gringo - dizia o Capitão Garcia -, toma conta da turma e arruma a mesa para servir o chocolate.

O chocolate, em lugar de café, era servido no pátio, que existe atrás da igreja Auxiliadora. O domingo da Páscoa dos Militares era um dia festivo.

Mas, no quartel, o rapaz passou horas amargas. Os soldados da colônia, os de origem italiana e alemã, durante a Guerra, sofriam perseguição por parte de certos colegas, que os chamavam de *quinta-coluna*, palavra extremamente desonrosa naquele tempo. Chegou ao ponto de ser baixada ordem proibindo o uso desta palavra.

Um dia, Daniel foi destacado a acompanhar quatro presos até Porto Alegre. Aproveitou, então, para pedir licença de visitar a mãe, que não via há mais de um ano.

Da Capital, foi de vapor até Mariante. Daqui para a frente, teve dificuldade de viajar, porque, naquele tempo, não era permitido aos caminhoneiros dar carona. No entanto, sendo militar fardado, pode convencer um motorista a levá-lo.

Antes de dar baixa do quartel, visitou mais uma vez a mãe. Findo o Serviço Militar, ao chegar em casa, diz:

- Mãe; eu vou ficar em casa provisoriamente. Creio que não faço falta, não é? Há quatro irmãos ajudando. E o José precisa de mim no hotel em Lagoa Vermelha.

- Ah, meu filho - respondeu D. Francisca - eu gostaria muito que fosses trabalhar com o José. Ele é muito esforçado. Com ele, nada tens a perder, só a ganhar.



**Figura 5 Em 1942 e 43 Daniel prestou serviço militar e, Bagé.**

## **LAGOA VERMELHA**

Antes de auxiliar o José em Lagoa Vermelha, Daniel trabalhou cerca de um ano com o irmão João, em São Valentim, então distrito de Erechim. João, dono de uma ferraria, é pai de Oscar, que será seu auxiliar no Hotel Avenida em Lagoa Vermelha e, hoje, conceituado hoteleiro no Estado do Paraná.

Em 1947, transferindo-se para Lagoa Vermelha, Daniel passou a trabalhar no Hotel Avenida do irmão José em sociedade com Alípio Fernandes.

O Hotel Avenida situava-se na esquina da avenida Benjamin Constante com a rua André da Rocha, defronte da Escola Rainha da paz e ao lado da antiga estação rodoviária. A esquina fora adquirida do Cel. João Lúcio Nunes, pela família de Ernesto Bigarella para instalação da estação rodoviária e restaurante.

A casa da esquina, de madeira, dois andares, que, a princípio, servia de restaurante da estação rodoviária, Ernesto Bigarella e os filhos Algacyr e Victor venderam a Carlos Zellen, que a transformou no Hotel Avenida. O hotel passou, depois, para Henrique Bellio, antigo dono do Hotel Brasil. Hoje, nesta esquina, ergue-se o Hotel Stedile, junto com a loja da mesma família. No prédio da rodoviária, funciona, atualmente, o armazém de Laurindo Stedile.

José, depois de exercer a profissão de hoteleiro durante quatro anos em Passo Fundo, transferiu-se para Lagoa Vermelha. Seis meses após vendeu o Hotel Avenida, como veremos; adquiriu com o referido sócio, Alípio Fernandes, um terreno de Tito Lívio Muliterno e construiu o Novo Hotel, um belo edifício de alvenaria, que, durante longos anos, foi o hotel mais importante da região.

Passados quatro anos, José Bertelli vendeu a existência do Novo Hotel a Alfredo Tonietto. Mais tarde, o prédio e a existência foram adquiridos pelos sobrinhos Ambrósio e Silvestre Pasetti.

José mudou-se para Nova Londrina, no norte do Paraná, onde se estabeleceu com o Cine Brasil. Infelizmente, no dia 4 de agosto de 1954, durante uma caçada, morreu tragicamente.

Deixou a esposa, D. Maria Rosa Bertolini Bertelli, e três filhos. Nelita, a mais velha, casou com o Dr. Hércules José Pereira, gerente da agência do Banco do Brasil em Araraquara, São Paulo. Eleonice Maria, muito bonita, foi Miss Lagoa Vermelha, Rainha da Rádio Cacique, Rainha da Exposição, Vice Miss Suéter, tendo ainda concorrido para Rainha das Piscinas e outros concursos de beleza. Casada com Laerte Kramer, tem os filhos: Wilian Antônio e Jackson José. Euler José, muito viajado, vai seguidamente à Suécia, onde tem um filho.

A viúva de José Bertelli, com seus filhos e genros, toma conta atualmente do Novo Hotel, em Lagoa Vermelha, com exceção de Nelita, que é sócia, mas reside em São Paulo.

\*

Como aconteceria mais tarde em Santana do Livramento, Daniel chegou em Lagoa Vermelha na época das vacas gordas. O município encontrava-se em pleno desenvolvimento, com a sistemática exploração da sua maior riqueza, a madeira. Existia, então, aqui, a mais extensa reserva florestal de pinheiro-araucária do Rio Grande do Si. Era conhecida como a Capital do Pinho. Funcionavam mais de 400 serrarias. As grandes empresas exportadoras de madeira tinham aqui suas filiais: lochpe, Sibisa, Fontanive, Paese... A grande empresa "Araucária" surgiu aqui, no distrito de Ibiraiaras.

Município imenso, abrangia, então, os atuais municípios de Sananduva, São José do Ouro, Ibiraiaras, Ibiaçá, Maximiliano de Almeida, Paim Filho, Cacique Doble, Machadinho e Barracão, que hoje formam a Grande Lagoa Vermelha.

Há mais tempo, fez parte de Lagoa Vermelha todo o território dos atuais municípios de Veranópolis, Nova Prata, Nova Araçá, Nova Bassano, Paraí e Cotiporã. Houve mesmo época, lá por 1876 a 78, que todo o

nordeste do Estado gaúcho, compreendido entre os rios das Antas, Pelotas, Carreiro e Ligeiro, pertencia ao município de Lagoa Vermelha. Era um dos maiores municípios do Estado, com cerca de 40 mil quilômetros quadrados. Vacaria, Bom Jesus e Antônio Prado pertenceram a Lagoa Vermelha.

Cidade antiga, fundada por tropeiros paulistas, na década de 1840. Os povoadores de origem lusa ocuparam apenas a região dos campos, desprezando as terras de mata, que constituíam a maior parte do território, de infindos pinhais.

Por volta de 1900, imigrantes das velhas colônias italianas principiaram a penetrar na zona da mata do município. Esses imigrantes internos fundaram então os referidos municípios da Grande Lagoa Vermelha.

Lagoa Vermelha foi também o berço da vida econômica de outro descendente de imigrantes, a saber, Daniel Bertelli. Aqui, no Hotel Avenida do irmão José e do fazendeiro Alípio Fernandes, iniciou sua carreira triunfal de hoteleiro. Daí por diante não teve mais sossego. Foi vencendo batalhas após batalhas. Triunfos após triunfos.

Foi o caso que, seis meses depois de iniciar o serviço no hotel, auxiliando o irmão, este e seu sócio venderam-lhe a propriedade, o hotel, a existência, tudo. Então, fortemente assessorado por Teodolívio Fernandes, irmão de Alípio, como num sonho maravilhoso, tornou-se, da noite para o dia, dono de um grande hotel...

Rapaz solteiro, sem dinheiro algum, sua estrela, que já era promissora, deu de brilhar com intenso fulgor. Entrou no campo de lura com pé direito e, batalhando, sempre batalhando, vencendo duros combates, atingiu o topo da montanha. Hoje, cercado de filhos e netos, como um rei, como um general, governa um pequeno reino, formado por sua família, seus netos e sua empresa.



**Figura 6 1946 - José Bertelli, irmão do sr. Daniel.**



**Figura 7 1954 - Daniel e D. Wilma com os filhos Lédi, Carlos Roberto e Gládis.**



**Figura 8** A primeira condução F - 1-1950 de Daniel Bertelli - Lagoa Vermelha 1953.



**Figura 9** Daniel aos 24 anos.



**Figura 10** Em Lagoa Vermelha, Daniel e D. Wilma testemunhas do casamento de Romeu e Eulália Mendes Pacheco.



**Figura 11** Daniel ao lado de D. Wilma, discursando na despedida do Dr. Hélio de Carvalho, 1º presidente da comissão da Igreja Nossa Senhora do Rosário.



## **O SÓCIO TEODOLÍVIO FERNANDES**

Os Fernandes, nove irmãos, descendem de pioneiros que fundaram Lagoa Vermelha. O avô, Joaquim Antônio Fernandes, era paulista. Veio para cá ainda solteiro. Casou em 1852 com Maria Nunes da Silva, filha de outro pioneiro, José Nunes da Silva, vulgo Juca Chiquitu, cunhado do legendário João Mariano Pimentel, cuja fazenda e cuja família foram assaltadas em 1851 pelos índios Coroados, praticando horrível chacina e levando até o pequeno João, pai do Coronel Libório Pimentel, grande amigo do Daniel, e que foi Prefeito Municipal de Lagoa Vermelha durante quase dez anos.

Teodolívio contava que seu avô, um dia, andando pelo campo, laçou uma onça. Esta, lançada, avançou contra o cavaleiro. O cavalo em que ia montado, com seu instinto de defesa, porque a onça costuma montar a cavalo para fugir do perigo, deitou-se no chão. Os dois enormes cachorros entraram em luta. Quinzote desapresilhou o laço e, onça e cachorros, foram acabar de brigar no mato.

Durante a Revolução Federalista de 1893, Quinzote foi preso em Alfredo Chaves, hoje Veranópolis, juntamente com o filho Sátiro. O pai foi degolado e o filho, quando ia sofrer a mesma marte, conseguiu desvencilhar-se e fugir, sendo apenas ferido numa perna. Viveu 90 anos, vindo a morrer em 1948.

O Capitão Sátiro Fernandes, pai de Alípio e Teodolívio, morava no Turvo, hoje distrito de André da Rocha. Foi ele que introduziu o gado da raça Devon em Lagoa Vermelha, trazido da Fazenda Pedras Altas do Dr. Assis Brasil. Da mesma fazenda, trouxe para cá as primeiras sementes de eucaliptos. Sátiro ainda introduziu no município o uso do banheiro carrapaticida, sendo, a princípio, muito combatido pelos pecuaristas locais.

Valdomiro Fernandes, irmão de Teodolívio, é pai do Dr. Ivo Rodrigues Fernandes, advogado e pecuarista, ex-assessor jurídico do Banco do Brasil e ex-chefe da Consultoria jurídica do Banco Central em Brasília.

O tio de Teodolívio, José Nunes da Silva Filho, foi assassinado por ter se envolvido num caso amoroso da família Fogaça, proprietária da Fazenda Sarandi, no Turvo. Para fugir a vingança, que certamente viria, a família Fogaça mudou-se para São Francisco de Paula, permutando sua fazenda com a da família Mesquita, a numerosa e ilustre família Mesquita.

Outro tio de Teodolívio, igualmente pelo lado materno, Antônio Nunes da Silva, era um gigante. Por ocasião da partilha da fazenda, Antônio, vendo-se roubado, vibrou um murro violentíssimo sobre a mesa, que se partiu. Depois deu uma tremenda surra no juiz e seus acompanhantes. Um dia, já de noite, compareceu na Fazenda do Barreiro uma escolta para prendê-lo. Antônio, percebendo a presença de soldados, disse que só abriria a porta da casa ao clarear do dia. Os soldados foram abrindo uma fresta na parede do rancho, que era de barro, e o alvejaram, sentado, à mesa, fumando e tomando chimarrão. Foi em 1883, tendo ele 35 anos.

\*

Pois Teodolívio Fernandes, que morava em sua fazenda em Cruzaltinha, então município de Passo Fundo, comparecia seguidamente no Hotel Avenida, onde se hospedava.

Fazia seis meses que Daniel trabalhava de empregado no hotel, quando um dia seu irmão José lhe diz:

- Daniel, tu vais tornar conta do hotel, sabias? Quanto dinheiro tens?

- Só tenho dois contos e quinhentos. Que vou fazer com esse dinheiro? Não conte comigo, mano.

- Não, mas o preço disso aqui é só de 70 contos.

- Pois então, não vês que faltam 67,50?

- Não, mas vais ter um sócio. Um fazendeiro que vai pagar tudo. Esse fazendeiro faz seis meses que está aqui acompanhando teus passos. Tu não sabes?

- Não. Quem é ele?

- Teodolívio Fernandes.

- Eu não sabia.

- Ele compra e não quer saber disso aqui. Está hospedado aqui e desde a manhã até altas horas da noite ele te acompanha. Está te pesando. Tu não sabes que ele está seguindo teus passos?

- Eu não acredito.

- Ele não quer conversa com ninguém, mas na realidade está seguindo teus passos. Ele vê que tu vais à missa aos domingos e voltas logo a trabalhar. Pois ele confia em ti, Daniel. Então, ele vai pagar tudo. Quem vai comprar isso aqui é teu sócio, Teodolívio Fernandes. O irmão dele, o Alípio, vai construir comigo outro hotel, lá em cima, nessa mesma avenida.

Efetivamente, Teodolívio, um dia, sentou ao lado do Daniel. Conversou com ele. Perguntou se ele fumava, se bebia, se jogava. Não, Daniel não fumava, não bebia e não jogava.

- Vais casar? - perguntou.

- Pretendo - respondeu Daniel.

- Pois eu queria que tu casasses com uma moça de origem italiana.

- Pois é, seu Teodolívio, eu já estou namorando uma jovem de origem italiana.

Pois bem. Feito o negócio, comprado o hotel, Daniel tomou conta da sua direção, do seu andamento, de tudo. No primeiro mês, o lucro foi de 15 contos de reis. Muito dinheiro naquele tempo. Coisa de louco! Um movimento maluco! Mas era preciso trabalhar. Dia e noite.

Precisava casar com urgência, a fim de ter uma companheira e auxiliar. Então, ele, Daniel, foi em busca de D. Wilma.



**Figura 12** Edi Fernandes filha de Teodolívio Fernandes casada com o sr. Ivo Hoffmann.



**Figura 13** D. Lídia Dias Fernandes e o Carlos Roberto, seu afilhado.



**Figura 14** O Prof. Arduínio Zancan no dia do casamento com Olinda Fernandes, sócio do Hotel Avenida, em Lagoa Vermelha.



**Figura 15** Teodólvio Fernandes, sócio do Hotel Avenida, de Lagoa Vermelha.

## **CASAMENTO**

Na realidade, a conquista não foi do rapaz. Ele foi conquistado por D. Wilma, que residia no interior do município de Erechim.

Wilma Cezira Dalpasquale, filha de Domingos Dalpasquale e de Amália Caleffi Dalpasquale, nasceu no dia 10 de maio de 1926, na pequena localidade de Floresta, que mais tarde se tornaria município com o nome de Barão de Cotegipe.

Jovem distinta, prendada, foi criada no seio de uma família modelar e educada em colégio de religiosas. Seu pai, Domingos Dalpasquale, era forte comerciante e fora um dos fundadores de Barão de Cotegipe, havendo emigrado da região de Encantado e Anta Gorda.

O exórdio do amor entre os dois jovens constituiu um capítulo interessante na história do casal. Um dia, Daniel foi a São Valentim visitar o irmão João, cujo filho, Oscar, trabalhava no Hotel Avenida. Nelci Capelari, cunhado de D. Wilma, casado com D. Ilsa, trabalhava na firma madeireira Demamann, em Lagoa Vermelha.

Nessa passagem por Floresta, o rapaz entrou na casa comercial de Domingos Dalpasquale e perguntou à Ilsa se não queria mandar algum recado ao marido. Foi quando D. Wilma perguntou à sua irmã quem era aquele “moço bacana”. “Quando fores de mudança para Lagoa, irei contigo – disse ela, toda sorridente”.

Daniel, alto e magro; ela de estatura mediana, mais baixa que alta. Muito linda. Fala macia. Calma. Carinhosa. Muito ativa.

Então, quando a Ilsa se mudou para Lagoa Vermelha, a Wilma foi junto e ficou por lá 20 dias, ajudando a irmã, que tinha um filho pequeno. No dia 21, a Ilsa estava de aniversário e Daniel foi convidado para a festinha.

Sentados à sombra dos cinamomos, diante da casa, conversando e tomando chimarrão, Daniel fez um convite, programando um divertimento para a noite. Iriam ao cinema, no Cineteatro Guairacá, hoje desativado. A

Wilma foi acompanhada do cunhado.

No dia seguinte, a Wilma retornou para sua casa, de ônibus. Uma viagem maravilhosa, encontrando-se ela numa euforia incrível, sonhando com o belo amor e muitos castelos.

Seguiu-se uma série de telegramas e cartas. Um dia, Daniel recebeu convite para a grande festa de Barão de Cotegipe, no dia 1º de novembro. Foi. Um encontro inesquecível!

Agora, uma vez por mês, Daniel ia visita-la. Oito viagens. Por fim, no dia 11 de fevereiro de 1948, noivaram. O casamento aconteceu no dia 29 de maio do mesmo ano, na Matriz de Barão de Cotegipe, celebrado pelo Pe. Estanislau Pollon, que por muitos anos foi vigário desta paróquia. Testemunhas, Teodólvio e D. Lídia Dias Fernandes, junto com José Bertelli e esposa.

A noiva estava lindíssima, no seu amplo vestido branco, arrastando pelo chão. O noivo, de bigodinho elegante, todo vestido de preto, lenço branco no bolsinho do paletó e uma flor branca na lapela.

Era manhã, num dia de chuvarada bravia, que encharcou as estradas, tornando-se quase intransitáveis. Por isso, na viagem para Lagoa Vermelha, os dois automóveis, sendo um táxi, atolaram várias vezes. Foram obrigados a pernoitar em Charrua, a meio caminho, chegando ao destino só às 12 horas do dia seguinte. O percurso, que hoje se faz em duas horas, era de menos de 150 quilômetros.

\*

Começaram logo a trabalhar no hotel. “Foi uma luta – recorda Daniel. – Ainda nos primeiros dias, a cozinheira saiu. A Wilma tomou conta do restaurante, praticamente sozinha. Chegava a noite e ela estava entregue. Então ela se retirava para o quarto, a chorar.”

Às 11 horas, Daniel trazia um quarto de carne às costas, lá do açougue do Titton, perto do correio. Chegava e logo retornava para buscar outro. Dois quartos de carne por dia. Davam duzentas, trezentas refeições

por dia.

Então, às 11 horas, Daniel perguntava:

- E a Wilma?

- Está no quarto chorando.

Ela ia lá chorava com ela... A casa cheia de gente. Três ônibus estacionados na frente do hotel.

- Wilma, por que choras?

- Daniel, me deixa chorar. Aqui, longe da mãe, eu não posso me acostumar. Me deixa chorar. Depois eu te ajudo.

Ele chorava mais um pouco junto e depois saía. Dava umas voltas. Ia à estação rodoviária, ao lado, comprava uns bombons para a esposa. E assim, com jeito, conseguia trazê-la para fora do quarto. E trabalhavam juntos duas, três, quatro horas.

“Felizmente – confessa Daniel – Deus me deu calma para agir sempre com boas maneiras. Ao cabo de um mês, consegui com que ela se tornasse mais crente do que eu no serviço do hotel. Coisa extraordinária! Ela tornou-se daí por diante amante do serviço, entusiasmou-se, apaixonou-se. Conscientizou-se de sua missão, de sua responsabilidade, vendo o fruto do nosso trabalho.”

O hotel dava uma renda fabulosa na época, fazendo com que D. Wilma se convencesse de que valia a penas sofrer, valia pena ocupar-se numa tarefa de que a princípio não gostava.

Era de ver com que solicitude, à meia-noite, às duas da madrugada, recebia as famílias que emigravam para o norte do Paraná, atraídas pelas terras do café. Famílias com crianças. Era preciso dar comida e hospedagem. D. Wilma quebrava o galho. Acomodava a todos. Alimentava a todos com uma refeição rápida, de emergência, com bifes, pão e café. Leite para as crianças...

Por sorte, pouco tempo depois, Daniel conseguiu trazer de Passo



Fundo a Tita, Tercília Rigatti, também conhecida por Baixinha. Trabalhava no Hotel Brasil, em Passo Fundo. Estava separada do marido. Tinha um casal de filhos. Veio, mas daí a pouco quis sair. D. Wilma insistiu que ficasse mais uns dias. Foi ficando, foi ficando, até que nasceu a primeira filha, a Lédi. Agarrou-se na criança. Depois no Carlos Roberto. Durante muitos anos, foi um poderoso reforço no Hotel Avenida. Sua filha acabou casando com o sobrinho Domingos Pasetti, conforme veremos.



**Figura 16 25-5-1948 – Na matriz de Barão de Cotegipe, Daniel Bertelli casa com D. Wilma Cezira Dalpasquale.**



**Figura 17 1946 – A família Bertelli e D. Amália Caleffi.**



**Figura 18 Ilsa, irmã de D. Wilma.**

## **HOTEL AVENIDA**

Além do Hotel Avenida, havia em 1947, em Lagoa Vermelha, o Hotel Brasil, ao lado da Escola Rainha da Paz. Era de Mário Manso. No dia 4 de janeiro de 1953, incendiou, ficando literalmente destruído. O sr. Daniel ajudou a combater o fogo, que principiava a pegar na escola.

Na antiga Praça Mal. Deodoro, bem no centro da cidade, funcionava o conceituado Hotel Colorado, de Octaviano Teles, hotel que ainda funciona com outros donos.

Como sabemos, em 1948, foi construído o Novo Hotel. Em 1949, foi inaugurado o Hotel Guairacá, ao lado do cinema, ambos de Dileta Cunha & Filhos, hoje desativados. Quando a estação rodoviária se transferiu para onde se encontra, a família Bigarella construiu um belo edifício de dois andares, com restaurante, lojas e o Lagoa Hotel, que durante alguns anos fora confiado ao forte comerciante Constantino Gavros, e, a seguir, a Ilse Pittan.

Mais recentemente, foi inaugurado o Hotel Oro, hotel moderno, de propriedade de Adelino Oro, com lanchonete e bar. Há ainda, como sabemos, o Hotel Stedile e o Hotel Bela Vista. Este, durante algum tempo, pertenceu a Domingos Pasetti, sobrinho do sr. Daniel Bertelli. Agora chama-se Hotel Real e pertence a Hermínio Cavagnoli.

Visto que o município era muito grande, havia sempre hóspedes do interior. O distrito de Ibiaçá atraía milhares de romeiros, que passavam, na maioria, por Lagoa Vermelha. Iam lá visitar o Santuário de Nossa Senhora Consoladora e receber a bênção do seu idealizador, o Pe. Narcizo Zanatta. Daniel e D. Wilma tomaram parte em várias romarias a Ibiaçá.

Um dos hóspedes mais assíduos era João Tumelero, de Sananduva, pai dos empresários do Grupo Tumelero. Os filhos, naquele tempo, eram alunos internos do Ginásio Duque de Caxias: Márcio, Melson, Venício, Milto e Maximino. Os Tumelero, em 1985, serão hóspedes do Jandaia Hotel da família Bertelli, em Santana do Livramento, onde abriram a

maior loja da cidade, loja de ferragens, móveis, material de construção.

Uma vez por mês, o Hotel Avenida hospedava os vereadores do interior: Adolfo Stella, Graciano Camozzatto, Álvaro Toso, José Cirino Rodrigues, Pedro Dal Zotto, Armindo Raymundi, Armando Biavatti, Francisco Zoanazzi, Luiz Dal Prá, o Garcez, o Mesquita, o Genes de Araújo...

Daniel brincava com todos. Reuniam-se na cozinha, tomando chimarrão, comendo pinhão. Ele gostava, sobretudo, de mexer com o sr. Luiz Dal Prá, que era bastante tímido: - Seu Dal Prá, então seu projeto foi rejeitado hoje na Câmara, não é?

O Álvaro Toso costumava dizer: - Hoje não vou jantar. Vou lá na cozinha. Quero somente seis ovos, uma cestinha de pão e uma garrafa de vinho.

Mas as brincadeiras do hoteleiro, por vezes, acabavam dando prejuízo. O Genes Vargas de Araújo, vereador e madeireiro, foi um dia vítima das brincadeiras do Daniel. Este mentiu para dois motoristas dos caminhões do empresário que o patrão andava aborrecido com eles. Foram logo tirar satisfação, entregando as chaves dos caminhões.

Dias após, o Genes desconfiou. Perguntou se não fora lá no Hotel Avenida que tiveram informação. "Está aí a bobagem - disse ele - Fofoca do Bertelli. Mas ele vai me pagar."

Inventou o Genes que o Tomás, um excelente hóspede permanente, que pagava só no fim do mês, iria levar o fora do Bertelli porque não pagava a conta. Dito e feito. Perdeu o freguês. Passado um mês, descobriu a sacanagem do Genes.

Um dia, Daniel escreveu num pacote de Virgílio Teixeira, mais conhecido por Virgílio Muliterno: "Virgílio Muliterno - comunista". O motorista do ônibus, Hugo Tasca, disse ao passageiro: - Virgílio, sabe que eu não posso levar gente comunista.

Outra vez, escreveu num pacote: Querido Virgílio, um beijo da tua

Amélia. Em casa, a esposa entrou em pânico. E ele: Mulher, tu não sabes que é tudo fofoca desse gringo do Hotel Avenida?

Um dia, pregou uma peça ao seu grande amigo Antônio Mendes de Araújo, logo que este decidiu candidatar-se a vereador. Colou na pasta dele uma folha de papel com estes dizeres: "Antônio Mendes de Araújo, candidato a vereador pelo PTB."

Araújo saiu à rua em campanha política. Logo topou com Gil Cordeiro, um fazendeiro de Capão Bonito, ao qual pediu o voto. O amigo olhou para a pasta, leu aquelas palavras e estranhou:

- Seu Antônio, qual é o seu partido?

- É UDN.

- Mas aqui está escrito PTB.

- É uma barbaridade! Com aquele gringo do Hotel Avenida ninguém pode. Foi ele.

Félix Ibiapina, hóspede permanente do Hotel Avenida, era um cearense que começou a vida em Lagoa Vermelha, havendo, inclusive, contraído casamento com uma jovem lagoense. Tendo retornado para o Ceará, é hoje comerciante, fazendeiro e vereador na sua cidade natal.

Félix era camelô. Para atrair compradores de suas mercadorias, servia-se de um lagarto domesticado, que ficava parado diante da banca. O lagarto hospedava-se com seu dono no Hotel Avenida, uma vez que o bicho, como gente, ajudava no negócio.

Bertelli não gostava de dar acolhida àquele hóspede que não tornava banho e não pagava diária. Um dia, o hoteleiro reclamou e pediu ao seu cliente que não levasse mais o lagarto para o quarto.

Certa manhã, entrando no quarto do cearense, Daniel dá outra vez com o bicho. Não teve dúvidas. Agarrou-o pela cola e jogou-o pela janela fora, lá do segundo andar...

Daniel ajudava sempre nas festas da igreja no salão paroquial.

Festas concorridíssimas, em que todo mundo tomava parte. Os leiloeiros eram o Carlinhos Iglesias e o Primo Caon.

Uma noite, o hoteleiro combinou com o Frei Huberto, o vigário, pregar uma peça a um amigo conquistador. Redigiu um bilhete nestes termos: "Meu querido, hoje de noite te espero atrás do açougue Titton. O Frei Huberto mandou um guri entregar."

O guri foi lá, largou o bilhete em cima da mesa. A esposa pegou, leu e já deu briga. Levantaram-se os dois e saíram do salão. O Frei Huberto, que morria de rir, agachado atrás do balcão da copa, disse: - Bertelli, está aí o prejuízo...

Mas o próprio Frei Huberto foi um dia vítima das brincadeiras do Bertelli. O padre foi almoçar no hotel numa quarta-feira de Quaresma, dia de abstinência de carne naquele tempo.

A mesa, estavam reunidos os vereadores e outros hóspedes. A Tita, por ordem do hoteleiro, trouxe um belo bife e serviu o vigário, que, sem se dar conta e sem esperar pelos outros, entrou a comer avidamente. Daniel estava colocado atrás do padre. O Zeno Becker, de cujo casamento o Daniel e D. Wilma foram testemunhas, perguntou ostensivamente:

- Frei Huberto, mas hoje não é dia de abstinência de carne?

Ele, confuso, humilhado por aquela gargalhada geral, respondeu rápido:

- Hoje todo mundo está dispensado.

A simpatia e as brincadeiras do dono do Hotel Avenida faziam com que o número de hóspedes crescesse sempre mais. Eles vinham de toda a atual Grande Lagoa Vermelha. Lucro fabuloso! Cada fim de mês, Daniel e D. Wilma prestavam conta ao seu sócio, o fazendeiro Teodolívio Fernandes.

A profissão do casal Bertelli era de hoteleiro. Outra profissão não lhes serviria. Uma vez compraram uma padaria em sociedade com a família Pedrotti. A sociedade durou pouco tempo, assim como uma serraria que compraram em sociedade nos Três Pinheiros. Fizeram até promessa de

doar uma imagem de Nossa Senhora para a Escola Rainha da Paz, se conseguissem desfazer a sociedade. A linda imagem de Nossa Senhora da Paz ainda se encontra na escola.

Em Lagoa Vermelha, nasceram três filhos. A Lédi, no dia 22 de abril de 1949. Padrinhos: Ângelo Grando Sobrinho e Matilde Grando. O Carlos Roberto, no dia 16 de janeiro de 1951, tendo sido padrinhos de batismo os sócios, sr. Teodolívio e D. Lídia Dias Fernandes. Em 7 de março de 1954, nascia a Gládis. Apenas o César não nasceu em Lagoa Vermelha, mas em Passo Fundo.

Com a Lédi, ainda pequena, aconteceu um fato digno de registro. Um dia, o motorista dos ônibus da empresa Tasca, o Hugo, entregou ao seu Daniel um relógio para que fosse confiado ao seu dono, que o havia mandado consertar em Passo Fundo. Pediu que não entregasse sem pagamento. O conserto havia custado dois cruzeiros.

Quando o hoteleiro ia entregar o relógio e dava o recado, não é que o dono puxa de uma faca e tenta apunhalar o Bertelli pelas costas. Por sorte, alguém deu um grito e ele caiu fora. Naquele instante, vendo que podia estar morto, Daniel perdeu a cabeça.

Foi ao quarto. Agarrou o revólver. Era um 32 muito bonito, que havia comprado de um Godinho e que ainda guarda. Carregou-o com seis balas. Quando ia saindo do quarto atrás do agressor, a Lédi, pequena, gatinhando, para diante do pai e diz: - Pai, guarde o revólver. O senhor vai para a cadeia.

A menina ainda não falava e decerto não disse estas palavras. Mas Daniel tem certeza absoluta de que ouviu a criança falar. Imediatamente, guardou o revólver. Agarrou a filhinha ao colo e cobriu-a de beijos: - Sim, minha filha, o pai já guardou o revólver.

O hoteleiro guardou a arma e foi à procura da polícia. Ao sair, encontrou o Manuel Guarda, o Manuel Luís dos Santos, a quem comunicou a ocorrência.



**Figura 19 1950- Caminhões de madeira estacionados diante do Hotel Avenida.**



## **IGREJA MATRIZ DE SÃO PAULO**

A primeira igreja que o sr. Daniel Bertelli ajudou a construir foi a atual Matriz de São Paulo de Lagoa Vermelha. Uma linda igreja, de estilo funcional, duas torres. Obra de Vitório Capri e seu irmão Alexandre. Na porta central, está gravado o nome de Daniel, o doador. A outra porta foi doação de Lourenço della Torre.

Bertelli esteve presente desde o lançamento da pedra fundamental, em 1951, até a inauguração em 1956, sempre ajudando o Frei Huberto Mattana, o Vigário que por mais tempo permaneceu na direção da paróquia. Mais de 25 anos. De 1951 até 1970. Agora, em 1986, ele é pároco em Esmeralda, a 50 km de Lagoa Vermelha.

Os outros vigários que mais tempo governaram a paróquia de São Paulo foram: o Pe. Bernardo Barbosa de Andrade Pinto Brandão, o 1º pároco e capelão da Colônia Militar de Caseiros; a seguir, o Pe. Francisco da Silva Carrão, que faleceu em Lagoa Vermelha em 1905, assumiu a paróquia em 1878. Residiu aqui e foi capelão da Colônia Militar de Caseiros também, o Pe. Antônio de Moraes Branco, português, antepassado da numerosa e ilustre família Branco, entre cujos descendentes se destaca o geólogo Dr. Tércio de Moraes Branco, autor de obras importantes sobre minerologia.

A atual Matriz é a quarta. A primeira foi construída pela população em 1848. Era capela, depois transformada em igreja paroquial. A segunda, de alvenaria, construída em 1892, serviu de trincheira durante a Revolução de 1893. Foi logo demolida, em virtude da má qualidade do material empregado. No mesmo lugar, no atual centro da avenida Afonso Pena, em 1910, o Frei Germano, um virtuoso Capuchinho francês, construiu nova Matriz de madeira, demolida em 1952.

\*

Todos os dias, o hoteleiro Daniel Bertelli dava um jeito para ajudar o Frei Huberto nas campanhas em benefício das obras da Matriz. Sem

dinheiro, com dívidas, iniciaram a campanha da pedra para os alicerces. No dia do lançamento da pedra fundamental, correu o livro de ouro. Todo mundo colaborava. Um oferecia cinco pedras; outro dez; outro quinze; outro cinquenta; outro duzentas.

Com a conclusão dos alicerces, veio a campanha do tijolo. Depois a campanha do cimento. Da telha, das janelas, dos vitrais, das portas da igreja e da sacristia, dos bancos, da pintura. A linda pintura feita por Emílio Zanon.

Em todas as campanhas - recorda Bertelli - sobravam candidatos. O povo de Lagoa Vermelha é generoso. Diferente das outras cidades por onde andei. O padre levantava a voz, dava um grito. Pronto. Sobravam candidatos. Então chegava alguém: - Padre, eu também queria colaborar na campanha do piso. Obrigado, respondia Frei Huberto, o piso já está todo doado. Aguarde outra campanha, sim?

Tudo o padre declarava na igreja. Prestava conta de todas as ofertas. Ele que não era dono da igreja, porque hoje está aqui, amanhã já vai para outra paróquia, como aconteceu com o Frei Huberto. Depois de haver construído a igreja, a casa paroquial e aquele enorme edifício que é hoje patrimônio da paróquia, foi transferido.

Acontecia - lembra ainda Bertelli - chegar um operário oferecendo-se para trabalhar de graça na construção. Por vezes, era um senhor pobre, com sete filhos. Outras vezes, uma viúva pobre, que também queria colaborar...

\*

Durante as missas dominicais, Daniel percorria a igreja, de bandeja na mão, para recolher as ofertas. Ele se sentia bem. Insistia que todos colaborassem, para que se pudesse sair da cripta, onde se fazia o culto, para o interior da igreja.

Todos ou 99% dos que iam a missa eram seus conhecidos, seus amigos. Então Daniel tinha liberdade de insistir com todos. Chegava perto, cutucava e dizia: - Anda, te mexe. Mexia com os Dolzan, os Bonotto, os Comiran, o José Sanson e seu irmão Ângelo, que é seu compadre. O Mário

Muraro, o Madalozzo, o Bigarella, o Amadeu Scalabrin, o Aníbal Colla, o Aldemiro Leso, o Antônio Dal Molin.

Com o Antônio Dal Molin, comerciante, madeireiro, fazendeiro, pai de numerosa e bela família, aconteceu um domingo um caso interessante. Antônio depositou na bandeja uma nota de cinco cruzeiros, que naquele tempo era muito dinheiro, dava para comprar um quilo de carne de primeira.

Ao depositar a nota, Antônio fez sinal com os dedos e disse: - Tire dois. Mas Daniel, muito vivo, em vez de devolver três cruzeiros, devolveu dois. Dal Molin insistiu: - Te disse dois. E Daniel: - Pois é, mas é o meu serviço? Antônio soltou uma gargalhada irreverente, que chamou a atenção dos vizinhos.

Depois da missa, junto com o vigário, os dois comentavam o caso, ao lado da cripta. - Desta vez, Bertelli, você me ganhou - disse Dal Molin, enquanto o Frei Huberto ria perdidamente.

Ainda hoje Bertelli comenta. "Um herói, o Frei Huberto! Como trabalhava naquela obra! Com aquela batina suja, rasgada. D. Wilma perguntava: - Frei Huberto, quando é que vamos comprar outra roupa? - Não – respondia – agora não posso, temos de construir a igreja. Não podemos pensar em comprar uma batina nova, um sapato novo, um chapéu. Nada disso".

"Para provar como ele se preocupava com a obra, em angariar donativos, basta contar um caso, entre muitos. Um dia, Afonso Oro, pai do meu colega Adelino Oro, dono do Hotel Oro, doou um pinheiro para as obras da igreja. Um belo pinheiro de suas terras lá em Ibiraiaras.

Pois o Frei Huberto foi lá e, em vez de mandar cortar um pinheiro, mandou cortar dois, dois enormes pinheiros. No domingo, pouco antes da missa, como fazia sempre, Afonso vai à sacristia para se confessar.

- Frei Huberto, quero me confessar.

- Não - responde o Vigário - primeiro devo me confessar eu. - E contou o roubo do pinheiro. Afonso absolveu o padre com uma gostosa

gargalhada".

A segunda igreja para cuja construção Daniel e D. Wilma tanto batalharam, foi a da sua paróquia atual, em Santana do Livramento. A Matriz de Nossa Senhora do Rosário, que tinha a sua frente o Pe. Firmino Dalcin, o qual, depois de haver trabalhado em outras paróquias, retornou ultimamente para a direção da mesma freguesia.

Bertelli e sua esposa repetiram aqui o apostólico trabalho desempenhado na construção da Matriz de São Paulo de Lagoa Vermelha. Durante anos, Daniel fez parte da diretoria da comissão das obras da nova Matriz do Rosário. Chefiou, com exemplar dedicação, a campanha de donativos, uma campanha bem diferente das campanhas de Lagoa Vermelha.

Eram duas as obras a construir: a igreja e o centro social ao lado, um imenso prédio para estudos, esportes, restaurante. A princípio levava o nome de Censore. Hoje chama-se Augustus. Durante muitos anos, o Censore foi o restaurante mais disputado da cidade. Um atendimento modelar, a cargo do nono Maso, filho do nono Maso, de Bento Gonçalves, que se tornou famoso com seus cantos durante a Fenavinho, a Festa Nacional do Vinho.

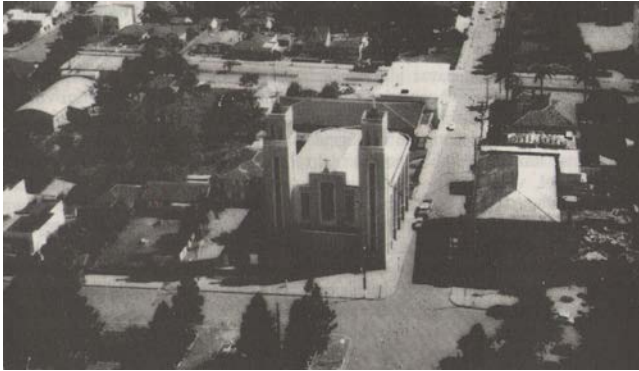
A igreja Matriz do Rosário foi construída de acordo com as orientações do Concílio Vaticano II. Ao lado fica o centro social, onde o povo se reúne e confraterniza, para depois entrar no templo e orar. A igreja não possui porta na frente. Só várias portas laterais, dando para o pátio e o centro social.



**Figura 20 1966 - Dr. Hélio de Carvalho - da diretoria da Igreja do Rosário, Pe. Firmino Dalcin (1º).**



**Figura 21 21-10-51 - Lançamento da pedra fundamental da Matriz de S. Paulo, Lagoa Vermelha, vendo-se: Dr.Elói Lenzi, Dr. Castellano, G. Madalozzo, Frei Huberto Mattana. Lourenço Della Torre, Dr. João de Paula e Silva, Ernesto Bigarella, Daniel Bertelli e Maurício**



**Figura 22 Igreja de São Paulo de Lagoa Vermelha que o sr. Daniel Bertelli ajudou a construir.**

## CONSTRUTOR DE IGREJAS

A dedicação do sr. Daniel Bertelli para as obras da Igreja, para as obras do Senhor, é tão admirável, que chegou a inspirar um conto, da autoria deste mesmo autor. O conto foi primeiramente publicado em 1960 numa revista do Rio Grande do Sul. A seguir, em 1964, no livro *Anjos Prisioneiros*, em Minas Gerais. Vamos ler este conto, que é pura ficção.

"Daniel não precisava emigrar em busca de melhores negócios. Ganhava muito bem com o seu hotel, o melhor daquela cidadezinha gaúcha.

Lançara os fundamentos de sua obra, logo após o Serviço Militar, com apenas dois cruzeiros no bolso. Mas o que lhe faltava em recursos econômicos, sobrava-lhe em força de vontade, aliada a uma inteligência invulgar e a um assombroso tino administrativo, em que pese a sua cultura primária.

Casou pouco depois com uma jovem que veio a ser a sua melhor auxiliar de trabalho. Wilma era mulher simpática, incansável no serviço, admirável na delicadeza do trato, mas inflexível no cumprimento exato do seu dever. Inexorável mesmo, quando se tratava de justiça e honestidade. O hóspede era tratado regamente. Mas hóspede ladrão, tinha endereço certo - cadeia.

O Hotel Avenida criou fama. Difícil saborear melhor refeição em qualquer restaurante das grandes cidades. Aos domingos, famílias inteiras deixavam de almoçar em casa para fazê-lo no hotel do sr. Daniel Bertelli.

Pois é, não precisava emigrar. Mas o coração do homem, na expressão de Santo Agostinho, é inquieto, é insatisfeito. Sossega só mesmo quando repousar em Deus.

Daniel não podia parar ali. Ambicionava viver novas emoções, realizar retumbantes negócios. O sangue fervia-lhe nas veias como lava de um vulcão. Passava noites de insônia, arquitetando mirabolantes castelos.

Foi, pois, com desbordante alegria que recebeu o convite de um irmão para montar um grande hotel no norte do Paraná.

- Daniel, você não pode imaginar o que seja o Alto Paraná. Verdadeiro país de fábula. A Terra da Promissão. O dinheiro rola ali como água de chuva. Em apenas cinco anos, a cidade tornou-se maior que esta que é centenária. Nunca se viu progresso igual no mundo inteiro.

Não hesitou um instante, Daniel. Vendeu metade do hotel ao sobrinho Antônio e azulou, causando imenso pesar em toda a sua cidade, onde gozava de extraordinária estima, amigo como sempre foi de todo mundo.

\*

Lá no norte do Paraná, construiu moderno e elegante hotel, que batizou de Veneza Hotel, em homenagem à Itália, terra de seus antepassados. Chegou a formar, nos fundos da propriedade, um lago artificial, em que havia sempre três gôndolas para divertimento dos hóspedes.

Daniel possuía outra peregrina virtude, que o tornava extremamente simpático aos homens e aos céus. Tinha o dom de dar, de auxiliar, os pobres, as obras sociais, as instituições de caridade, a Igreja...

Dizia: - Quanto mais dou, mais eu ganho. Eu sou realmente rico, porque posso dar. Rico não é aquele que tem, mas aquele que dá. Aquele que dá. O milionário avarento parece rico, mas na realidade é pobre. Um miserável! Não dá porque acha que lhe faz falta. Se lhe faz falta, é porque é pobre, não é verdade?

Sempre gostou de servir à Igreja. Católico fervoroso, sentia prazer em colaborar com as iniciativas da paróquia. Era o braço direito do vigário.

Agora, entretanto, na terra das maravilhas é do ouro, não encontrou ele nem padre nem igreja. Apenas urna capelinha de madeira, pequena e feia, onde aos domingos se reunia meia dúzia de mulheres para rezar o terço. Mais nada. Padre, só aparecia por lá, rapidamente, duas vezes por



ano, a fim de fazer batizados.

Daniel revoltou-se contra aquela lamentável situação, contra aquele desleixo religioso. Jurou vingança: "Aqui há cinemas, há clubes, há de tudo. Só não há igreja. Se este povo não me ajudar, eu sozinho quero levantar aqui a mais linda igreja."

Os habitantes da novel cidade eram quase todos aventureiros, procedentes dos mais variados pontos do país e do estrangeiro, vindos em busca de fortuna. Só queriam dinheiro. Dinheiro e divertimentos. Isso de rezar, de ir à igreja, não era com eles.

Durante algum tempo, Daniel pregou no deserto. Riam-se dele. Chegavam a chamá-lo de carola, de visionário, de louco. Mas, aos poucos, o seu marcante fascínio, a sua irresistível simpatia principiou a despertar a atenção.

Enzo Pereira, renomado arquiteto de Curitiba, apresentou-lhe uma planta de igreja moderna, estilo funcional, verdadeira revolução na arte sacra. Daniel colocou maquetes, cartazes grandes e vistosos, nas vitrinas de quase todas as lojas. Fez propaganda no rádio, no cinema, nos clubes, de casa em casa.

Argumentava, como velho advogado, que um templo artístico é a glória de uma cidade. Motivo de atração turística. Pode haver cidades sem muros - dizia citando Cícero - cidades sem moeda, mas não encontrareis jamais uma cidade sem igreja.

E o dinheiro principiou a chover, a chover. Dinheiro a rodo. Montanhas de dinheiro. Realizavam-se festas concorridíssimas. Quermesses. Sessões de cinema. Tudo em benefício das obras da igreja matriz.

E, junto à praça principal, deu de erguer-se para o alto o lindo templo, construído com o mais eleito material da terra.

Rapidez fulminante. Em menos de um ano, a igreja de Nossa Senhora das Graças, estava de pé. Exímio pintor italiano, Emílio Zanon,

completou lhe o esplendor com artísticas decorações, com quadros bíblicos, de fascinante beleza. Um encantamento!

\*

Todos confessavam que fora milagre construir uma igreja, da noite para o dia, no seio de um povo materialista e herege. Foi um milagre, seu Daniel. Você é um santo.

Bom, o mais difícil está feito. Agora o mais fácil é trazer um padre para cá. Isto pensou Bertelli. Mas pensou errado, muito errado. A igreja foi o mais fácil. O mais difícil, o difícil mesmo, o quase impossível, será o sacerdote.

Daniel foi ter com o Bispo diocesano. O bondoso antístite emocionou-se com a linda história que acabava de ouvir. Uma grande benção para a sua diocese aquela nova Igreja! Mais um redil para o seu numeroso e arredio rebanho. Mas, o Bispo respondeu, com lágrimas na voz:

- Meus filhos, vocês são uns heróis. Construíram uma bela igreja num instante. Que maravilha, seu Daniel!

- Foi um milagre de Nossa Senhora, sr. Bispo. Todos dizem que foi um milagre.

- Mas você sabe, seu Bertelli, que um padre não se consegue assim tão fácil. Vocês construíram a igreja da noite para o dia. Para formar um sacerdote são necessários vinte anos. Sabe lá o que é isso, vinte anos?

- Excelência, será possível?

- Meu filho, tenho dez paróquias que esperam padre. E padre eu não tenho. Não disponho de um sequer. É uma lástima. Eu sinto imensamente não poder servi-lo, seu Daniel. Eu sinto não poder servir aquele povo que vai continuar como rebanho sem pastor.

- Pois é, sr. Bispo, aquele rebanho não pode continuar sem pastor. Não pode. Custou-me convencê-lo a construir a igreja. E agora?... Mas, Excelência, se Deus fez o milagre de dar-nos a igreja em tão curto espaço

de tempo, quem sabe se não vai fazer também o milagre de mandar-nos um sacerdote? Nem que seja do céu.

- Poder pode, meu filho. A Deus nada é impossível. Mas este milagre ninguém tem direito de esperar a não ser com muita oração. Muita oração, seu Daniel. Volte, volte, meu filho, e diga àquele bom povo que, se quiser um padre sem demora, deve rezar. Rezar com fervor, continuamente. E veja se nos consegue umas vocações no seio das boas famílias. Vocações. O problema das vocações é o mais grave de toda a diocese. Problema que me atormenta dia e noite.

No domingo seguinte, a igreja de Nossa Senhora das Graças lotou-se de povo. Todos aguardavam com ansiedade, com impaciência, que o seu Daniel chegasse com o sr. Bispo para empossar o primeiro vigário. Foi, pois, com grande espanto que viram chegar o seu Daniel desacompanhado, sozinho. Tragicamente sozinho!

Tomando, então, a palavra, Daniel, diante da multidão que lotava o templo, repetiu com gravidade as palavras do Prelado. A seguir, acrescentou, com veemência: - Vamos cumprir as ordens do sr. Bispo. Vamos orar. A igreja aqui está linda, imponente, com a imagem da Virgem sorrindo para todos. Neste recinto subirão nossas fervorosas preces ao céu, todos os dias. Todos os dias.

Daniel, a fim de favorecer à piedade, à afluência de fiéis, instalou alto-falantes no recinto do templo. Adquiriu enorme e variada discoteca de músicas sacras. E, de tarde, todos os dias, a partir das duas horas, as naves da igreja vibravam ao som do órgão, convidando à prece, à meditação.

Aos domingos, transmitia-se a missa da Rádio Aparecida ou da Catedral de Curitiba. Nas horas em que não houvesse transmissão de ofícios religiosos, o alto-falante tocava discos.

Era muito raro, mesmo em dia de semana, não haver gente orando na igreja. O templo possuía fascínio irresistível. A majestade, a pintura artística, o altar com a linda imagem de madeira, maravilhosa obra do escultor português Aurélio Moreira da Silva, o piso de mosaico que parecia

mármore, os bancos de madeira de lei. E, acima de tudo, aquela música celestial, que, graças a aprimorada acústica, transformava o templo em ambiente de mistério, impressionante, envolvente, arrastando instintivamente à prece. O povo sentia-se tão bem lá dentro! Que bela ideia teve Daniel! Se todas as igrejas fossem assim, nunca estariam desertas.

Mas, apesar disso, lamentava-se a ausência de Jesus Eucarístico, da santa missa. Que falta fazia um sacerdote! Daniel expandia-se com D. Wilma: - Este fervor não pode continuar. Na igreja falta o mais importante, o essencial. Falta o sol, o sol da Eucaristia...

Por isso, as preces da família Bertelli multiplicavam-se. Reuniam-se em casa, ele, a esposa e os filhos, Lédi, Roberto e Gládis. Suplicavam. Suplicavam com lágrimas. Que Nossa Senhora não demorasse para operar o milagre.

Realmente, o céu mandou logo um raio de esperança. Já na segunda semana, dois garotos se apresentaram a candidatos ao Seminário. Daniel deu na igreja a confortadora notícia, acrescentando que encaminharia logo os rapazes ao sr. Bispo. Quem sabe, com isso ele se comova e nos envie logo um sacerdote formado.

\*

Antônio Carlos tinha dez anos. Filho do Dr. Clóvis de Abreu, um exímio advogado da cidade, que tinha mais uma filha, a Maria Regina. Um lindo casal!

Na cidade ninguém sabia que o Dr. Clóvis era um ex-padre, naquele tempo um padre apóstata. Apostatara nos primeiros anos de vida pastoral. Casara com uma professora, Isomar de Sousa.

Jogou a batina às urtigas, cursou a Faculdade de Direito e emigrou para o norte do Paraná, atraído pelo fascínio da terra do ouro. Abrira banca de advocacia fazia dois anos. Ótimo causídico. Entretanto, ninguém jamais suspeitou que se tratasse de um ex-padre. Ninguém, nem os filhos.

Antônio Carlos, rapazinho exemplar, inteligência precoce, ia quase

todos os dias à igreja. Encantava-se com as belas melodias religiosas. Admirava-se, de modo especial, da missa irradiada, o sermão do sacerdote, ele que nunca vira sacerdote.

Quando Daniel falava às crianças, dizendo que Deus esperava deles alguma vocação sacerdotal, o menino experimentava intensa vontade de se oferecer como candidato ao sacerdócio.

Um dia falou ao pai: - Papai, eu gostaria de atender ao apelo do seu Bertelli. Gostaria de estudar para padre. Depois eu venho trabalhar aqui em nossa igreja.

Impossível descrever o impacto que estas palavras causaram ao advogado. Atrapalhado e confuso, apenas pode responder:

- Meu filho, você é muito criança.

- Não faz mal, pai. Eu queria tanto ser padre.

O Dr. Clóvis ficou pensativo, arrasado. Deixou de trabalhar. Fechou o escritório. Foi para casa. Lá pelas seis horas, dirigiu-se à igreja. O templo vibrava aos acordes da Ave-Maria de Gounaud, cantada ao som do órgão por imenso coral de vozes mistas.

O esplendor da igreja, para a qual ele mesmo havia colaborado, a presença reverente de numerosas pessoas, e, especialmente o canto da Ave-Maria, tocaram vivamente a alma do sacerdote apóstata. De joelhos, olhos fitos na imagem da Virgem, lembrou o passado, o tempo do Seminário, quando ele também fazia parte do coral. Recordou os primeiros anos de seu ministério, repletos de zelo e coroados de conquistas espirituais. Os sermões inflamados, arrebatadores, triunfantes. Não pode conter as lágrimas. Desandou a chorar perdidamente, feito criança.

Ao sair da igreja, foi abordado por algumas pessoas:

- Dr. Clóvis, também veio visitar nossa igreja? Como é linda, não é? Como faz falta um padre, não é? O Dr. Clóvis, que é um bom advogado, poderia pedir ao sr. Bispo um vigário, não é?

- Por quê? Então ele Não vai mandar?

- Não, Dr. Clóvis. Diz que não tem padre disponível. Ele mandou rezar para que Deus faça um milagre de nos conseguir um vigário.

Aquela noite o advogado não dormiu, só pensando no filho que queria ser padre. Pensando na falta de padre, na agonia daquele povo, como rebanho sem pastor. E, assomado e tempestivo por temperamento, desabafou logo com a esposa:

- Viste, Isomar? O Antônio Carlos meteu na cabeça a ideia de ser padre. Diz que depois pretende vir aqui trabalhar como vigário.

- Coitado! Não sabe o que diz, não sabe o tempo e o preço da formação de um padre.

- Pois é, Isomar, mas eu vou te contar outra coisa. Uma coisa espantosa.

- O que é, Clóvis?

- Espantosa, mas ao mesmo tempo linda, muito linda.

- O que é? Diga lá.

- Hoje estive na igreja.

- A primeira vez, não é?

- Sim; a primeira vez, mas valeu por todas. Tive saudades do tempo em que eu vivia na igreja, saudade do tempo de padre...

- Decerto queres voltar agora!

- Sim, querida. Deu-me uma grande vontade de tornar a vestir a batina e vir aqui como primeiro vigário.

- Está louco, Clóvis?

- E não achas uma bela loucura esta?

- Mas agora não podes mais.

- Como não? Sabes, Isomar? A graça me tocou, naquela primeira visita à igreja. Mas, para falar a verdade, estou cansado de andar assim longe de Deus, nesta minha apostasia. Eu quero voltar ao bom caminho, fazer penitência e passar o resto de meus dias servindo ao Senhor.

- E eu, Clóvis?

- Tu? Tu deves também fazer penitência. Tu que foste a cooperadora do meu afastamento da vida sacerdotal.

- E então, que farei, eu? E os filhos?

- Tu irá para um convento de freiras, para ajudar a lecionar. A Maria Regina irá contigo. E o Antônio Carlos vai para o Seminário.

- Por favor, Clóvis...

- Eu já resolvi, Isomar. Amanhã irei ter com o sr. Bispo.

E foi mesmo. Foi, depois de haver exposto todo o seu drama a Daniel Bertelli, dirigindo-se ambos para a cúria diocesana. Chegando diz Daniel ao Prelado:

- Sr. Bispo, o milagre está feito. Aqui trago o Pe. Clóvis que Deus mandou para nosso primeiro vigário.

O velho antístite, que tanto orara e esperava pela volta deste seu filho pródigo, levantou-se, abraçou apertadamente o Dr. Clóvis, chorando e dizendo:

- Meu filho, seja bem-vindo. Eu tinha certeza de que você um dia voltaria para a casa do pai.

- Pendão, sr. Bispo. Venho pedir-lhe perdão de meus desvarios. Dê-me o castigo que mereço. E, se me julgar digno, pretendo voltar ao exercício de minha vida sacerdotal, para ajudar aquele bom povo, para fazer penitência, salvar minha alma e levar outras para Deus.

- Deus seja louvado, Pe. Clóvis! Volte, meu filho, volte que nunca é tarde para servir a Deus.

O Dr. Clóvis chorava, abraçado ora ao sr. Bispo, ora ao sr. Daniel.

- Perdão, sr. Bispo.

- Já está perdoado, meu filho. Deixe o resto por minha conta. Eu vou escrever a Roma. E, enquanto não vier resposta, ficará no Seminário, orando, estudando, revendo a Teologia e fazendo penitência.

\*

Daniel regressou à cidade delirante de alegria, de contentamento. Através do alto-falante e da rádio emissora, convidou o povo à igreja, para ouvir uma sensacional notícia.

De noite, na igreja, foi rezado o terço. A seguir, Daniel agradeceu as orações, porque Deus ouvira tantas preces. Mandava agora um sacerdote. Um sacerdote saído, como por artes de magia, do seio daquele povo. O Dr. Clóvis, que todos conheciam apenas como advogado, era um padre. Agora, arrependido da apostasia, retornava para a casa de Deus e será o primeiro vigário.

A cidade, depois de se refazer do abalo sofrido com a notícia, explodiu em transportes de júbilo retumbantes e festejou o incrível acontecimento.

Ao cabo de dois meses, o Pe. Clóvis, absolvido das censuras eclesiais, profundamente arrependido, chegava à cidade acompanhado pelo Bispo que o vinha empousar como primeiro pároco.

Naquele domingo, realizou-se também soleníssima inauguração da igreja matriz, festa em que todos, católicos e não católicos, tomaram parte.

O Pe. Clóvis, muito zeloso, virtuosíssimo, foi levando todo aquele povo para Deus. Converteu grandes pecadores, muitos hereges. Uma paróquia exemplar. A paróquia mais florescente e fervorosa de toda aquela imensa diocese.

D. Isomar, volvidos alguns anos, abraçou a vida religiosa, na congregação de São José. A seguir, veio para a cidade e fundou um colégio,



do qual foi a primeira diretora.

A filha, Maria Regina, já religiosa professora, está cursando Pedagogia na PUC, enquanto Antônio Carlos vai concluindo seus estudos no Seminário.

A população, não sabendo como agradecer ao sr. Daniel Bertelli aquela incomparável epopeia de heroica dedicação, resolveu imortalizá-lo em vida, erguendo lhe soberbo monumento de mármore na praça, diante da igreja matriz. No pedestal estão gravadas estas palavras: Ao sr. Daniel Bertelli, heroico soldado de Deus e da Pátria, a gratidão eterna desta cidade".

## **PASSO FUNDO E CURITIBA**

Em Lagoa Vermelha, na Escola Rainha da Paz, iniciaram seus estudos os filhos Lédi, Carlos Roberto e Gládis. Escola tradicional, como o Ginásio Duque de Caxias, este fundado e dirigido pelos Padres Capuchinhos; aquela, pelas Irmãs de São José.

Foram os Capuchinhos Frei José Cherubini e Frei Cláudio Mocelin que trouxeram para cá as Irmãs de São José, numa dura batalha, que começou em 1916 e só terminou em 1920, quando o Colégio São José, hoje Escola Rainha da Paz, iniciou suas atividades.

O intendente Maximiliano de Almeida, o conhecido Coronel Maxi, grande amigo da família Bertelli, depois de vigorosa campanha infrutífera para trazer as religiosas, desanimado, vendo que elas não vinham, trouxe de Passo Fundo os professores luteranos, que fundaram o Colégio São Paulo, que funcionava num vasto prédio, por eles construído, mais tarde transformado no Hospital São Paulo, para o qual, auxiliando o Frei Celestino Dotti, muito colaboraram o sr. Daniel e D. Wilma, assim como fizeram com o Ginásio Duque de Caxias, dois importantes estabelecimentos de propriedade dos Padres Capuchinhos.

Por fim, com a interferência do Bispo D. Miguel de Lima Valverde e do Frei Bruno, o fundador da Província Capuchinha no Estado, as Irmãs de São José abriram a escola, a princípio do ensino primário e, a seguir, ginásial e normal. Escola modelar, ainda hoje em pleno funcionamento, sendo ainda sede da Cúria Provincial. O Ginásio Duque de Caxias, infelizmente, foi demolido para, em seu lugar, ser construído o maior prédio da cidade, o qual deveria transformar-se na ampliação do Hospital São Paulo, o que não acabou acontecendo, havendo, inclusive, passado para as mãos de um equipe de médicos, chefiada pelo Dr. Idelso Gazola. A demolição do enorme prédio do Ginásio Duque de Caxias foi muito lamentada, especialmente por seus antigos alunos, entre os quais figuram os ex-Secretários da Justiça e da Segurança Pública do Estado, Dr. Jarbas Lima e Dr. Augusto Borges Berthier.

\*

O sobrinho Domingos Pasetti, que trabalhava no Hotel Avenida, foi prestar Serviço Militar em Santa Maria. Retornando, alugou o Hotel Avenida e, a seguir, adquiriu o Hotel Bela Vista, que foi confiado ao seu pai, Luís Pasetti.

Como foi dito, a estação rodoviária transferiu-se, fazendo com que o Hotel Avenida perdesse a maior parte de seus clientes. Por outra, a indústria da madeira foi acabando com as reservas florestais do município. O movimento de caminhões decresceu de maneira expressiva.

Daniel, homem nascido para grandes negócios, viu que chegava a hora de ir em busca de outro ponto comercial mais rentável. Deixou, então, a existência do hotel para o sobrinho Domingos Pasetti e alugou o Hotel Glória, de Passo Fundo.

Antônio Bertelli, outro sobrinho, que morava na colônia e que pedia ao tio Daniel que lhe conseguisse trabalho na cidade, passou a ser auxiliar e sócio no Hotel Glória e, mais tarde, seu único proprietário, o que vem acontecendo ainda agora, em 1986.

Em Passo Fundo, Daniel e D. Wilma prosseguiram colaborando com a Igreja, sobretudo auxiliando o Pe. José Gomes, da Catedral, o qual será depois Bispo de Bagé e, a seguir, de Chapecó, em Santa Catarina, onde se encontra neste ano de 1986.

Aqui Daniel resolveu trocar de condução. A primeira, uma camioneta Ford-1, fora adquirida em Lagoa Vermelha em 1953 por 95 contos de réis. O senhor que lhe vendeu o carro, foi quem deu ao seu Daniel as primeiras instruções para dirigir o veículo. Dizia-lhe: - Nunca te preocupes com quem vem atrás, mas só com o da frente.

Em 1957, em Passo Fundo, a família vendeu a Ford para um Tagliari, de Getúlio Vargas. E Daniel foi, então, em busca duma camioneta em Porto Alegre. Ficou lá três dias procurando. Por fim, um domingo, depois de ter ido a missa, andando junto com o filho de Ulisses Sbroglio, o Luiz Sbroglio, hoje influente advogado e político, que estava hospedado na casa

do deputado Dr. Abelardo José Nácul, descobriu uma linda camioneta Dodge, branca, estacionada diante do Hotel Jung.

- Desculpem - perguntou aos dois ocupantes da viatura - essa perua é pra vender?

- Não - responderam - mas se pagar 400 contos, deixamos ela aqui agora mesmo.

- Nada menos?

- Nada menos. Se quiser, meu endereço é na firma de Joaquim de Oliveira, em Pelotas.

Daniel só tinha 300 cruzeiros no bolso. Mas ficou doido pela Dodge. No dia seguinte, procurou durante toda a manhã e não encontrou outra tão bonita como aquela.

Telefonou para Pelotas, desde o Hotel São Luíz, onde estava hospedado. Combinou que pagaria 300 à vista e o restante por intermédio de seu tio Pedro Caleffi, um atacadista, vizinho da filial de Joaquim de Oliveira, na Voluntários da Pátria em Porto Alegre.

Pegou o avião da SAVAG e foi a Pelotas. Testou o carro. Fizeram a transferência. Às duas horas da tarde, partia sozinho, sem conhecer a estrada. Às três da madrugada chegava ao Guaíba, que só pode passar ao clarear do dia, pois a balsa não funcionava de noite.

Em Porto Alegre, cansado, sonolento e perdido, foi obrigado a apelar para um taxista, que o conduziu até a Voluntários. Daí foi embora. Tomou café em São Sebastião do Caí. Almoçou em Veranópolis, de onde telefonou para D. Wilma:

- Estou chegando, Wilma, com a graça de Deus, mas estou levando outra mulher - brincou, como de costume.

Com esta condução muito boa, a família efetuou várias viagens ao Paraná. Daniel foi desfazer-se dela, com muita pena, em Santana do Livramento.

\*

No Hotel Glória, em Passo Fundo, não havia muito serviço para duas famílias. Muita criança. Criança arteira, como o Roberto e o Rui, este filho do Antônio e hoje médico.

Resolveram sair à procura de um hotel em Curitiba. Lá contrataram o Hotel Maracanã. A seguir, viajaram, levando a Lédi. Na viagem, na estação rodoviária de Lages, foram assaltados, perdendo 80 mil cruzeiros, muito dinheiro na época, no ano de 1960.

Chegando em Curitiba, tiveram uma enorme decepção. O dono do hotel havia desistido do negócio. Que fazer? Resolveram parar algum tempo na Capital do Paraná, para descansar. Matricularam a filha no Colégio das Irmãs de Caridade, uma das quais fora professora de D. Wilma. Era no bairro das Mercês, perto dos Capuchinhos, do Colégio e do hospital.

Ainda nos primeiros dias, a Lédi, atravessando a rua para ir ao Colégio foi atropelada por uma motocicleta, que lhe fraturou o fêmur da perna esquerda.

Hospitalizada, não foi feliz no tratamento, conforme veremos adiante. A menina ficou, durante algum tempo, com sério defeito na perna. Daniel irritou-se extremamente contra o médico, que não soube corrigir um defeito bastante simples.

Retornaram a Passo Fundo, abreviando o pretendido descanso em Curitiba. A filha continuava com fortes dores na perna. Buscaram recursos na cidade e em Getúlio Vargas. Tudo em vão. Finalmente, em Porto Alegre, encontraram médicos, como o Dr. Sérgio Curtis, traumatologista, do Hospital Moinhos de Ventos, os quais solucionaram o problema, um dos mais sérios problemas da família.



**Figura 23 A família Bertelli em 1964.**



**Figura 24 Como bom gaúcho, o seu Daniel aprecia o chimarrão.**



Figura 25 Hotel Glória de Passo Fundo de Daniel Bertelli.



Figura 26 1972 - Passo Fundo - Eleonice Bertelli, princesa da Rainha do Suéter (1ª à esquerda).

## SANTANA DO LIVRAMENTO

No Hotel Glória, o sobrinho Antônio e família iam dando conta do

serviço. Não havia ocupação para outra família. D. Wilma, com seu temperamento irrequieto, incapaz de ficar inativa, e pensando no futuro dos filhos, insistia com o marido para que saísse em busca de outro serviço, a procura de outro hotel, pois estavam perdendo tempo.

Daniel foi, então, a Santa Maria, mas nada conseguiu. Foi a Iraí; não deu negócio. Foi a Caxias, gostava de Caxias, mas não deu negócio. Foi a Bento Gonçalves; deu uma olhada naquele hotelzinho "Primavera", que só tinha dormitório. Foi a Porto Alegre. Foi a Rio Grande. Foi a Pelotas.

Aqui, em Pelotas, diz Daniel, graças a Deus nasceu o Hotel Labarthe de Santana do Livramento. Sim, senhores. Daniel tinha ido lá a convite do amigo Armando Peres, que era da Coletoria Federal de Lagoa Vermelha. Dissera-lhe que em Pelotas encontrava-se a venda um hotel. O Palace Hotel.

Ficou encantado com a linda cidade, com seus belos e grandes prédios da era colonial, com a fachada revestida de azulejos portugueses, com sacadas artisticamente trabalhadas...

O Armando Peres era então coletor em Piratini e foi a Pelotas para ajudar no negócio. Ficou três dias, ambos hospedados no Palace Hotel. Armando queria muito que a família Bertelli fosse trabalhar naquela cidade. Eram velhos amigos. Começaram a vida junto em Lagoa Vermelha no ano de 1947, ele como agente da Estatística. Depois passou para a Coletoria Federal, mediante concurso para escrivão.

Mas em Pelotas não deu negócio. Aí o Armando voltou para a sua cidade, e Daniel ficou por lá mais uns dias. Resolveu visitar os colegas. Visitando o Grande Hotel, cujo gerente, sr. Nicolau Prestes Albornoz, era de Santana do Livramento, ficou sabendo que nesta cidade havia um hotel a venda. O Hotel Labarthe.

- Não gosta da fronteira? - pergontou o gerente.

- Não. - respondeu. - Eu gostei muito de Pelotas. Gostaria de trabalhar aqui.



- Mas o senhor, conhecendo Santana do Livramento, vai fazer negócio. Tem lá o dono do hotel desesperado, por causa da mulher que está doente. Está louco de vontade de vender.

Bertelli não se convenciu, por isso voltou a Passo Fundo. Era novembro de 1960. Continuou trabalhando no Hotel Glória. Em março, D. Wilma tornou-se mãe pela quarta vez. Nasceu o César, o último de seus filhos.

Março, abril, maio, junho, julho. Em julho, por insistência da esposa, Daniel foi a Livramento. Foi mais por insistência de D. Wilma. Ele não estava com vontade de ir para a fronteira. Não sabia o que estava perdendo. Por outra, os amigos diziam: é o que vocês vão fazer na fronteira? Lá vocês do morrer de fome. Lá não há nada o que fazer, no meio do campo, onde só existe fazendeiro...

Mas Daniel foi. Diz ele: 'Gostei da cidade. Cidade histórica, famosa por suas guerras contra os castelhanos e nas revoluções de 93, 23, 24 e 30. Gostei do ambiente. Uma cidade limpa. Povo bom, povo simples, povo amigo. As duas cidades, Santana e Rivera, me cativaram. Não existe fronteira como esta. A melhor fronteira do mundo. Não tem muro, não tem rio, não tem nada, a separá-las'.

\*

Chegou em Livramento e dirigiu-se logo ao Hotel Labarthe. Não encontrando hospedagem, foi para o Hotel dos Viajantes de Hermínio Duarte, sogro do sr. Ariel Lima, que mais tarde será gerente do Portal Turismo Hotel. Hermínio aconselhou que não perdesse o negócio, que não deixasse de comprar o Hotel Labarthe, que era o melhor da cidade, hotel de fama, com frequência certa. Outras pessoas davam o mesmo conselho.

No dia seguinte, Bertelli dirigiu-se à igreja Matriz, onde orou a Santa Ana, pedindo luzes e proteção. Se fosse para o bem da família, que a santa padroeira da cidade fizesse com que se efetuasse o negócio. Daí por diante, Daniel e D. Wilma ficaram devotos de Santa Ana, assim como o são do Sagrado Coração de Jesus, cuja linda imagem, sempre enfeitada de flores,

preside a sala principal da sua casa.

No terceiro dia, Daniel entrou em contato como sr. Antenor, o proprietário do hotel, o qual o recebeu muito bem, deu-lhe hospedagem e apresentou excelentes condições de negócio. Depois de realizado o levantamento de quanto existia no hotel, retornou a Passo Fundo, a fim de estudar com a família.

Vendeu sua parte do Hotel Glória ao sobrinho Antônio. E, no dia 23 de agosto de 1961, as 22 horas, saiu de Passo Fundo, de trem, chegando em Santana do Livramento as 19 horas do dia 24. Precisamente no dia da renúncia do presidente Jânio Quadros. “A renúncia de Jânio Quadros - declara Daniel me fez um bem imenso, porque nossa moeda foi desvalorizada, fazendo com que uruguaios e argentinos afluíssem em massa para o nosso hotel.”

Fizeram negócio, arrendando o hotel por cinco anos. Antes que encerrassem o prazo do arrendamento, surgiu um problema. A esposa do sr. Antenor, que estivera doente, não aceitava renovação do contrato por mais cinco anos. Daniel perguntou:

- Por quê?

- Porque achamos melhor reassumir. Queremos voltar a trabalhar.

- Mas, seu Antenor, - insistiu Bertelli - o senhor sabe que eu tenho direito à renovação do contrato do aluguel. Ou o senhor me compra a existência ou eu tenho direito à renovação do contrato, uma vez que cuidei bem de sua casa, dos móveis, e lhe paguei sempre em dia. Eu tenho os meus direitos, o senhor sabe, não é?

Aí Daniel dirigiu ofício ao sr. Juiz, declarando que desejava permanecer com o hotel por mais cinco anos, de acordo com a dita Lei de Luvás. O sr. Antenor, vendo que a lei o amparava, passado algum tempo, mandou oferecer a propriedade.

Daniel, a princípio, embora interessado, mostrou certa indiferença. Na realidade, ele adorava. Era casa velha, mas num ponto excelente, no

centro da cidade, a uma quadra da divisa da fronteira. Bastante espaço, bastante terreno. O que é mais importante, a casa do proprietário ficava ao lado do hotel.

Não havia jeito de se entenderem com o preço. Aí Bertelli chamou seu primo de Porto Alegre, sr. João Costi, que tem muita prática de negócios, sendo, ainda, amigo do sr. Labarthe. Veio. Ficou aqui três dias. Fez o negócio. Compraram o hotel por 240 mil cruzeiros. Pagamento em seis anos. Um por cento de juro.

Foi no dia de Ação de Graças, 26 de novembro de 1966, que fecharam o negócio. Deram uma importância de entrada. O restante em prestações mensais.

"Tudo correu bem. Movimento maluco - confessa Bertelli. - Concluído o pagamento, construímos, na parte dos fundos, 20 apartamentos, uma novidade, porque o hotel possuía quartos. Daí por diante, tratou-se da construção do Jandaia Turismo Hotel!"



**Figura 27 Parque Internacional em Santana do Livramento**



**Figura 28 1964 - Alexandre Loss com o Roberto, Iédi e Gládis.**

## **JOÃO COSTI E FAMÍLIA**

João Costi, do qual falamos acima, e filho de uma irmã da mãe do Sr. Daniel Bertelli. Até 1960 as famílias Bertelli e Costi haviam-se encontrado uma só vez. Quando a Lédi foi hospitalizada, em Porto Alegre, no Hospital Moinhos de Vento, aconteceu novo e cordial encontro, dando origem a uma profunda amizade entre as duas famílias.

João dedica-se ao comércio de bebidas há mais de 35 anos. É casado com Joana Olinda Fauri Costi. O casal tem três filhos: Luiz Fernando, formado pela Faculdade de Turismo da PUC, RS, hoje ocupando o cargo de Secretário de Turismo de Capão da Canoa; Vera Jane, formada em Matemática, e Luiz Fernando, geólogo.

João tem ao seu lado, na empresa, o irmão Demétrio Costi, que é casado com D. Lourdes e tem três filhos: Cláudio, Rogério e Cristina. Grande amigo, o Demétrio.

A família Costi aparece umas vezes ao longo destas páginas, sempre influenciando beneficentemente a família Bertelli, em sua jornada.

Além da decisiva interferência na aquisição do antigo Hotel Labarthe, João colaborou na compra dos apartamentos em Porto Alegre, na rua Benjamin Constant. A família Costi desempenhou papel de verdadeiros pais para com os filhos do sr. Daniel e D. Wilma, quando estudavam na Capital do Estado, como também na organização das festas de casamento dos mesmos. Difícil enumerar todas as atenções com que a família Bertelli foi distinguida por esta boa gente.

A família Costi reside em bela mansão, de três pavimentos, no elegante bairro Moinhos de Vento. No tempo em que os Bertelli não dispunham de residência própria em Porto Alegre, eram recebidos com todo o conforto e carinho, como seus hóspedes mais ilustres.

Como veremos adiante, João gosta muito de caçadas de perdiz. Quando os negócios permitem, ele dá uma escapada até Livramento, para descansar. Junto com o sr. Daniel, João faz grandes caçadas nos campos

do amigo Francisco Pires da Cunha.

João é um *expert* em assar churrasco. E, como bom descendente de italianos, prepara um galeto excelente. Em suas visitas à família Bertelli, este sempre encontra pretexto para que ele assuma a churrasqueira. Um assado preparado por João Costi dá prazer de ser saboreado, principalmente se acompanhado de um bom repertório de anedotas, que só ele sabe contar.

O seu Daniel só encontra no primo um defeito - ser colorado. Para o seu João é uma virtude.

O relacionamento entre o sr. Bertelli e o sr. Costi é de irmão para irmão, o que igualmente acontece em relação de D. Wilma e D. Olinda.



Figura 29 7-9-84 -Em Gramado. Casal Daniel e Wilma e casal João Costi e D. Olinda.



**Figura 30 Sr. Daniel, João Costi. O autor e o Carlos Roberto.**

## A FAMÍLIA LABARTHE

Quem nos fornece um fiel e completo relato acerca da tradicional e ilustre família Labarthe, da qual o empresário Daniel Bertelli adquiriu o hotel do mesmo nome, é o nosso amigo Ivo Caggiani, brilhante jornalista e o admirável historiador de Santana do Livramento.

Jornalista e escritor dos mais apreciados de toda a fronteira, proprietário e diretor do diário *Folha Popular*, vem há longos anos pesquisando com amor apaixonado a história do município e da região. Fruto dessas exaustivas pesquisas e estudos, surgiram várias obras de alto valor, entre as quais *Vultos de Santana* e a história completa do município e da região, em vários volumes.

Além disso, Ivo Caggiani possui um museu histórico que é, no gênero, um dos mais preciosos no Rio Grande do Sul. Nele estão arquivados cerca de oito mil documentos históricos da fronteira, um acervo de jornais, fotografias, armas, uniformes e tantos outros objetos.

O museu está localizado nos subúrbios da cidade. Num sítio risonho, donde se descortina a mais bela paisagem circunvizinha, com uma sucessão de cerros, presididos soberanamente pelo mais atraente de todos, o soberbo cerro Palomas.

Para todos os visitantes do seu museu e do seu pitoresco sítio, Ivo Caggiani, amável, orgulhoso, apresenta a lírica paisagem campeira, que, com seus altivos cerros, coroa os arredores da cidade. Diz ele, então: "Quem melhor descreveu esta paisagem, em linguagem gauchesca, foi o poeta Pe. Heitor Rossatto", do qual passa a declamar estas estrofes:

*Quando Deus domou a terra,  
Santana do Livramento  
Corcoveou no encilhamento  
Como maula quebra-freios;  
E os manotaços mais feios  
Deixaram marcas na terra.*



*Esta aspereza da serra  
São sinais dos corcoveios,  
E da tropeada dos cerros,  
Na pré-história das matas,  
Sob o relho das cascatas,  
Veio o pago redomão.*

*Quedaram-se então morros  
Empinados contra os céus,  
Como enormes chapéus  
Emborcados contra o chão.*

Segundo o historiador Ivo Caggiani, Paulo Labarthe, natural de França, veio ainda jovem para o Brasil, fixando-se em Santana do Livramento.

"Modelo de virtudes, - escreveu o brilhante historiador em seu jornal *Folha Popular*, no dia 20.09.1981 - Paulo Labarthe, pela sua perseverante atividade, pelo seu caráter adamantino e pela sua conhecida probidade, conseguiu, desde logo, conquistar a simpatia, a estima e o respeito da sociedade santanense.

Filho da 'terra da liberdade', apesar de estrangeiro, nunca foi indiferente aos destinos de nossa Pátria. Amava o Rio Grande do Sul como qualquer um de seus filhos mais devotados.

Homem inteligente e criterioso, marchava sempre de acordo com suas próprias inspirações, sem cogitar das consequências que pudessem advir das suas manifestações francas e conscientes.

No Império suas simpatias foram sempre para o Partido Liberal e pelo seu chefe, Gaspar Silveira Martins. Sob a República, ideal que sempre acariciou, esteve ainda ao lado do Partido Republicano Federalista, regozijando-se com seus triunfos e compartilhando de suas amarguras.

Proprietário do 'Restaurante Francês' na rua dos Andradas (imediações da antiga Joalheria Gallo), seu estabelecimento gozava de grande preferência da população. Ao fundo existia uma cancha de 'Pelota Vasca', muito concorrida.

Quando da Revolução de 1893, ainda que estrangeiro, foi forçado a fechar a casa de negócio e emigrar para a República Oriental do Uruguai. No exílio, Paulo Labarthe esteve sempre ao lado dos combatentes maragatos, consumindo suas pequenas economias e ainda privado dos recursos do trabalho. Deu então exuberantes provas de seus nobres e generosos sentimentos, convertendo sua casa em franca estalagem de todos aqueles que, no infortúnio, recorriam ao seu reconhecido cavalheirismo e hospitalidade.

Feita a paz, regressou a Santana do Livramento reabrindo o tradicional Restaurante Francês. Pouco tempo, porém, durou no recomeço da vida trabalhosa, porque pertinaz enfermidade o acometeu.

Paulo Labarthe, que foi um verdadeiro brasileiro pelo coração, faleceu a 23 de julho de 1896, cercado de respeito dos santanenses que aprenderam a admirar o velho vasco francês.

Em nossa terra casou-se com dona Belmira Garcia, distinta dama santanense, filha do espanhol Dom Pedro Garcia que hospedou, durante o seu exílio, ao grande poeta argentino José Hernandez e em cuja casa, localizada na esquina das ruas Rivadávia Corrêa e Uruguai, foi escrita parte do "Martin Fierro".

Dessa união nasceram os seguintes filhos: Paulo Labarthe, Ernesto Labarthe (Chino), Virgínia Labarthe, Juli Labarthe, Lídia Labarthe, Carolina Labarthe e Geni Labarthe. Paulo Labarthe Filho foi brilhante advogado e jornalista com larga militância na política. Dos filhos de Paulo Labarthe sobrevivem as distintas damas Carolina Labarthe de Souza, residente em Uruguiana, e Geni Labarthe Garcia, residente em Porto Alegre.

Em nossa cidade residia o distinto cidadão e antigo proprietário do Hotel Labarthe, sr. Antenor Fernandes Filho.

O 'Restaurante Francês' deu origem ao tradicional Hotel Labarthe. Com a morte de Paulo Labarthe, a viúva dona Belmira Garcia Labarthe assumiu a direção do hotel, que tinha como gerente seu filho Ernesto Labarthe (Chino Labarthe), figura exponencial nas hostes maragatas e que teve papel saliente na Revolução de 1923.

Em 1917, o Hotel Labarthe, estabelecimento tradicional nesta fronteira, já havia passado para a propriedade de Ernesto Labarthe. Foi nesse ano, a 1º de fevereiro, que assumiu a sua gerência o sr. Antenor Fernandez, que a 28 de junho de 1905 consorciara-se com dona Virgínia Labarthe, filha de Paulo Labarthe e dona Belmira Garcia Labarthe.

Três anos depois, Antenor Fernandez adquiriu as existências do hotel e em 1926 comprou o prédio, conforme escritura lavrada no Cartório do 1º Notário, José Pavão Martins, a folhas 40 do livro nº 82.

A partir daí Antenor Fernandez realizou uma completa reforma no hotel, adaptando-o e ampliando-o para atender às necessidades decorrentes do prestígio e da preferência sempre crescente do estabelecimento. Em 1939, aos 63 anos de idade, depois de uma vida trabalhosa, Antenor Fernandez entregou a direção do Hotel Labarthe aos seus filhos Antenor Fernandez Filho e Paulo Labarthe Fernandez. Após alguns anos, o estabelecimento passou à propriedade de Antenor Fernandez Filho, que continuou assim o trabalho iniciado pelo seu avô Paulo Labarthe. Em 1961, o hotel foi arrendado para o sr. Daniel Bertelli e mais tarde por este adquirido.

Antenor Fernandez nasceu em Santana do Livramento a 30 de março de 1876, sendo filho do espanhol Manuel Fernandez e da santanense Rita Gomes Fernandez. Seu pai, que era natural das Astúrias, veio muito cedo para Santana do Livramento, dedicando-se ao ramo de panificação, com padaria localizada onde foi a firma Acosta Irmãos (Av. Daltro Filho). Criado na escola do trabalho, Antenor Fernandez, dotado de um caráter austero e de um bondoso coração, foi um verdadeiro padrão de dignidade. Ao falecer a 18 de janeiro de 1954, cercado de respeito de seus conterrâneos, legou aos seus descendentes o tesouro inestimável de um

nome honrado e exemplo fecundo de uma vida exemplar.

De seu casamento com dona Virgínia Labarthe (dona Bela), nasceram três filhos: Paulo Labarthe Fernandez, Antenor Fernandez Filho (Antenor veio a falecer em fevereiro de 1983 -N. do A.) e Nair Labarthe Fernandez. Sobrevivem seus netos Virgínia e Antenor" (Folha Popular. 20.09.81 e 04.10.1981).



**Figura 31 17-9-83 - O sr. Daniel e D. Wilma, padrinhos de casamento do Dr. Luiz Eduardo Costi com a srta. Clarice.**

## **HOTEL LABARTHE**

“Tomamos conta do Hotel Labarthe - conta o empresário Daniel Bertelli - no dia 6 de outubro de 1961. De Passo Fundo trouxemos o Alexandre, que durante oito anos foi nosso auxiliar direto. Pessoa de toda a confiança, colaborou com a formação do Carlos Roberto.

Alexandre Venturini Loss trabalhava na Alfaiataria Ferri, ao lado do Hotel Glória, em Passo Fundo. Tinha chácara e vendia leite para nós. Hoje está em São Borja, onde contraiu casamento. Estabeleceu-se lá com padaria, confeitaria, minimercado e construção civil. Conquistou a simpatia do povo daquela cidade.

Um dia, aqui em Livramento, aconteceu um caso interessante. O Alexandre era encarregado da lenha que mantinha o fogão da cozinha do antigo hotel. Todas as semanas, ele e o Roberto, com a Kombi, traziam uma carga de lenha de uma chácara em Rivera.

Em um dia de intenso calor, eles saíram levando uma enorme melancia, que pesava 18 quilos. Colocaram-na à sombra para refrescar, enquanto carregavam a Kombi. Mas o Beto, não aguentando o calor e a sede, vai e agarra logo a melancia. Pesada como era, cai-lhe das mãos partindo-se.

O recurso era colocarem-se ambos a saboreá-la imediatamente. Não foi fácil. Levaram hora e meia. Depois, de barriga cheia, levaram outra hora e meia para carregar a lenha. A demora me irritou. Deu-se uma tremenda bronca...

O Hotel Labarthe - prossegue Bertelli - possuía 80 quartos, em três pavilhões, ocupando todo o comprimento do terreno. Podia hospedar mais de 130 pessoas. Dependia dos hóspedes. Se era família com filhos, a gente colocava três ou quatro pessoas no mesmo quarto, em vez de duas. A gente punha colchão de espuma no chão e a família se acomodava.

A diária, com três refeições, era, a princípio, de 500 cruzeiros, com desconto de 10% para os viajantes. Este hotel foi sempre o hotel dos

viajantes. Por isso, até meia-noite, tínhamos sempre seis quartos reservados.

Nós temos um compromisso com os viajantes. Hoje e sempre. Não podemos magoá-los, deixá-los sem hospedagem. Em Passo Fundo e Lagoa Vermelha, era diferente. Lá lotávamos a casa e cerrávamos as portas. Aqui o viajante tem preferência. O nosso movimento normal, nos primeiros anos, foi quase sempre 75% de viajantes.

Só nos meses de junho e julho, quando os brasileiros vêm fazer compras no Uruguai, é que o número de viajantes torna-se menor, quer dizer, perde pelos turistas. É só verificar o registro dos hóspedes. É viajante, viajante, viajante. Registramos o nome, profissão e endereço.

Era a norma recomendada pelo nosso antecessor, da família Labarthe, que nos vendeu o hotel: Vocês não desprezem a classe, porque vocês vão conviver com ela. O resto são ondas que passam e não voltam.

A diária para os brasileiros era de 500 cruzeiros, para os uruguaios, mil cruzeiros. E eles achavam barato. O Uruguai era uma espécie de Suíça. O peso uruguaio valia cem cruzeiros. Coisa de louco!

Como sabemos, chegamos aqui no dia da renúncia do Presidente Jânio Quadros, que provocou a desvalorização do cruzeiro. Então os castelhanos chegavam aqui e esvaziavam as lojas.

Por fim, a fiscalização deles acabou coibindo este comércio, que já era contrabando. Mas os contrabandistas, quando não conseguiam levar de ônibus, iam de trem. Sempre davam um jeito para transportar as mercadorias para Montevidéu. Aqui no Brasil ninguém se opunha ao contrabando dos uruguaios. Nós temos que nos preocupar que não entre contrabando, mas deixar que saia. Isto foi dito a mim aqui no hotel por um exator federal. As fábricas, os comerciantes, pagam seus impostos, pagam ICM, pagam INPS, pagam imposto de renda, pagam tanta coisa.

Somente uma vez - prossegue o sr. Bertelli - enfrentei dificuldade com um agente do DOPS, que parava aqui no hotel. Havia um castelhano que vinha aqui todas as semanas. Hospedava-se aqui. Fazia comércio de

ação inoxidável, porque lá no Uruguai não existia. Era todo importado e tornava-se muito mais caro. Por outra, o câmbio deles favorecia. Vinha aqui e levava malas cheias de talheres.

Eu me encontrava um dia na portaria com este agente do DOPS. Naquilo passa o castelhano carregando suas malas pesadas. Diz o agente:

- Esse é castelhano?

- Sim. - respondi.

- O que ele leva ali é contrabando, não é? São revólveres, balas.

- Não. - respondi.

- Vou prender este castelhano.

- Não prenda, por favor, seu Gonçalves. Eu te peço, não prenda. Eu dependo muito desse homem. Ele manda muita gente para o meu hotel. Não pode prender a quem dá lucro para a Nação.

- Não, mas eu vou prender.

- Olhe, se quiser conferir o que ele leva nessas malas, e só perguntar ao nosso funcionário da portaria. Ele sabe. Quer saber o que ele leva? Leva talheres. Nada mais.

Aí o agente não prendeu. O camarada conseguiu embarcar num táxi Chevrolet, que fazia ponto aqui. Se o agente tivesse prendido, eu perdia o freguês. Este e outros, porque ele saíria dizendo por aí: Não se hospedem no Hotel Labarthe. Lá tem polícia.

Nós procuramos que nossos hóspedes não sejam molestados. Não vamos denunciar. Entretanto, quando podemos engatar sem prejuízo nosso, mandamos ladrões para a polícia.

Agora, os comerciantes uruguaios nós protegemos. Não me refiro ao contrabandistas de gado, tanto do Brasil como do Uruguai. Essa é outra história. Outra história muito comprida e muito fascinante.

\*

Mas os castelhanos são muito simpáticos. São hóspedes excelentes. Eles não roubam e não saem sem pagar. Pelo contrário: Dão propina a todo mundo. Eles gostam de chimarrão. Então vem aqui e tomam a vontade. A nossa erva é melhor que a deles.

Chegam, sentam à mesa da refeição. Falam alto. Brincam com os filhos. Tomam o melhor vinho do Brasil. Cerveja, refrigerante, tudo. Eles vêm para se divertir.

Uma vez chegou a Rivera o Ministro da Saúde do Uruguai. Não havia mais lugar nos hotéis de Rivera. Então vieram aqui. Nós trabalhamos de comum acordo com os hotéis, tanto do Brasil como de Rivera. Se estamos mal de apartamentos, falamos com os hotéis de Rivera. Quando os hotéis deles estão lotados, mandam para nós.

Nós mesmos indicamos onde devem se hospedar. Muitas vezes levamos os hóspedes até o hotel de Rivera. É o sistema que temos e que muito nos ajuda.

Nossos funcionários aqui no hotel, quando a lei permite, são uruguaios. São ótimos operários. Em Santana do Livramento, a terça parte da população é uruguaia.

É por isso que todos os habitantes de Rivera falam a nossa língua. O jogador Hugo de Leon fala bem o português porque é de Rivera.

Lá em Rivera fala-se mais a nossa língua do que o castelhano. Até nas escolas, nas repartições públicas, nos quartéis. Tanto assim que chegou ao ponto de o governo uruguaio baixar portaria proibindo de falar português nos quartéis e demais repartições públicas.

Antigamente, logo que cheguei aqui, era o contrário. Os brasileiros falavam o castelhano mais do que os uruguaios o português. Agora, a coisa se inverteu."





**Figura 32 Casa residencial ao lado do Hotel Labarthe em demolição.**

## **FALTA DE HOTÉIS**

Mas continuemos ouvindo a palavra fluente do sr. Daniel Bertelli, que é realmente muito interessante.

"Uma vez, durante a Semana Santa, que é a Semana do Turismo dos argentinos e uruguaios, chegou aqui um jornalista da Rádio Gaúcha, de Porto Alegre. Veio para transmitir o jogo de futebol. Chegou com a família às duas da madrugada. Eu estava ainda de pé, hospedando gente. Mas quando o radialista chegou, não havia mais lugar.

- Não tenho mais acomodação alguma - informei. - Mas o senhor com sua família vão ficar em nossa casa particular. Vamos improvisar um quarto na sala.

A família ficou muito contente, como aconteceu mais tarde, por ocasião da visita do Presidente Geisel, com outra família de Porto Alegre.

Naquele dia 12 de junho, a cidade estava tomada, assim como Rivera, que nesse dia hospedava o Presidente do Uruguai. Em nosso hotel, havia três ministros, senadores, a filha do Presidente Geisel e toda a segurança da presidência, em número de 60 pessoas.

Era uma noite de neblina. Nós estávamos ainda na portaria, porque almoçávamos às três da tarde e jantávamos à meia-noite, por causa do extraordinário movimento.

Chega um senhor e pergunta:

- Tem acomodação para um casal?

- Não tem - respondeu o funcionário da portaria. - A casa está tomada.

- Interessante - diz - sou Presidente do Tribunal de Justiça do Estado (tinha chegado com carro oficial). Fizeram convite e não reservaram acomodação. O recurso é retornar a Porto Alegre,

Eu ouvi isso e interferi na conversa. Me apresentei dizendo que era

o dono do hotel e lamentava o que estava acontecendo.

- Doutor, - disse eu - isto não podia ter acontecido. Mas nós vamos dar um jeito. Traga a sua senhora. Vamos acomodar em nossa casa particular. Não repare. Nossos filhos estão todos em Porto Alegre. Em nossa casa já temos dois casais, dois engenheiros da Guaíba Obras Públicas, que construíram a estrada e agora vieram entregar ao Presidente da República.

Sobrava ainda aquela sala da frente para o Presidente do Tribunal de Justiça. O casal entrou aqui e começamos a conversar. Ficamos sabendo que pertencia como nós ao Movimento Familiar Cristão. Fizemos grande amizade.

- Nós vamos ficar. Vamos aceitar a vossa boa vontade - disse para mim e D. Wilma. - Nós até não temos palavras para agradecer tanta amabilidade, tanta cordialidade.

Então minha esposa improvisou na sala duas camas sobre dois sofás-camas. O casal ficou muito contente. Depois, como naquele tempo não dávamos refeições em virtude da reforma do hotel, levei-os ao restaurante da Matriz do Rosário, o Censore. O carro dele me trouxe de volta.

De noite, telefonei para o nosso Juiz de Direito, dizendo que em nossa casa estava hospedado o Presidente do Tribunal de Justiça.

- Dr. Sérgio, - perguntei - o senhor não tem um apartamento disponível? O seu chefe está aqui.

- Deixe que fique por lá, por favor. Estou com um desembargador em casa, um amigo que vai dormir na sala também.

No dia seguinte, o casal nos agradeceu, colocando-se à nossa disposição em Porto Alegre. Uma bela pessoa, homem alto, grisalho, natural de Venâncio Aires.

\*

Desse expediente lançamos mão uma infinidade de vezes. Ainda hoje. Chegamos a acomodar em nossa casa os componentes de toda uma excursão.

Essa atitude tem nos proporcionado momentos de alegria e aumentado nossos amigos, como também o número de clientes.

Não raro, para orientação de pessoas amigas aqui hospedadas, fazemos ligações telefônicas grátis, para dar informações à família, para reservar lugar em hotel. Digo-lhes: Os senhores não vão ter dificuldades. Entram por este caminho que é melhor. Lá tenho um amigo.

É um prazer para nós deixar o cliente bem informado. Um dia chegaram dois casais de Porto Alegre. Daqui viajavam para Buenos Aires e Bariloche. Então orientei que fossem por Paissandu, pela ponte que fora recentemente inaugurada. Por este caminho, encurtariam o percurso de mais de 300 quilômetros em relação a Uruguiana.

Saí do hotel com eles. Levei-os à Delegacia Federal do Brasil. Depois apresentei-os na Alfândega, a fim de dar saída do automóvel. Levei-os à Polícia de Rivera, onde apresentaram a identidade e conseguiram licença para viajar pelo país.

Em seguida, apresentei-os no Consulado argentino para alguma consulta a fim de verificar se tudo estava em dia para poder entrar naquele país. Isto porque se o carro for alienado à Caixa Federal ou a um banco, a Argentina não deixa entrar.

Nós estamos aqui também para isso. Não é só para cobrar. Nós fazemos este trabalho quase diariamente. Outrora era eu, hoje é o meu filho Roberto. O freguês depois pergunta quanto é o nosso serviço. Não tem nada a agradecer - respondemos. - Nós fazemos apenas a nossa obrigação.

Um dia, um promotor, nosso hóspede, sofreu uma grande humilhação, quando agentes alfandegários do Brasil quiseram tirar-lhe uma manta que havia comprado no Uruguai. Naquele tempo, os brasileiros turistas no Uruguai não podiam trazer nem cobertor, nem manta e nem

japona.

Depois que presenciei a cena do promotor e a polícia, eu falei um dia com um general, parente do nosso presidente da República daquele tempo. Pedi a ele que interferisse no sentido de se obter do governo autorização para os turistas brasileiros poderem adquirir no Uruguai e trazer para o Brasil pelo menos um cobertor ou uma manta e mais uma japona.

Daí a pouco tempo, o governo isentou da taxa de direitos alfandegários e de qualquer outra formalidade a entrada no país de um cobertor e uma japona, adquiridos no Uruguai."

## OPERÁRIOS

Continua com a palavra o hoteleiro Daniel Bertelli:

"Temos grande preocupação para com nossos funcionários, nossos empregados, nossos operários. O trabalho é sagrado. Quem faz o operário e o empregado do hotel, são os patrões. E quem promove os patrões, quem dá boas informações dos patrões, são os operários.

Pagamos o salário todas as semanas. Pagamos o 13º no início de dezembro. E a primeira parte no início de julho.

Em caso de acidente, de morte, a gente faz o velório, o enterro, tudo. É nossa obrigação. Um dia morreu um castelhano que foi garçom aqui durante muitos anos, João Pedroso.

Durante a enfermidade, nós o visitamos muitas vezes, em casa e depois no hospital. Quando faleceu, fui logo ver os direitos que tinha no INPS. Mais de 20 anos recolhendo sua contribuição.

Como era castelhano, a família não sabia da lei. Não sabia se uruguaio tem direito. Claro que tem. Fui lá no INPS. Falei. Fizeram o enterro. Enterro não de gente rica, mas de gente remediada.

Aqui na fronteira o funeral é muito bonito. Há duas casas funerárias em Santana e duas em Rivera. Mas são da mesma firma. Então, se é filho de castelhano e mãe brasileira, e ele morreu lá, vai ser enterrado lá no Uruguai. Mas quem vai custear as despesas do funeral é o INPS ou IPE do Brasil.

Pois o João Pedroso faleceu e a viúva não sabia dos seus direitos. Eu consegui que ela recebesse a pensão do marido. Então ela passa aqui diante do hotel, me cumprimenta e me agradece tudo quanto eu fiz por ela e por seu marido. Depois diz:

- Mas como o senhor engordou, seu Bertelli.
- É bom trato da esposa - brinco.

- Seu Bertelli, quero lhe agradecer tudo quanto fez. Eu estou voltando do INPS, estou recebendo minha pensão.

- A senhora continua recebendo?

- Continuo. Muito obrigado. Aqueles poucos 300 cruzeiros mensais, que recebo por o senhor ter interferido, muito me ajudam. Até passeando estou, eu que nunca passei na vida.

Tínhamos aqui um mestre de obra que era uruguaio. Um construtor com mais de 40 anos de profissão. Construiu várias casas em Rivera e outras em Santana. Era castelhano, mas morava aqui, onde existe facilidade pela Lei 19 do nosso Ministério do Trabalho. Ele se inscreveu no INPS e contribuía aqui. Faltavam 18 meses para completar 65 anos de idade e poder se aposentar.

- Seu Daniel, - disse-me ele - tem um galho. Estou trabalhando aqui com o senhor. Estou muito contente. O senhor me paga muito bem, mas eu preciso de um favor.

- O que é? - perguntei.

- Minha esposa está desenganada. Está com câncer. Vou ficar viúvo e vou passar a depender de uma filha, que mora comigo. Preciso que o senhor me dê uma mão.

Fazia mais de um ano que estava trabalhando para nós. Como faltavam apenas 18 meses para se aposentar, nós o aposentamos. Como? Por invalidez.

Com a ajuda do amigo Ivo Caggiani, falamos com o Dr. Sérgio Viecelli. Informamos que o empregado sofria de tonturas e da visão. Não enxergava quase nada. A seguir, fomos a outro médico, um cardiologista, porque o nosso empregado sofria do coração. E assim conseguimos aposentá-lo. O homem está recebendo. Está muito feliz, muito agradecido a gente. Diz que nós fizemos para ele papel de pai."

\*

O sr. Daniel Bertelli costuma dizer: “A maior obra de nossa vida, minha e de D. Wilma, foi a salvação de um filho de um nosso empregado, um uruguaio de nome Ermógenes. Ele tinha um irmão que também trabalhava em nosso hotel. Faz uns 17 anos. Perguntei:

- Por que o Ermógenes não veio trabalhar ontem?

- Aconteceu uma desgraça. O filho dele, de três anos, virou sobre si uma panela de água fervente. O guri está muito mal”.

Daniel e D. Wilma, imediatamente, ao meio-dia, foram à casa do Ermógenes. Fazia 24 horas que o filho tinha sido queimado, sem ter recebido atendimento algum. Os médicos desculpavam-se dizendo: Não é minha especialidade. Eu não posso atender.

Os pais tinham ido ao hospital a pé, com a criança no colo, porque não podiam ir de táxi, por serem pobres. Daniel viu o caso grave. Foi imediatamente em busca do seu médico, o Dr. Luiz Carlos Padilha, um cursilista. Muito atencioso, muito solícito, falou: "Seu Bertelli, às duas horas quero ver essa criança na Casa de Saúde”.

Logo que a loja das Casas Pernambucanas, ao lado do hotel, abriu as portas, Daniel e D. Wilma foram comprar roupas para o menino. Quinze pras duas, D. Wilma, lá no hospital, vestiu a criança. E saíram com ela e os pais para a Casa de Saúde, em Santana do Livramento.

O médico estava lá, pontualmente. Examinou bem a criança e disse:

- Seu Bertelli. O caso é gravíssimo. Queimaduras de 3º grau. Faz 24 horas que esta criança se queimou. Ela nem sequer abre os olhos. Só um milagre de Deus.

- Doutor, - falou Daniel - o senhor não repare no preço dos medicamentos. Me cobre a mim. Tudo corre por minha conta. Os pais são pobres, não têm recursos.

- Com a graça de Deus, sr. Bertelli, espero salvar esta criança.



Às três horas, a criança entrou no quarto. Chegou logo a enfermeira. Bertelli pediu a ela que se esforçasse e deu-lhe uma colaboração. O médico, depois de aplicar o medicamento, falou:

- Seu Bertelli, se dentro de seis horas este medicamento fizer efeito, a criança está salva. Mas se o antibiótico não conseguir neutralizar o efeito da queimadura, a criança está morta.

D. Wilma saiu apressada e foi à capela, onde orou com toda a ardente fé que ela tem. Voltaram para casa. Almoçaram alguma coisa e Daniel retornou à Casa de Saúde. De noite, às nove horas, voltou para lá. Chegou o médico. Entraram no quarto juntos. A criança, na cama, ao lado da mãe, tomava um caldo. O médico, vendo a criança de olhos abertos, bem ativa, tomando o caldo, foi para perto do sr. Daniel, deu-lhe um abraço:

- Seu Bertelli, é um milagre de Deus! Você e D. Wilma mereceram este milagre.

A criança ficou um mês no hospital por conta do hoteleiro. Ficou mais dois meses num apartamento do hotel, junto com a mãe. A enfermeira ia lá todos os dias para fazer os curativos. Este menino hoje é militar em Montevidéu.

\*

Outro caso, bem mais recente, aconteceu com uma filha do sr. Bittencourt, um mestre de obra, também uruguaio, que estava construindo a elegante casa do Carlos Roberto Bertelli.

A família tinha ido passar o domingo no campo. Lá pelas tantas, a filha, de uns 14 anos, sem muita prática de andar de motocicleta, lançou mão de uma moto e saiu a passear. E não voltou mais.

Só bem mais tarde é que os pais a encontraram acidentada e a levaram ao hospital de Rivera. Daniel e o filho Roberto, tomando conhecimento, foram ao hospital. Encontraram a moça muito mal. Como vinha sendo tratada apenas com calmantes, os Bertelli sugeriram ao sr. Bittencourt que fosse transportada para Montevidéu. Daniel prontificou-se a

levá-la de carro, mas o Roberto interferiu:

- Pai, espere um pouco. Eu vou entrar em contato com o Dr. Vieira, que é um neurologista e é o nosso especialista.

Aí o médico pediu que não a levassem para Montevidéu, antes que ele examinasse a moça. Daniel foi ao hospital e alegou que iriam levar a doente para a Capital do Uruguai. Com esta desculpa, conseguiram retirá-la do hospital de Rivera e levá-la para a Santa Casa de Santana.

O Dr. Vieira descobriu logo o problema. Ao cabo de cinco dias de tratamento, conseguiu recuperá-la. A família Bertelli ainda fez com que fosse tratada por conta do INPS, porque o irmão dela e o próprio pai eram seus empregados.

Hoje, muito feliz, esta jovem e estudante, sendo muito agradecida aos donos do Jandaia Hotel.

## DOENTES

Acerca do bom tratamento que os hóspedes doentes recebem por parte dos proprietários do Hotel Labarthe e hoje do Jandaia Hotel, escutemos o sr. Daniel.

"Certo dia, numa loja, os balconistas me perguntaram o que eu havia feito para o Gastão, um viajante, nosso hóspede, que não parava de enaltecer o nosso hotel. Contou que estivera doente e fora tratado esplendidamente como se fosse em sua casa.

- É nossa obrigação - respondi. - Mas não é só com ele. É pra todo mundo. É dever do hoteleiro cuidar bem dos hóspedes. Eles saem de casa, despedem-se da família e vêm para o hotel. O hotel é como sua casa. Os hóspedes devem ser tratados como filhos.

Aqui estão em casa, e ninguém pode molestá-los. Um fiscal do ICM queria um dia invadir o apartamento de um dos nossos hóspedes, a pretexto de contrabando.

- Não pode - protestei.

- Não pode por quê? Vou chamar a polícia.

- Não - declarei - a polícia também não entra aqui. Só entra com ordem do Juiz.

O doente encontra em nosso hotel todo o apoio, toda a ajuda, todo o conforto. Temos uma pequena farmácia. Ministramos tratamento de emergência. Aplicamos injeções. Examinamos a pressão arterial. O meu genro, que é médico, me fornece as receitas.

Os hóspedes que jantam em Rivera e comem a tal *parrillada*, que é um prato gostoso mas muito forte, às vezes se sentem mal. Então, vão à portaria, onde existe ordem para me chamarem a qualquer hora da noite. Aí eu me levanto à meia-noite, às duas horas, às três horas.

Num caso de desarranjo intestinal, aplicamos injeção para atacar o

vômito e depois tratar o intestino. O hóspede às vezes chora.

- Por que tanto medo? - pergunto. - Por que chora? Aqui você está em casa.

- É o fígado, seu Bertelli. Foi uma *parrillada* lá em Rivera. Tomei uns aperitivos. Sentei à mesa e comi aquele prato saboroso, com linguça, tripa gorda, morcilha, rins, miolos de vaca, chinchulin, ubre. O fígado estourou.

Um exemplo é o Conti, de Erechim. Trabalhava na empresa Ouro e Prata. Hospedava-se aqui. Sentiu-se mal de noite. Começou a gritar de dor. Chamamos o médico. Mandou baixar ao hospital. Foi operado às 11 horas da noite. Era uma peritonite, apendicite aguda supurada. Quase morreu. Mandamos chamar a esposa.

O caso do Gastão, um viajante de uma fábrica de ferragens de Porto Alegre, que mora na Bordini. Grande amigo nosso.

Passou a noite em claro, o pobre do Gastão, revirando-se na cama, gritando de dor. De manhã, às seis horas, me chamaram. Dei-lhe um calmante. Queria um médico. Perguntei onde era a dor.

- É por tudo, seu Bertelli. Não aguento mais de tanta dor.

Dei-lhe uma água mineral. Aconselhei que aplicasse supositório. Fui comprar na farmácia. Ele mesmo aplicou. Quinze minutos depois, fui revê-lo.

- Nada?

- Nada. Dói por tudo.

Então fui à Casa de Saúde. Trouxe o médico, enfermeira e ambulância. Foi-lhe aplicada uma injeção, porque o médico achava tratar-se de uma crise renal.

- Se não melhorar - disse - me chamem.

Paguei o médico, a enfermeira, a ambulância. Daí a pouco perguntei:

- Como vai, Gastão?

- Estou um pouco aliviado.

"Fui tomar café. Passados 15 minutos, eu estava na portaria, conversando com os funcionários. Disse-lhes que ia fazer compras e que eles cuidassem do doente.

Naquilo, qual não foi meu espanto? O paciente, o Gastão, aparece ali, de pasta na mão.

- Que é isso, Gastão?

- Estou bom. Já vou trabalhar. Olhe aqui o que me incomodava. Uma pedra nos rins. Olhe aqui a pedra que acabo de expelir. Muito obrigado, seu Bertelli.

- O médico tinha razão - declarei. - Deixe aqui a pedra. Quero mostrá-la a ele.

\*

Outro viajante sentiu-se mal de noite. Nosso tratamento de emergência não resolveu. Eu disse ao doente:

- Temos que chamar o médico.

- Não - respondeu – eu estou sem dinheiro.

- Não faz mal. Nós pagamos.

Veio o médico. Mandou baixar ao hospital. Ele não queria, alegando que estava sem dinheiro.

O viajante estava com pneumonia. Como deveria ficar tempo no hospital, resolvemos encaminhá-lo para sua casa. Foi de avião, pela VARIG, que naquele tempo fazia linha aqui. Foi por nossa conta.

Mais tarde, ele voltou curado. Pagou a conta e agradeceu.

\*

Um trabalho apostolar nosso, meu e da minha esposa, trabalho que

nada tem a ver com o hospital, mas com a nossa condição de católicos, de membros do Movimento Familiar Cristão e Cursilhistas, foi a recuperação de um casal, que depois de 40 anos de perfeita união conjugal, estava para se separar para sempre.

Um casal de Porto Alegre, a quem devemos obrigação, sendo ligado a nós por fortes laços de amizade e parentesco. Três filhos, todos formados. Situação financeira invejável.

Pois um dia, os filhos exigiram a separação dos pais. Durante algum tempo, viveram separados na própria casa. A seguir, o marido passou a hospedar-se no hotel.

Tomando conhecimento, fomos a Porto Alegre. Ficamos por lá três dias. Observamos a lamentável situação, o atrito existente entre ambos, que já não conversavam entre si. Ela quase não dormia, quase não comia, só fumava. Ele, cada vez mais débil, mais aborrecido.

Mais tarde, outra visita, para fazer-lhes um convite. Como a época era excelente para fazer turismo na Argentina, tudo barato, tudo lindo, convidamos o casal para juntos passar uns dias em Buenos Aires, que eles não conheciam.

Retornamos a Santana do Livramento. Daí a alguns dias telefonamos combinando o dia da viagem. Sexta-feira de noite, o casal chegava. No dia seguinte, já estávamos na capital argentina.

Passamos lá uma semana esplêndida, rindo, brincando, comendo bem, tomando aquele vinho saboroso. Uma semana de extraordinária alegria, que acabou por unir intimamente o casal, que hoje vive muito feliz.

\*

Outra preocupação nossa é para aqueles hóspedes que sábado ou domingo surpreendem-se porque a condução, o automóvel, não funciona por qualquer defeito mecânico. Como as oficinas encontram-se de portas cerradas, o hóspede vê-se de repente na impossibilidade de viajar, devendo adiar a viagem para segunda-feira.

Isto não acontece aqui em nosso hotel. Nós temos dois mecânicos contratados, temos eletricitas, borracheiros, prontos a acudir em dias feriadados. Nenhum hóspede nosso tem o desgosto de ouvir esclarecimentos como este: Hoje é domingo, ninguém trabalha. O senhor só poderá viajar segunda-feira.

No ano passado, chegou aqui um casal argentino em viagem de lua de mel. Ele era dentista. Sábado de noite, depois do jantar, querendo dar uma volta por Rivera e Santana, uma surpresa. O motor do carro não funciona. Dentro de poucos minutos, o mecânico descobriu o defeito. Substituiu o platinado. Era só este o defeito.

Domingo de manhã, o casal viajou para Porto Alegre e daí para São Paulo e Rio de Janeiro. Ficou trinta dias no Brasil. Na volta, parou outra vez em nosso hotel.

Uma ocasião chegou aqui o nosso amigo Teixeira, o grande cantor e artista Vitor Mateus Teixeira, acompanhado pela Mary Terezinha, para uma temporada em Livramento e em Rivera. Encontrava-se com o carro avariado. Então eu cedi a ele o nosso Dodge Dart, com o qual, durante vários dias, pôde dar seus espetáculos, sempre muito aplaudido."

## **A FESTA DOS VIAJANTES**

Ainda com a palavra o sr. Daniel Bertelli:

"Todos os anos, no dia 1º de outubro, oferecemos uma festa aos nossos viajantes. Um almoço ou jantar aqui em casa ou num restaurante de fora. É o dia pan-americano do viajante. Nesse dia ele merece uma homenagem. Ele é aquela pessoa sacrificada que leva o progresso ao interior. Abastece as lojas, os supermercados, todas as casas comerciais.

Quando chegamos aqui, em 1961, o sr. Antenor Labarthe Fernandez, ao entregar o hotel, recomendou: 'Seu Daniel, não esqueça nunca esta data. A gente gasta tão pouco, para receber muito'.

Então, desde que estamos aqui em Santana do Livramento, há 24 anos, sempre festejamos o dia 1º de outubro, o dia do viajante. São sempre uns 50 ou 60 que participam. Até partida de futebol organizamos, por vezes.

Uma noite, o seu Valduga, um viajante muito disposto, fez um discurso comovente. 'O viajante - dizia - saí de casa. Despede-se da família. Deixamos a esposa, deixamos os filhos. Partimos sem destino...'

Fez chorar todo mundo. Naquele final de banquete, tocados pelas palavras e pelo álcool, todos se comoveram.

\*

Os viajantes trazem muita alegria. Não esqueço um alemão, logo que chegamos aqui. Ainda não havia estradas pavimentadas. Só estradas de chão, muito ruins. Por isso, ele viajava de trem. Trazia doze enormes baús, com amostras de tecidos. Hoje o mesmo mostruário, bem mais simples, cabe numa mala só.

Despachava as doze malas pelo trem. Um dia, chegando aqui junto ao hotel, diz: 'Seu Bertelli, me dá uma carona com a sua Kombi. Tenho lá na Estação Ferroviária todo o meu mostruário. São doze malas enormes'.

Fui lá. Trouxe todas as malas numa vez. Chegando ao hotel,



encontrava-se aqui outro viajante, um tal de Conti, muito gozador. Diz ele, ao ver chegar toda aquela bagagem do colega:

- Atenção, senhoras e senhores. Está chegando o circo. A estreia desse circo está prometida para sexta- feira, na Praça Getúlio Vargas.

- E o palhaço é você, sem vergonha - completou o alemão.

\*

Uma ocasião havia aqui no hotel a despedida de dois viajantes. Então os colegas decidiram fazer-lhes uma sacanagem. Antes de meio-dia, perguntaram:

- Seu Bertelli, prepare tudo o que tiver de lata velha. Latas de tinta, latas de azeite. E arame ou sogas.

- Pra quê?

- Fique quieto. Depois vai saber.

Mandei os empregados juntar tudo quanto era lata e deixar no corredor, perto da portaria. Enquanto os dois se despediam no hotel, outros, lá fora, amarraram as latas na barata Ford-48 dos dois viajantes. Mais de 50 latas. Saíram fazendo aquele barulhão. Foram embora sem parar. A vizinhança até saiu à rua para ver o 'acidente'.

\*

Num domingo de tarde, dia de chuva, estávamos no restaurante do hotel. Um viajante diz:

- Hoje, dia de chuva, vou dormir toda a tarde. Vou tirar o atrasado. Espero que vocês não me incomodem.

Dois viajantes, bem bagaceiras, perguntaram:

- Seu Bertelli, o que podemos fazer para não deixar esse colega dormir? - não - respondi - não contem comigo. Eu sou o dono do hotel, não posso incomodar meus hóspedes.

- Bom, então, deixe por nossa conta. Qual é o carro dele?

- É aquele fusca azul.

- Tem papel aí?

-Tem.

A chuva tinha parado. Colocaram no para-a-brisa do fusca azul o papel com estes dizeres: 'Vende-se por motivo de aperto. Preço: 75 mil cruzeiros. Quarto 32'.

O carro valia 150 mil naquele tempo. Logo passa alguém. Lê o anúncio e entra no hotel. Vai ao quarto nº 32 e bate.

- O que há?

- O senhor é o dono do fusca azul que está à venda?

- Está à venda coisa nenhuma. Me deixe dormir.

- Daí a pouco, outra pessoa. Chega e bate:

- É o senhor o dono do fusca azul que está à venda?

- Está à venda coisa nenhuma. Deixem-me dormir, por favor.

E foi toda a tarde daquele jeito, para alegria do resto da turma.

\*

Além da festa dos viajantes, durante muitos anos, em Lagoa Vermelha, Passo Fundo e aqui em Santana, naquele tempo em que não existia o telefone sistema DDD, dávamos uma janta a todo o pessoal do Centro Telefônico. As telefonistas sempre foram muito atenciosas e prestativas para nós. Então, pelas festas de fim de ano, dávamos uma janta. Com isso o nosso hotel tinha mais um motivo para contar com a boa colaboração do Centro Telefônico.

Por falar em telefone, no tempo do Hotel Labarthe, surgia algum problema com hóspedes que, às vezes, esqueciam de prestar conta das ligações feitas. Então, mandamos confeccionar um talão, organizado de acordo com instruções recebidas da própria central. Nesse talão, o cliente devia anotar o número do telefone solicitado. O número daqui. O nome do

hóspede que telefonava. Com quem iria falar. Em que cidade. Em que hora. Depois o hóspede levava uma via e outra ficava para a contabilidade.

O nosso amigo do Rio Hotel, de Passo Fundo, Firmino Duro, dizia que não podia controlar o telefone. Tinha na média um prejuízo mensal de três mil cruzeiros, lá pelo ano de 1970. Nós fornecemos a ele o modelo, que ele reproduziu, obtendo excelente resultado. O sr. Firmino da Silva Duro, que depois foi Prefeito Municipal de Passo Fundo, vem nos visitar de vez em quando. Não esquece o nosso favor.

Agora, no Jandaia Hotel, temos uma central telefônica PBX com 140 telefones e quatro troncos de telefones externos, sem contar o da casa da família. Então, podemos receber simultaneamente dois telefonemas de fora e expedir dois."



**Figura 33 Confraternização do Dia dos Viajantes em Santana do Livramento.**



**Figura 34 1- 10-71 - Festa dos Viajantes, realizada no Restaurante Sensure da Paróquia do Rosário, Livramento.**



**Figura 35 1-10-1966 - Festa dos Viajantes, quando discursava o Dr. Hélio Carvalho, alto funcionário da Receita Federal**

## CAÇADAS

Continua com a palavra o empresário Daniel Bertelli:

“Os nossos viajantes e outros hóspedes, especialmente os da zona colonial italiana apreciam muito uma perdizada, um dos pratos mais disputados por lá. Eles, na primeira vez, diziam: 'Eu nunca vi em parte: alguma um hotel servir um prato de perdiz'.

A minha esposa ensinou as nossas cozinheiras a preparar uma perdizada, com massa, temperada com sálvia, que trazíamos de Garibaldi, por intermédio do nosso primo João Costi. Durante o inverno, era uma grande atração do nosso hotel.

Aqui na fronteira, existia e ainda existe muita perdiz. Basta dizer que um dia o nosso auditor e companheiro de caçadas Fiorelo Zucchi matou cinco perdizes com um tiro. Foi numa lavoura do falecido Antônio Pinto Guedes. Mas foi no chão. Atirou para uma sobre um cocuruto. Foi ver, estavam mais quatro mortas.

Os fazendeiros daqui, na fronteira, em geral, não apreciam a carne de perdiz. Uma ocasião, depois de uma grande caçada, resolvemos oferecer aos proprietários uma bandeja de perdizes bem preparadas por D. Wilma. A moça que recebeu fez cara feia e exclamou: 'Me dá até nojo!'. Soubemos depois que a família não comeu.

Comecei a caçar aqui em Santana com o Irmão Bonifácio, com o professor Zucchi e outros professores do Colégio Santanense. Praticamente, éramos os únicos caçadores do município, na década de 1960.

Saíamos de Kombi, andávamos pelo campo, caçando no pio, sem sair do carro, a não ser para juntar a caça. De carro é muito melhor do que a pé, com cachorro. A gente não cansa tanto. Vai conversando, ouvindo rádio, acompanhando a transmissão do futebol. Às vezes, chegávamos a matar dez perdizes sem se mexer do lugar. Perdizes, perdigões e até lebres. As lebres eu depois dava aos nossos empregados, que muito apreciam a carne

de lebre.

A nossa fazenda preferida era a do grande amigo sr. Francisco Pires da Cunha. Ele deixara ordem ao seu capataz, o seu Alvarino, para que nos atendesse muito bem. Especialmente a mim, o seu Zucchi e o primo João Costi.

Se a caçada durava apenas um dia, o capataz matava uma ovelha e preparava um gostoso churrasco para os visitantes. Indo de sábado, pernoitávamos na fazenda. Ficávamos até meia-noite rindo, brincando, contando casos, anedotas.

É uma fazenda lindíssima. A casa lá no alto. Um silêncio enorme. Só se ouve o canto dos passarinhos. Chegando lá, era sempre uma festa. O Alvarino nos recebia de braços abertos e nos franqueava a fazenda. Mostrava onde o carro podia atolar, onde não atolava.

Sendo muito amigo do seu Alvarino, fiz-lhe um dia um favor. Ele tinha uma filhinha de três anos, que sofria sério problema na coluna. Deveria submeter-se a várias intervenções cirúrgicas com médico especialista em Porto Alegre. Como é pobre, o médico aconselhou que se inscrevesse numa firma, a fim de poder gozar dos benefícios da Previdência Social. Assim fiz, sem que houvesse despesa alguma para o capataz. A filha foi operada em Porto Alegre e está aí com saúde, embora usando colete.

Uma vez, andando pelo campo, atolamos a Kombi. O seu Zucchi, pessoa ponderada e de muita calma, disse que devíamos mandar buscar um trator para arrancar o tatu. Foi o que fizemos.

Num domingo de Grenal, fui caçar com o primo João Costi, que é colorado. Caçamos toda a manhã e parte da tarde. Mas o Grêmio perdeu. Então eu também perdi a vontade de caçar.

- Nada disso - reclamou o primo. - Ainda temos uma hora de sol para caçar. Temos apenas 120 perdizes.

- Não, chega. Vamos embora. A Kombi é minha. O campo fui eu que consegui.

- Posso falar? - perguntou o primo. - Quem encheu o tanque de gasolina fui eu. Então eu também mando na caçada.

- Não. Vamos embora - respondi. Passamos na fazenda. Recebemos uma paleta de ovelha e viemos comendo pela estrada.

\*

A princípio, a caça estava liberada. Depois a fiscalização principiou a coibir os abusos. Os guardas colocavam-se lá fora, a uns 15 quilômetros da cidade, para surpreender os caçadores faltosos.

Pois uma tarde, nós retornávamos com um saco de perdizes. De repente, dois policiais.

- Estamos perdidos, Zucchi.

- Seja o que Deus quiser, Daniel.

Mandaram parar o carro. Fiquei tremendo. Um dos guardas diz:

- Os senhores podem fazer um favor?

- Até dois.

- Podiam levar este meu colega até a cidade?

Entretanto, este não foi o único susto em nossas caçadas. Eu tinha um dia ido sozinho caçar pombas carijós, que eu via sempre que passasse por uma lagoa, perto da estrada. Cuidava que aquela fazenda seria do amigo Pedro Severo, que me havia dado carta branca para caçar em seus campos.

Fui lá. Entrei no campo. Armei um esconderijo com capoeiras para fazer a espera. Não havia dado sequer um tiro, quando surge um cavaleiro, de bombachas, esporas, chapéu grande, açoiteira e revólver.

- Que é que você está fazendo aqui? - perguntou arrogante.

Eu larguei a espingarda no chão e falei:

- Cidadão, essa propriedade não é do seu Pedro Severo?

- Nada disso. Quem manda aqui sou eu. Aqui é nossa propriedade. Que é que você está fazendo aqui?

- O senhor me desculpe. Eu tenho licença para caçar na fazenda do seu Pedro Severo. Pensei que aqui fosse dele. Estava aqui vendo se caçava umas pombas, mas nem sequer dei um tiro. O senhor me desculpe.

Mas não foi fácil conseguir que me deixasse ir embora.

\*

Outro acontecimento mais lamentável ocorreu comigo durante uma caçada. Caçada de jacu. Informaram que numa fazenda, a uns 12 quilômetros da cidade, havia muito jacu. Mas, para poder caçar essa ave, deveria ir ao cair da tarde, quando o jacu costuma sair do seu esconderijo para comer frutas.

Seria a minha primeira caçada de jacu, que acabaria sendo também a última. A última de toda a minha vida. Naquele dia só cacei um jacu e me deu a vontade de jogá-lo fora. Nunca mais senti vontade de caçar jacu.

Convidei um funcionário meu para companheiro. O Ermógenes, um uruguaio, o pai do Jorge, aquele guri que se queimou e nós o salvamos.

Deixamos o carro a uns dois quilômetros do local da caçada. Daí fomos a pé, sem dar-nos conta de que a gente devia voltar de noite. Havia restingas de mato, capões. Um rio. Sangas. Terreno acidentado. Uma cascata.

Quando já era quase noite e tratamos de voltar, não encontramos mais o caminho. Uma noite de inverno, muito fria, noite de geada. A estrada cruzava longe, a uns cinco quilômetros. Outra, que vem de Uruguaiana, passava a uns seis quilômetros.

Caminhamos cem metros e demos com uma tropa de gado bovino. Lemos um susto. Voltamos. Fomos dando voltas: 'Ermógenes, vamos por aqui.'

De repente batíamos num bosque fechado. A gente se abaixava e



atravessava o mato pelos trilhos do gado. Saímos no outro lado, lugar limpo. Corríamos pra cá, pra lá. Por fim eu disse:

- Ermógenes, sabes rezar?
- Não sei. Eu nunca rezei. Nunca aprendi.
- Então reza comigo.

Rezamos juntos o Pai-Nosso, pedindo a Deus que nos livrasse daquele lugar, que orientasse os nossos passos, naquela noite gelada. Nós, mal agasalhados, mal alimentados. Rezamos Descansamos a cabeça.

Comecei a pensar: a estrada dos Cerros Verdes segue à nossa direita. Às minhas costas vinha a estrada de Uruguaiana. A lua vinha surgindo. Consultei o companheiro. Ele diz: 'Eu não sei. Nunca estive aqui.'

Caminhamos mais uns duzentos metros e encontramos um campo limpo. Parecia que nós havíamos distanciado ainda mais da condução. Disparei dois tiros, a ver se alguém respondia. Nada. Ninguém.

Demos com outra tropa de gado. Outro susto. Sentamos mais um pouco. Refletimos. Estávamos com fome, mal agasalhados, com aquele frio horrível. O Ermógenes estava mais assustado do que eu. Não falava. Não dava palpite.

Enfim, depois de refletir mais uma vez, guiados pela lua, fomos andando e descobrimos o caminho. Logo ouvimos o rumor da cascata. Em seguida, topamos com a Kombi. Chegamos em casa às dez horas. Em casa estavam todos apavorados com nossa demora. O Roberto estava pronto para sair, andar pelas fazendas, buzinando."

## **ROUBOS NO HOTEL LABARTHE**

Os roubos que se praticavam no Hotel Labarthe constituem um capítulo bem atraente da história da família Bertelli. Vamos continuar ouvindo o sr. Daniel:

"Depois que adquirimos o Hotel Labarthe, renovamos a roupa de cama. Importamos cobertores do Uruguai. Cobertores lindíssimos, listados, que eram cobiçados por cariocas, paulistas, mineiros, gaúchos, todos.

Adquirimos diretamente da fábrica em Montevidéu. Custaram muito dinheiro. Eram necessárias doze diárias para pagar um cobertor. Ficamos com 300 cobertores.

Esses cobertores nos causaram muita mágoa, muita dor de cabeça. Às veres, às cinco horas da manhã de inverno, me tiravam da cama, pelo telefone interno do nosso quarto: 'Daniel, roubaram outro cobertor'. Era o Alexandre que telefonava.

Saltava da cama. Corria a ver. Era do quarto número tal. O hóspede vai embarcar no ônibus às seis horas. Eu deixava o Alexandre na portaria e saía com o ronda, que conhecia o hóspede. Eu comunicava o fato à polícia.

Lá na estação rodoviária, o ronda entrava no ônibus e dizia:

- Fulano, estou aí com o patrão e a polícia. O senhor levou um cobertor.

- Pergunte ao patrão quanto é. Rápido que o ônibus vai partir. Eu pago. O cobertor está lá em cima na mala.

Então a gente cobrava mais. Se custava cinco mil, a gente cobrava dez.

No trem esta cena se repetia muitas vezes. O trem pronto para partir e o cobertor dobrado dentro da mala do hóspede. Dizia ele: 'Não, este cobertor é meu'.

A polícia entrava, tirava o cobertor.

Um caso desagradável aconteceu com um comerciante de São Paulo. Veio com motorista fazer vendas na fronteira. Paravam os dois no mesmo quarto. No dia seguinte saíram levando dois cobertores.

Não sei porque, naquela hora não revistaram o quarto, como acontecia sempre. A camareira foi quem deu pela falta. Vinte para as dez, me contaram a história: 'Roubaram dois cobertores. Um comerciante ficou de se encontrar com o hóspede na frente da Farmácia Nacional'.

Peguei a polícia e fui esperar. Às dez horas encostou o carro na frente da farmácia. Fomos para a Delegacia de Polícia. Negaram haver roubado, mas o policial, revistando o carro, encontrou os dois cobertores debaixo do banco. Traziam a marca do Hotel Labarthe.

\*

Outra ocasião, o Alexandre podia ter sido morto. Por duas toalhas, uma de rosto e outra de banho. Uma família de Alegrete hospedou-se aqui. De tarde foi embora. Uma tarde de inverno, tempo chuvoso. Diz o Alexandre: 'D. Wilma, levaram duas toalhas'. 'Não podemos aguentar, diz ela. Todo mundo leva. Onde vamos parar?'

O Alexandre pegou a Kombi e saiu. Alcançou a família logo fora da cidade. O Alexandre, com muita calma, com boas maneiras:

- Tudo bem? Já estão prontos. Vão encontrar uma noite feia para viajar. Olhem, os senhores não levem a mal. Por um descuido, talvez a senhora tivesse arrumado as malas depressa. Desapareceram duas toalhas.

O homem puxou do revólver. Protestou, com sérias ameaças. A esposa, que estava sentada no banco de trás da camioneta, falou: 'Pai, não se precipite'. Quem sabe eu ou a empregada, às pressas, não teríamos envolvido duas toalhas junto com a nossa roupa. Vamos olhar.

O homem, de revólver em punho, ameaçando. O Alexandre, com boas maneiras, conseguiu acalmá-lo e permitir que abrissem as malas, reavendo assim as toalhas.

Casos como estes não são apenas dois, nem dez, nem vinte...

Chegou aqui um comprador de cavalos, hospedou-se aqui e saiu levando dois cobertores. Para depositar, ao passar pela loja de Elias Salin, entregou lá o embrulho, dizendo: 'Guarde aí um pouquinho pra mim'.

Entrei em contato com a polícia. O homem já estava envolvido com outros furtos. Então era polícia pra cá, polícia pra lá, à procura do ladrão.

Mais tarde, sabendo do caso, o Elias Salin chegou aqui com os cobertores e perguntou se eram os que haviam sido furtados. O homem largou lá na loja - disse - e não voltou mais para apanhar.

Acontece que o homem fora preso. Passou todo o dia na cadeia.

\*

Mas não roubavam apenas cobertores e toalhas. Roubavam até chuveiros elétricos, no tempo em que ainda não havia aqui em casa a caldeira para aquecimento de água para todo o hotel.

Tiravam a fita isolante e levavam o chuveiro e todos os banquinhos do quarto. Chegaram a levar até assento do vaso sanitário.

No quarto nº 46, ocorreu um caso muito curioso. 'D. Wilma - diz a camareira. - Esta é a maior. Nunca aconteceu. Venha ver.'

Haviam levado o travesseiro de espuma. O que fizeram? Abriram o forro, tiraram o travesseiro de espuma de dentro da capa e colocaram em seu lugar um travesseiro comum, grosseiro, de lã. Depois costuraram direitinho. Ainda tiveram o cuidado de chegar aqui em casa, pedir linha e agulha.

\*

Um domingo de manhã, fui chamado pelo porteiro: 'Seu Daniel, tem um galho muito feio. Um Juiz de Direito'.

Havia faltado uma toalha de banho. O Juiz ficou furioso. Disse que não era ladrão, que não aceitava revisão das malas, porque ele era Juiz de

Direito, que não rouba.

Cheguei na portaria. Falei com ele. Perguntei se fora bem atendido. Disse que não havia roubado, não pagava e não permitia revisão da sua bagagem. Ele falava alto, gritando.

A esposa dele ouviu os gritos. Conhecendo o gênio do marido, procurou a camareira, a quem devolveu a toalha. A camareira chegou a mim: 'Seu Daniel, deixe por isso mesmo. A mulher tinha roubado a toalha. Ela já devolveu'.

O Juiz não sabia de nada. Era inocente. Tinha razão de se zangar. Quem complicou foi a esposa. Isto acontece. Eu conheço em Passo Fundo a esposa de um grande médico que tem mania de roubar...

Mas o caso mais interessante aconteceu mais tarde, já no Jandaia Hotel. Desta vez tocou para o meu filho Carlos Roberto descascar o abacaxi. E ele saiu-se muito bem. Vamos ouvi-lo. Ele próprio vai contar o caso."

## **ROUBO NO JANDAIA HOTEL**

"Faz cinco anos - principiou a narrar o Carlos Roberto, em 1985. - Há poucos meses nós tínhamos inaugurado o sexto andar da primeira parte do novo hotel. Inauguramos o andar com todos os móveis, roupa de cama, tudo novo, como acontecera com os outros andares. Os cobertores eram importados, zero quilômetro. Cobertores de valor, do Uruguai.

Uma empresa multinacional, que havia patrocinado um show musical em Livramento, fez reserva em nosso hotel para um grupo de músicos e cantores, em número de 40 pessoas, entre rapazes e moças.

Fiquei sabendo mais tarde que a primeira recomendação que esta empresa faz ao grupo contratado é a seguinte: 'Cuidado nos hotéis. Não peguem nada, não tirem nada, nem mesmo um cinzeiro. No momento em que isto acontecer, o contrato de trabalho com vocês fica imediatamente cancelado, pois isto coloca em jogo o nome da empresa'.

A turma chegou. Eram 40 membros do conjunto e mais dois motoristas do ônibus. No dia seguinte, de manhã, depois do café, enquanto se acertava a conta conferimos os apartamentos.

Uma surpresa. No apartamento 610 faltava um cobertor, o qual, como todos, trazia a etiqueta com o nome do hotel estampado...

Chamamos a camareira. Ela disse: 'Não tenho a menor dúvida, esse cobertor está aí, no apartamento. A D. Wilma viu ainda ontem'.

A mãe, que naquele tempo supervisionava o serviço das camareiras, veio e declarou: 'Esse cobertor está no apartamento. Ele inclusive traz gravado o número do apartamento. - No apartamento dormia um elemento do grupo e um motorista'.

Verificando o furto, me dirigi ao responsável do grupo, a quem expus a situação. Ele não aceitou a nossa situação. Em seguida, partiu para um escândalo, um tumulto. Saiu com mais três, formou um grupo e o tumulto se generalizou.

Mal humorados, começaram a descarregar as malas dos ônibus, trazendo-as para a sala do hotel sem minha autorização. Criou-se um ambiente como nunca houve outro igual em nosso hotel.

Chamei o pai. Ele perguntou: 'Roubaram mesmo? Então aguenta a mão. Vá até o final'.

Eu, naquele tempo, há cinco anos atrás, não tinha bastante autoridade para tomar uma decisão sozinho. Mas como o pai me autorizou, segui adiante, sem hesitação.

Aí aproximou-se o chefe do grupo e mais um senhor, que, como fiquei sabendo depois, era um advogado que acompanhava o grupo. E mais dois elementos. Tentaram me intimidar:

- Se tu prosseguires com isso, nós vamos acabar te botando na cadeia e processando o hotel.

- Por quê? - perguntei.

- Isso é calúnia, é injúria.

E o advogado, puxando uma terminologia jurídica, quis provar que eu estava errado. Que eu iria pagar caro o que estava fazendo.

- Não tenho medo - respondi. - Estou com a razão.

- Ou vais parar com isso, vais mandar guardar as malas, ou nós vamos acabar por derrubar o hotel.

- Não, ninguém vai derrubar hotel nenhum. As malas vão ser todas revisadas. Trata-se de um roubo.

- Então revisa de uma vez, porque nós estamos com pressa de chegar em Uruguaiana.

- Calma. Quem vai revisar as malas não sou eu, mas a polícia. Eu não tenho nenhuma autoridade legal para mexer nas malas. Se o delegado me autorizar, aí eu mexo.

Telefonei para a polícia. Falei com meus amigos. Destacaram um

inspetor e dois PM. Vieram e me autorizaram a abrir as matas.

Enquanto a polícia não chegava, eu fiz uma série de reflexões, buscando a forma mais rápida para solucionar o problema, para que a empresa, o hotel e eu não passássemos vexame.

Eu me convenci de que aquela gente não havia roubado o cobertor. O ladrão deveria ter sido o motorista que dormira naquele apartamento.

Principiamos pela revisão do ônibus. Estava cheio de instrumentos musicais. Um problema. Entrei com o chefe do grupo. Examinamos por tudo, o interior do veículo, o bagageiro. Nada. Eu já estava suando frio. Estava me sentindo malíssimo, sentindo vexame, diante desse caso tão constrangedor.

Faltava só examinar dentro da cabine. Havia lá duas malas. Um rapaz me disse: 'Se eu fosse você, não tocaria nessas matas. São do nosso chefe que já viajou para Uruguaiana.'

Pensei que o cobertor estivesse lá dentro. Abri. Nada. Foi um gelo. Quando ia saindo, já desanimado, por sorte, vejo atrás do assento do motorista uma sacola grande.

- De quem é essa sacola?

- É minha - diz o motorista. - Tem umas roupas sujas, não vou abrir.

Peguei. Abri a sacola. Estava lá o cobertor. O último volume que estava para examinar. Por um triz que não me escapava.

Agarrei o cobertor. E num gesto impensado de precipitação, de nervosismo, arremessei-o pelo ar, para que todos vissem. Todo mundo viu. Os hóspedes, que assistiam a tudo, diante do hotel, bateram palmas para mim, aplaudindo a minha persistência triunfante.

Chamei o inspetor e os dois guardas: 'Façam favor, me levem esse rapaz preso. Ele é responsável pelo roubo. Até que o caso não estiver solucionado, esse rapaz não sai de Santana do Livramento'.

Eu disse isso mais visando aqueles que me haviam tentado



intimidar, aqueles que falavam do compromisso de Uruguaiana. Eles estavam ali me ouvindo, petrificados, arrasados, diante daquela derrota espetacular.

O motorista saiu de camburão, segurando a sacola, segurando o cobertor com uma parte de fora. Fiz ele sofrer, porque uma pessoa que faz sofrer tanto assim os seus companheiros e a mim, merece pagar com o sofrimento. Eu sofri, mas daquele momento em diante, parei de sofrer. Quem sofria agora era toda aquela turma de 40 rapazes e moças.

Aí, muito humildes, muito chateados, começaram a me rodear.

- Um momentinho. - disse eu - Eu gostaria que vocês sentissem agora o que fizeram para mim, intimidando-me com ameaças. Espero que vocês criem vergonha.

Aí não falaram mais. Depois fui à Delegacia. Alguns estavam lá. Dois deles pediram para bater um papo comigo. Procuraram esclarecer-me que a situação era muito delicada para eles. O contrato com a empresa estaria liquidado. Foi por descuido que não entraram em contato com o motorista ladrão.

Depois disso, o advogado e mais um rapaz, pensando que eu era o gerente do hotel e não o proprietário, fizeram-me uma proposta. Que eu exigisse deles o que bem entendesse. Partiam para o lado mais fácil.

Respondi que eu podia arcar com qualquer responsabilidade, porque eu era o dono da casa. Que não existia proposta que me fizesse desistir de fazê-los sentir o que eu até aí tinha sofrido. Não havia outra alternativa.

Vim para o hotel. Chegava um. Chegava outro. Não me deixavam trabalhar. Não me deixavam atender o restaurante. E eles:

- Vamos atrasar o show em Uruguaiana.
- Não vão atrasar. Vão perder.
- Mas eu falei com o Delegado. Ele disse que o senhor pode

resolver tudo tranquilamente. Basta que registre a queixa e libere o homem.

Judiei deles: mais um pouco. Depois disse ao delegado que liberasse, mas não cancelasse o processo. Temos que castigar o autor do roubo. De qualquer forma, eu não tinha intenção de prejudicar o andamento desses profissionais, que estavam sob contrato, ganhando o seu pão.

Afora a intimação que fizeram, nada de maior. Pessoas maduras, preocupadas, muito preocupadas com o que tinham a fazer em Uruguiana.

Partiram, com todo aquele atraso.

Para mim foi uma experiência muito grande. A partir desse incidente, nós mudamos a tática para com os hóspedes no momento de deixarem o hotel. A partir daquele dia, o hóspede não liquida a conta, antes de feita a vistoria do apartamento que ocupou.

Para os hóspedes, também ficou a experiência. A gente nunca pode botar a mão no fogo ou dar um voto de confiança a outra pessoa que está conosco.

Ficou uma marca inapagável para quem roubou, que teve um processo nesta Comarca, à qual foi obrigado a comparecer duas vezes.

A experiência valeu para todos."

\*

Depois desta bela façanha, o Roberto enfrentou outra dura batalha, da qual também se saiu vitorioso. Vamos ouvir.

“Aconteceu há cerca de quatro anos - conta o Roberto em 1985. – Uma família de Belo Horizonte, um casal, dois filhos e uma senhora mais idosa. Ele era advogado. Passaram uma noite aqui no hotel, a caminho de Montevidéu.

Desta capital, no outro dia, recebi um telefonema desse advogado, dizendo que do apartamento teriam desaparecido 500 mil cruzeiros. Hoje, cerca de seis milhões. Esse dinheiro destinava-se às despesas de viagem, estadia em Montevidéu. Com o desaparecimento do dinheiro, que eles

levavam numa sacola, viram-se obrigados a vender joias e reduzir os dias de passeio.

Respondi esclarecendo que devia ter havido engano, porque caso igual jamais aconteceu em nosso hotel, embora não fosse impossível.

A seguir, a esposa desse advogado, pessoa enérgica e de personalidade, ocupando o telefone, informou que o empregado que transportara as malas havia se mostrado altamente suspeito, pois no apartamento observara todos os movimentos da família.

Expliquei que nossos funcionários são pessoas idôneas, que trabalham conosco há vários anos, sem nunca suscitar a menor suspeita.

A senhora acrescentou que o nosso hotel é uma vergonha para a hotelaria do Brasil. E foi dizendo uma porção de barbaridades. A seguir, o advogado retornou o fone e continuou nos insultando. Respondi que eu não tinha motivo de estar ouvindo tantos desaforos.

Era um domingo. A notícia deixou-nos a todos perturbadíssimos. Foi um dia de terrível aborrecimento. A mãe olhou para a imagem do Sagrado Coração de Jesus e implorou proteção.

Daí a alguns dias, outro telefonema, diretamente da cidade gaúcha de Pelotas. O advogado perguntou se havíamos tomado alguma providência. Respondi que nada se podia fazer sem a presença dele. Então ele declarou que quem ia tomar providência era ele, para que o hotel fosse fechado. Devia ser fechado por absoluta falta de segurança para os hóspedes.

Respondi que nós não nos responsabilizamos por valores dos hóspedes que não nos forem confiados, a fim de serem guardados na caixa forte. Se o dinheiro, joias e documentos nos forem confiados, aí nós somos responsáveis.

Esclareci que o incidente representava para nós um terrível tormento. Um drama que muito nos afligia. Que eu havia consultado advogados, inquirido todos os funcionários, chegando a conclusão de que o

dinheiro não havia desaparecido em nosso hotel.

Sendo assim, deixamos correr o barco, na esperança de que o tempo nos trouxesse uma luz. Realmente, passados mais uns dias, outro telefonema. Mas uma surpresa. Uma voz mais suave, mais calma.

- O senhor se lembra da gente?

- Sim, me lembro. Como vai?

- Estamos chegando a Belo Horizonte agora. A minha esposa está no outro telefone. Estamos falando simultaneamente. Nós queremos pedir desculpas ao senhor, por termos sido muito rudes, muito grosseiros, gratuitamente. Reconhecemos e é por isso mesmo que estamos telefonando. Vou dar o panorama do que aconteceu. Depois a minha esposa vai falar como o senhor.

- Nós estávamos descarregando as malas - prosseguiu o advogado - E qual não foi a nossa surpresa. Encontramos a sacola com o dinheiro. Acontece que havíamos colocado vários pacotes no buraco de um dos pneus reserva. E lá ficou, bem escondido durante toda a viagem. Quando descobrimos, a primeira coisa que fizemos foi lembrar-nos do senhor, a quem havíamos desaforado sem culpa. Queremos pedir desculpas. A minha esposa também vai pedir desculpas.

Ela desculpou-se por ter sido extremamente grosseira. Que nos perdoássemos e que nos colocámos em lugar deles, numa circunstância como esta. A gente trabalha o ano inteiro. Chega o tempo das férias e a gente parte para um passeio de lazer e descanso. De repente, acontece uma coisa dessas...

Assim, encerrou-se bem uma história que começou muito mal, tanto para os nossos hóspedes como para o hotel. As preces da mãe não foram em vão. Mas foi uma experiência que não queremos reviver."

## **FREI SÍLVIO**

O empresário Daniel Bertelli vai nos fazer agora importantes declarações acerca de seu relacionamento com o filho Carlos Roberto, o qual, como todos os rapazes de sua idade, enfrentou problemas, que foram superados esplendidamente, sendo ele hoje o membro da família com a maior responsabilidade sobre o hotel.

"Nunca podemos esquecer - diz o sr. Daniel- o padre capuchinho Frei Sílvio Miguel Sofiatti, que até há pouco tempo residia em Hidrolândia, Goiás. Nós lhe queremos tanto, que, em 1981, por ocasião de nossa viagem ao Nordeste e Norte do Brasil, quando visitamos as capitais de vários Estados, estando em Brasília, resolvemos fazer-lhe uma visita.

Depois de haveremos visitado os pontos mais atraentes da Capital Federal, uma segunda-feira, sobrava toda a tarde livre. Contratamos um táxi, um carro Chevrolet opala, por 12 mil cruzeiros, para ida e volta a Hidrolândia, a uma distância de 240 quilômetros.

Saímos de Brasília às três da tarde. Às seis horas estávamos em Hidrolândia. Quando apertamos a campainha do Seminário, do qual ele era diretor, Frei Sílvio apareceu. Disse: 'estou para sair a levar os seminaristas a marchar nas comemorações da Semana da Pátria. Estou sozinho em casa'.

E acrescentou: 'Interessante! Faz cinco minutos conversei com você, Daniel. E você logo me aparece. Eu vinha pensando em você'.

Acontece que o Frei Sílvio é um bom parapsicólogo, um psicólogo, um orientador educacional. E se comunicou conosco em pensamento.

Ficamos lá com ele até às dez e meia da noite. Mostrou-nos o Seminário. Fomos jantar fora, com ele e o motorista.

Ele também, depois disso, nos visitou duas vezes. Nós lhe pagamos a viagem, ida e volta. Muito devemos ao Frei Sílvio, pela obra salutar que nos prestou.

Quando ele trabalhava no Instituto de Menores em Bagé, estive

aqui em casa, porque já era nosso amigo desde Lagoa Vermelha. Aqui ele observou que as relações entre mim e o Roberto não eram muito amistosas.

O Carlos Roberto era novo. Tinha lá seus 14 anos. Estudava no Colégio Santanense, dos Irmãos Maristas. Chegava em casa mal humorado. Atirava a pasta dos livros contra as suas irmãs, a Lédi e a Gládis. Brigava com elas. Não queria me ajudar. Eu dava-lhe castigos. O desentendimento existia há bastante tempo. Não podíamos ver-nos de perto. Eu queria ter razão, ele queria ter razão.

O Frei Sílvio, naquela sua visita, viu o ambiente. 'Vocês não se dão bem. Não é? - perguntou': - Ai, depois de conversar comigo, ele fez o mesmo com o Roberto. Ficaram duas horas na sala. O rapaz desabafou, declarando que ele não era tratado com o mesmo amor e carinho como o pai tratava as filhas...

Depois disso, Frei Sílvio falou: 'Eu vou viajar, mas gostaria que vocês dois esquecessem o passado, colocando uma pedra em cima'.

Quando fui embarcar o Frei na estação rodoviária, ele me disse: 'Seu Daniel, agora, chegando em casa, converse com o Roberto. Uma conversa de pai para filho. De hoje em diante, vocês vão ser amigos'.

Cheguei em casa, disse: 'Roberto, vamos bater um papo?' 'Vamos - respondeu.' - Ficamos duas horas juntos. Falamos de tudo e de todos. Quanto é belo, como é bom, um filho ser amigo dos pais! 'Olhe, Roberto, - disse-lhe eu - vou precisar de ti em todas as horas. Agora veja, se tu não gostas do pai, quando eu precisar, não posso contar contigo, não posso te ver...'

Depois de duas horas de conversa, saímos abraçados. A Wilma ficou muito contente. Daí por diante, não tivemos problemas de relacionamento. Trabalhamos o dia inteiro juntos, um ao lado do outro, e nos entendemos sempre bem. Por vezes, um consulta o outro. Hoje sou eu que aconselho. Amanhã é ele, o meu filho, que estudou e é formado em dois cursos universitários. Um filho que dá grandes alegrias aos pais e irmãos. Um filho jovem que tem um grande futuro pela frente e que sonha com

castelos. Somos muito agradecidos ao nosso querido Frei Silvío."



**Figura 36 Bagé, 16-5-81 – Cursilho da Cristandade. O sr. Daniel Bertelli é o 6º sentado.**

## **REFORMA DO HOTEL LABARTHE**

Continuando com a palavra, diz o sr. Daniel Bertelli:

- "Quando, em 1966, adquirimos o Hotel Labarthe, pensamos logo na sua reforma e ampliação. O extraordinário movimento de turistas o exigia.

A primeira preocupação voltava-se para a compra do terreno dos fundos, cuja proprietária nunca concordou em vender ao nosso antecessor.

Começamos a fazer-lhe visitas. Ficamos amigos. Assim conseguimos comprar. Compramos 10 x 13 metros, por cinco mil cruzeiros, que na época representava muito dinheiro.

Com isso, o nosso terreno passou a ter 27 metros de frente por 75 de fundo, excluído o terreno da nossa casa particular. Possuímos agora 30% de todo o quarteirão. No coração da cidade, no melhor ponto comercial, a uma quadra da linha divisória com Rivera.

O Hotel Labarthe já havia sofrido reforma, conforme sabemos. Agora tornava-se necessário demolir uma parte dos fundos, para em seu lugar, construir 15 apartamentos de alvenaria.

Foi preciso parar de dar refeições. O restaurante dispunha de ampla sala de refeições, ampla cozinha, com enorme fogão a lenha.

Os 15 apartamentos foram inaugurados durante a visita do Presidente Geisel. Tratamos logo de ampliar-lhes o número para 20, ocupando o espaço da dispensa, quarto da cozinheira, uma peça com armários, guarda-louças, guarda-roupas dos operários, o depósito de bebidas.

Trabalhava já aqui o nosso mestre-de-obras, o castelhano Clementino Tejera. É extraordinário! Um João-faz-tudo. Ele é pedreiro, carpinteiro, encanador, coloca azulejo, faz qualquer serviço, sempre com carinho e perfeição.



Então, ele se encarregou de transformar aquelas peças e o velho banheiro em apartamentos, com armário embutido. Muito prático. Banheiro lindo. O Clementino fez tudo. Colocou o azulejo, o vulcapiso.

No andar de cima, foram construídos mais dois apartamentos. Ficamos, pois, com 20, que passaram a estar sempre ocupados.

Todo o material necessário à obra, com exceção do cimento, areia, cal e tijolos, nós adquirimos com antecedência, aproveitando o preço antigo. Temos dois enormes depósitos, um na chácara, outro aqui na cidade, no terreno que era destinado ao Bertelli Tour Hotel, obra que não chegou a ser executada, conforme teremos ocasião de ver.

Os 20 apartamentos, sempre lotados, davam um bom rendimento. Já havíamos adquirido três apartamentos em Porto Alegre. Surgia agora a ideia da demolição de todo o prédio do Hotel Labarthe, para, em seu lugar, levantarmos um grande e moderno hotel internacional.

Ampliamos a lavanderia, adquirimos novas máquinas de lavar, de secar e de passar. Instalamos um transformador automático de energia, nos fundos, numa casinha sempre fechada a chave. Transformador de 150 HP, que desliga automaticamente. "



**Figura 37 O Dr. Wayrtton Bazzini entrevistando Daniel Bertelli acerca da construção do Jandaia Turismo Hotel. Na parede, fotos do antigo Hotel Labarthe.**

## **JANDAIA TÚRISMO HOTEL**

Ainda com a palavra o empresário Daniel Bertelli:

“Os 20 apartamentos, sempre lotados, atraindo hóspedes importantes e dando bom dinheiro, trouxeram vida nova, dando-nos ânimo para lançar-nos à aventura de realizar o nosso grande sonho, que era a construção do novo hotel, o nosso Jandaia Turismo Hotel.

Estávamos já com 150 mil cruzeiros em caixa, dinheiro suficiente para o início da obra. O genro, o arquiteto Wayrton Bazzini, elaborou um lindo projeto. Segundo este projeto, o novo hotel não seguiria a linha do Hotel Labarthe, com seus três pavilhões ocupando todo o comprimento do terreno. Teria blocos atravessados, de maneira a proporcionar mais ventilação e mais espaço livre, entre um e outro.

Iniciada a demolição do velho prédio, a população foi tomando conhecimento da nova construção que viria substituí-lo. Um grande e moderno hotel.

Agora todo mundo nos felicitava pela iniciativa. 'Santana - diziam - não tem um hotel de classe internacional. Há tanto tempo que se fala na construção de um hotel de turismo...'

Pessoas paravam junto ao portão e perguntavam:

- O senhor é o proprietário?

- Sou. Por quê?

- Quero felicitá-lo, porque há muitos anos que se fala em construir um hotel. O último, foi o Grande Hotel, lá em baixo, há mais de 30 anos. Hoje daquele hotel só restaram apartamentos particulares, residenciais.

Aqui cada Prefeito que entra promete construir um hotel de classe internacional. Não sai de classe nenhuma. O Borjão (o Prefeito Antônio Moreira Borges) prometeu à imprensa três hotéis. O Nei Campos prometeu dois. Não construíram nenhum.

Foi preciso que viesse para cá um italiano lá da serra, um braço de coragem, para construir um hotel magnífico para nós.

\*

Um dia o Prefeito Municipal me telefona:

- Escute, Bertelli, é verdade que estás com tuas obras paradas?

- É verdade, sr. Prefeito.

- Mas por falta de quê?

- O Departamento de Obras Públicas da Prefeitura está fazendo boquinhas, impedindo o reinício da obra.

- Pode meter a mão por minha conta, Bertelli.

Depois, o Bimbo, irmão do Prefeito, Secretário das Obras, telefona, solidarizando-se pelo reinício dos trabalhos:

- Meta a mão, Bertelli. Não de bola ao Departamento de Obras. O chefe desse departamento sou eu. Você tem carta branca, Bertelli.

Comuniquei ao Wayrtton que as plantas estavam há 45 dias aguardando despacho. Aí, o Wayrtton, que foi aluno do Prefeito, telefonou a ele; e o Prefeito telefonou para mim, dando-me integral apoio.

\*

Sempre que surgia um galho, chegava na Prefeitura e era logo atendido por dois ou três. Requerimento eu nunca fazia fora. Era lá dentro da Prefeitura. O Daltro fazia para mim, fora do horário do expediente.

No INPS me despacharam a planta, me concederam autorização em 24 horas. No Departamento Estadual de Saúde, abriam as portas imediatamente, dois funcionários me atendendo. O médico chefe, o Dr. Ivanoé, me chamou:

- Então, gringo, resolveste construir? Isso mesmo, gringo. Tu és dos bons. Tu és gremista. Tens que ficar aqui conosco.

O Dr. Ivanoé, que é primo do deputado Sérgio Ilha Moreira, diz: 'Tu és dos bons. Vieste para Santana e nós gostamos de você. Tens todo o nosso apoio'.

Recebemos apoio total. Nos bancos me gritavam: 'Quando é que tu vens buscar dinheiro, gringo?'

Ao gerente do Banco Real perguntei um dia:

- Tem dinheiro aí?

- Tem. Mas tu só perguntas e não vens buscar.

O BADESUL me financiou toda a obra. O Banco do Brasil. A Caixa Econômica Federal. A Caixa Econômica Estadual. O Banco Itaú. Todos os bancos, sempre à minha disposição.

Quando estávamos para fazer um financiamento com o Badesul, o Coronel Perachi esteve aqui em casa, hospedou-se em nosso hotel, ele que era um dos diretores do Banco do Brasil aqui no sul. Então contei a ele toda a história, no dia 12 de abril, quando veio inaugurar a nova agência do Banco do Brasil em Santana do Livramento. Ele me deu todo o apoio.

A princípio, a exemplo do Hotel Labarthe, que adotou o nome da família, pensamos igualmente em nossa família para batizar o novo hotel. Entretanto, surgiu o nome de JANDAIA, com o qual todos simpatizaram, sabendo que no Brasil existem vários hotéis importantes com este nome."



**Figura 38 Fachada do Jandaia Turismo Hotel**



**Figura 39 O diretor-gerente do Jandaia Turismo Hotel, Dr. Carlos Roberto Bertelli e esposa, prof.ª D. Maria Luiza Sala Bertelli**



**Figura 40 Portaria do Jandaia Hotel.**



**Figura 41 Um dos 140 apartamentos.**

## FINANCIAMENTOS

O capítulo referente aos financiamentos da firma Jandaia Turismo Hotel Ltda., convém que seja narrado pelo próprio diretor-presidente, o sr. Daniel Bertelli.

"Iniciamos a construção - conta o sr. Bertelli - do Jandaia Hotel com 150 mil cruzeiros. Além disso, havia todos os dias a renda dos apartamentos, a renda do hotel. A seguir vendemos os três apartamentos de Porto Alegre.

Assim, durante algum tempo, fomos controlando as despesas com recursos próprios. Por fim não houve outro jeito. Tivemos que apelar para financiamentos. A princípio, não foi fácil.

Eu, como não estudei, procuro estar sempre em dia com as contas. Não posso ficar devendo. Fico doente. Sou uma pessoa nervosa. Em geral, a pessoa que não tem estudo e que cumpre com suas obrigações fica nervosa se está devendo, se tem dívidas a pagar.

Um dia, estava eu no Banco da Província, aborrecido. Naquilo chega o nosso grande amigo Francisco Pires da Cunha. Foi um dos primeiros criadores que conhecemos em Santana do Livramento. Fomos muitas vezes caçar no campo dele. Já estive aqui em casa, com D. Neli, a esposa, saboreando uma perdizada. Outra vez, tomou parte num banquete aqui no hotel.

Chegou lá no banco. Perguntou:

- Como vai, seu Bertelli?

- Mais ou menos.

- Por que mais ou menos? Algum galho?

- Pois é, estou apertado de dinheiro. Cheguei aqui e o banco informou que não existe financiamento para construções.

- Não quer ceder para mim esse negócio, Bertelli? Veja qual é o

valor, que eu assumo.

- Não, seu Francisco, muito obrigado.

- Diga logo, seu Bertelli, que eu assumo.

Aí ele me quebrou o galho. Sou-lhe, por isso, muito grato, até hoje.

Outro dia, eu e o Roberto chegamos no Banco Itaú. Precisávamos de 25 mil cruzeiros naquele dia. Eram quase onze horas. O gerente, o seu Arnaldo, não estava. Estava só o seu Prates, mas havia várias pessoas à nossa frente.

- Beto, - falei - vamos pra casa. Voltamos de tarde.

Saindo do banco, topamos com o gerente, que estava de férias.

- Oh, desaparecido. Quanta honra! Visitando o banco. Mas como vai, seu Bertelli? E o Roberto?

- Mais ou menos - digo eu.

- Mas por que mais ou menos? A sua obra está indo maravilhosamente. Já está no quinto andar.

- Pois é, mas tem um problema. Falta dinheiro.

- Aí o Arnaldo me pegou pelo braço e me levou para dentro do banco.

Perguntou:

- Quanto precisam?

- Hoje precisamos impreterivelmente de 25 mil.

- Mas nós precisamos de 50 mil, porque temos outros compromissos durante a semana - acrescentou o Roberto.

- Me assine aqui - disse.

Assinei quatro vezes uma folha em branco. Olhou para o Roberto e falou:



- Roberto, já podes emitir cheques. O valor já está depositado em sua conta.

Vimos para casa contentes com essa gauchada que o seu Arnaldo nos fez. Demos a D. Wilma a boa notícia.

\*

Desses apertos tivemos muitos. Uma ocasião, há mais de dez anos, estávamos construindo lá nos fundos. Eu precisava de dez mil cruzeiros. Um nosso amigo, um comerciante libanês, o seu Ozir, dono da Casa Verde, me disse um dia:

- Seu Bertelli, procure entrar no Banco do Brasil. Abra uma conta. É bom para negociar. Se precisar de mim para alguma fiança, estou as ordens. Não ofereço para qualquer pessoa. Mas o senhor eu conheço há anos.

Aí abri uma conta no Banco do Brasil e comecei a movimentá-la. Um belo dia, precisei de dez mil cruzeiros. Estava construindo os 20 apartamentos lá atrás. Foi em 1973. Cheguei no Banco do Brasil. A resposta foi esta:

- Financiamento para construções, reforma ou casa, fechado.

Eu tinha 13 mil cruzeiros em minha conta. Fiquei chateado. Falei para o gerente que se eu fosse um criador, um fazendeiro, retirava quanto quisesse, a juro baixíssimo. Fiquei aborrecido:

- Me dê aqui os meu 13 mil cruzeiros. Vou encerrar a minha conta.

- O senhor vai encerrar a conta? Não faça isso.

Retirei o dinheiro. Vim subindo pela Rivadávia Correia de Kombi, quando me encontro com o gerente da Caixa Econômica Estadual, o sr. Leôncio Barcelos, uma pessoa muito legal, muito querida, que continua ainda aqui em Santana. A 30% da população de Livramento ele deve ter feito favores.

- Leôncio, - perguntei - aonde vai?

- Vou no cartório. Estou tratando da hipoteca de uma casa.

- Entre um pouco na Kombi, por favor. Vou contar-lhe uma passagem. Encostei o carro e contei a história para ele.

- Não tem problema, seu Bertelli. Já vou contigo tomar a assinatura da D. Wilma e de tarde te dou o dinheiro.

Esse gesto, essa gentileza, esse amor por um irmão, a gente nunca esquece. Nunca mais. Não foi só para mim. O seu Leôncio faz pra todo mundo. Por isso, é que a Caixa cresceu aqui.

\*

Outra época, estávamos construindo aqui na frente. Estávamos no 4º piso. Me apertei de 120 mil cruzeiros. Fui no Banco do Brasil, cujo gerente é meu amigo. Éramos companheiros de igreja, pertencíamos à diretoria do Círculo de Pais e Mestres do Colégio dos Irmãos Maristas. Eu disse:

- Farina, como está de dinheiro?

- Para quê?

- Construção de hotel.

- Qual é a importância e prazo?

- 150 mil.

- Me traga aqui todo o movimento mensal do hotel. Examinou e disse:

- Vou te dar 120 mil, por 60 dias.

- Me dá por 90 dias.

- Vou estudar.

Fiquei convencido que era por 90 dias. Nos 60 dias, de manhã, recebo um telefonema:

- Eu quero falar com o Daniel.

- Pronto. Sou eu.

- Seu Daniel, o sr. sabe que hoje se vence o título de 120 mil cruzeiros?

- Não. É 90 dias. O gerente me prometeu.

- Não. É 60 dias. Vence hoje. Até às quatro horas o sr. tem que pagar este título.

Não almocei. Não é possível. Que e que eu faço? Eu só tinha 40 mil em casa. Comecei a pensar. Bati pra cá, bati pra lá. Pedi a ajuda da esposa, que sempre me acompanha nestes apertos. Ela disse: 'Vamos lá no Dário Medeiros'.

Um grande amigo nosso. Um comerciante de frutas. Tanto ele como a esposa, D. Olga, são de Torres. Contei a ele o nosso desespero. Disse ele:

- Eu tenho 60 mil. Com mais 40 já são cem. Faltam só 20.

Aí, junto com o padrinho do Cesar, sr. Alvares Murad, que sempre me socorria quando precisava, fui ter com o sr. Leôncio Barcelos, gerente da Caixa Econômica Estadual.

- Te dou já, seu Bertelli - respondeu o gerente, muito alegre.

Às quatro horas da tarde, entramos no Banco do Brasil com 120 mil e saldamos a conta. Mais tarde, o seu Dário se apertou durante a construção da casa. Então podemos retribuir o favor que nos fez.

\*

A primeira tentativa de obtermos financiamento pela EMBRATUR fracassou. Passados seis meses, tivemos notícia, por um filho do primo João Costi, de que em 1976 fora criado o FUNGETUR, que operava com recursos dos depósitos compulsórios.

Então, com interferência do Dr. Ariosto Jaeger, nosso amigo e

hóspede, que mantinha contatos de amizade e negócio com o BADESUL, sendo admirador do nosso empreendimento, fomos contemplados com um financiamento de dois milhões e oitocentos mil cruzeiros.

O contrato foi assinado na sede do Banco do Fomento do Estado, pelo economista Sérvulo Luís Zardin, vice-presidente em exercício do BADESUL, por mim e pela Wilma, achando-se presente ao ato o professor Mário Fernandes Gomes, chefe do gabinete do BADESUL.

O prazo de resgate do financiamento era de 108 meses, a juros de 2% ao ano (taxa efetiva, calculados sobre o saldo devedor expresso em ORTNs e mais correção monetária pré-fixada em 20% ao ano).

Nós íamos pleitear menos, contudo, por insistência do nosso auditor, Fiorelo Zucchi e do Wayrton Bazzini, aceitamos uma soma maior, uma vez que o banco, baseado no estudo da viabilidade econômica da empresa, declarou que tínhamos direito a mais.

A nossa empresa foi a quinta a obter financiamento do FUNGETUR no RS. A notícia foi publicada com destaque por toda a imprensa de Porto Alegre, enaltecendo a iniciativa da implantação de um hotel de turismo na fronteira.

No início de 1981, fizemos o segundo empréstimo, agora de 45 milhões de cruzeiros. Desta vez quem interferiu foi o nosso amigo de Lagoa Vermelha, Dr. Augusto Borges Berthier, então chefe da Casa Civil do Governo Amaral de Souza.

Em 1984, novo financiamento de 50 milhões de cruzeiros.

O dinheiro do primeiro empréstimo não veio logo. Demorou, fazendo com que a gente se apertasse outra vez. Quem nos socorreu foi o meu compadre Vitório Righi.

Ele, como eu, gente humilde, saiu do nada. No começo, passou trabalho, passou até fome. Saiu do interior de Santa Maria. Foi morar na cidade e, a seguir, veio para Santana, onde as possibilidades de negócio são maiores.

Aqui foi lutando, junto com seus filhos, o José, o Antônio, o João Carlos, o Jorge, que é meu afilhado, o Vicente e o Marcos, e mais três filhas. Mais recentemente, estabeleceram-se com supermercado, junto a linha divisória, sob direção do filho José. Comercializam 50% do açúcar da região. Dispõem de uma frota de caminhões-carreta. Têm viajantes para toda a fronteira: Alegrete, Rosário, Dom Pedrito, Quara, Uruguaiana.

Então eu disse:

- Seu Vitório, não sabe quem tem dinheiro para me emprestar? Estou aborrecido. Estou no 4º andar. Tenho promessa de que o dinheiro do financiamento viria logo de Porto Alegre. Todos os dias telefono para o Banco do Estado do Rio Grande do Sul. O Badesul repassa...

- Quanto é que tu precisa, seu Daniel?

- O que vier, vem bem. Assim que o dinheiro do empréstimo chegar, pagarei.

- Passe aqui de tarde, que eu vou falar com os filhos.

Cheguei em casa, contei pra Wilma: 'Deus é grande - diz ela. – Temos amigos que nos socorrem sempre na hora'.

No dia seguinte, levei o compadre Alvarez Murad para fiador. O Vitório não queria fiador. Fiquei com o dinheiro do compadre durante seis meses, até que chegou a segunda remessa do empréstimo.

O auditor da família Righi era também o nosso, o seu Zucchi. Ele me disse que a firma vai muito bem. O mesmo dizem todos os viajantes que se hospedam aqui.

Com exceção do Vitório e do João Carlos, todos são gremistas. Numa ocasião em que o Grêmio sagrou-se campeão, enquanto festejavam desfilando pelas ruas, atiraram uma tocha de fogo para dentro de um carro dos Righi. Eu estava lá e consegui retirar a tocha a tempo.

Mas, por falar no Grêmio, tenho muitas histórias para contar. Vou narrar apenas duas. Um dia encontrei um negrinho muito simpático.

Disse-lhe:

- Negrinho, me mostre esses dentes bonitos. Esses dentes são gremistas, não é?

- Não, eu sou colorado.

- Por que colorado?

- Não sei. Meus pais são colorados. Meus avós também.

- E se teus pais fossem ladrões, que e que você seria?

- Aí eu estaria no Grêmio.

Me deu vontade de dar um tapa no negrinho. Perguntei:

- Mas podes provar que o Grêmio é ladrão?

- Não, mas eu ouvi está conversa.

- É que o negrinho ouviu esta piada - esclareceu o seu patrão. – Então ele vai passando pra frente.

\*

Um dia, quando estávamos fazendo escavação para os alicerces, com 15 operários, chega um rapaz numa grande pinta, bem vestido da cabeça aos pés, trazendo uma sacola leva-tudo ao ombro. Chega e pede serviço.

Como a aparência do elegante rapaz não oferecesse condições para trabalhador em construção, eu brinquei:

- Tem documentos, moço?

- Tenho. Tenho carteira profissional, carteira de identidade, abreugrafia, tudo.

- Para nós esses documentos não servem. Precisamos de outros.

- Quais?

- Você deve ser gremista. Deve ter a carteira do Grêmio.

Respondeu o rapaz: - É a primeira empresa que exige esse tipo de documento... E retirou-se em meio a uma gargalhada geral de todos os operários.

\*

Preciso contar um caso acontecido nos primeiros tempos, antes da reforma do hotel, com dois médicos, o Dr. Vítor Hugo Hammes e o Dr. Udo Horts.

O quarto nº 57, onde se acomodaram, ficava defronte do banheiro. Era noite. O Dr. Udo vai tomar banho primeiro. Entra no escuro e trata de acender a luz. Procura, procura, tateando nas paredes, a chave do interruptor.

- Vítor Hugo, - grita - este banheiro não tem luz.

- Não é possível. Bom, tome banho no escuro mesmo.

Quando fecha a porta por dentro, deu-se o milagre. A luz acendeu.

Acontece que no antigo Hotel Labarthe, por medida de economia, a fim de que a luz não ficasse acesa durante o dia, estando o banheiro desocupado, existia um dispositivo que ligava a luz quando a porta fechasse. Não estando o banheiro ocupado, a porta, mediante mola, mantinha-se sempre aberta.

\*

Nos primeiros dias em Santana do Livramento, eu ainda não entendia bem a língua espanhola. Então aconteciam casos interessantes, como este: Eu estava na portaria do hotel com um netinho no colo. Chega um castelhano e pergunta:

- El nene es suyo (pronuncia-se sujo). - Queria dizer: o nenê é seu?

- Não - respondi - tomou banho agora.

\*

Um dia o Roberto viu três senhoras castelhanas entrando na cabine

telefônica do hotel, parecida com elevador. Entravam e saíam. De repente, uma, irritada, fala para o Roberto:

- *Que pase que el ascensor no anda?*

\*

A alfândega uruguaia em Rivera, em certas oportunidades, era mais ou menos exigente. Numa ocasião, dois uruguaios, nossos hóspedes e contrabandistas reconhecidos, se encontraram na portaria do hotel. Então um pergunta ao outro:

- *Como está la Duana?* (Como está a Alfândega?)

O outro, que era concorrente, responde ambigualmente:

- *No pasa nada.* (Não passa nada ou não acontece nada).

Com este esclarecimento, o companheiro, contente, pegou as malas, com muita mercadoria, e foi a alfândega do Uruguai. Uma surpresa. Aprenderam-lhe toda a mercadoria.

Retornou ao hotel irritado, buscando o informante para tirar satisfação. Ao encontrá-lo, formou-se o tumulto.

- *Usted me dijo que no pasava nada, seu cretino!*

- *No me ofiendas, porque yo te informei bien.*

- *Pero usted me dijo que no pasava nada.*

- *Por iso mismo, yo le dijo que no pasava nada."*





**Figura 42 Casamento de Jorge e Cleusa Righi do qual Daniel e D. Wilma foram padrinhos. Junto com a Gládis e o Dr. Roberto Eula e duas irmãs Righi.**

## **CONSTRUÇÃO DA 2ª PARTE DO JANDAIA HOTEL**

Em março de 1983, quando se encontrava em andamento a construção da segunda parte do Jandaia Hotel, dizia o sr. Daniel Bertelli:

“A nossa maior preocupação está voltada para a obra, que não pode parar. A dificuldade reside nos operários. Todas as semanas enfrentamos problemas com eles. Parece mentira, mas há gente que se machuca de propósito.

Nesses dias chegou um operário que precisava se inscrever numa firma para poder se operar com os benefícios da Previdência Social. Trabalhou aqui um dia e meio. Feriu-se numa perna e deixou de trabalhar. Foi operado das varizes. Faz três meses que está encostado. Está bem, mas continua encostado, sem trabalhar.

Outro trabalhador diz que se pisou numa valeta que estão abrindo para o esgoto pluvial. Caiu, machucou-se. Os primeiros 15 dias, a firma aguentou. Agora é o INPS.

Não é mais aquele bom tempo da primeira obra. O povo aqui em geral é mal alimentado, mal nutrido. Os nossos operários não tornam café de manhã. Só chimarrão, que pouco ou nada alimenta. Eles ficam desde o jantar até o meio-dia seguinte sem comer. Ficam fracos. Ganham pouco, cerca de 300 cruzeiros a hora. Tem sete, oito filhos.

Todas as segundas-feiras falta gente. Perdem o dia. Aí só ganham cinco dias da semana. Muitos pobres não têm culpa de serem pobres. Mas outros são culpados... Aos sábados, dispensamos às 11 horas, para que tenham tempo de fazer o rancho.

Esses dias encontrei um operário fincando pregos com luvas. Diz que não quer machucar as mãos. Tenho que mandar embora. Se fosse carregar tijolos, descarregar madeira, lidar com ferro, está certo. É bom usar luvas. Mas fincar pregos de luvas...

Nós pagamos todos os sábados. Mas se no segundo, terceiro ou

quarto dia precisar de dinheiro, nós adiantamos. Em caso de doença súbita, nós temos pronto-socorro em casa. Minha filha e eu atendemos. Levamos para o hospital.

\*

Estamos agora preparando a 5ª laje. O primeiro piso, o térreo, está praticamente pronto. Servirá de garagem. Cabem 36 automóveis. São 17 metros por 27. O segundo piso será ocupado com o restaurante, cozinha, câmara fria. O 3º terá 12 apartamentos, maiores que os da primeira parte. Dentro de seis meses estará concluído. A seguir, passamos para o 4º, para o 5º, para o 6º, para o 7º, para o 8º, todos com seus apartamentos aptos a serem ocupados.

Todos os operários, pedreiros, carpinteiros, todos acompanham o andamento, para que os apartamentos fiquem com tudo pronto. Na hora de fazer o concreto, todos trabalham neste serviço. Uns 25 homens. Em um dia completamos toda a laje de concreto.

Começamos às cinco horas da manhã. Cada minuto e meio, sobem quatro carros de concreto. Chegam em cima quatro carros cheios e entram no elevador quatro carros vazios. Embaixo, três homens enchendo os carros de concreto, preparado por máquina grande. Tudo rápido, no sistema da casa.

O dia do concreto é considerado sagrado. Damos almoço reforçado a todos. Comida à vontade: carne, arroz, feijão, pão. Um copo de suco de laranja. Ninguém vai almoçar em casa nesse dia. De manhã, quando chegam os operários, tomam um copo de leite. Têm uma hora para almoço e descanso.

Faz-se toda a laje num só dia. O mestre-de-obras não aceita fazer em dois dias, como muita gente faz.

A garagem vai ficar pronta em seguida. Temos pressa. Precisamos logo dela para colocar material ao abrigo da chuva, a fim de que o serviço não pare: areia, areia fina, areia branca, areião, cimento, cal, tijolos à vontade. Não podemos perder tempo. Uma hora de serviço hoje custa

dinheiro. Graças a Deus, até hoje, mesmo com chuva, não perdemos tempo.

A portaria vai ficar entre os dois blocos. A família, o hóspede, desembarca dentro de casa. Um funcionário especializado toma conta do carro, descarrega a bagagem e vai estacionar na garagem.

Concluídos os primeiros pisos, são logo habitados. A obra continua. Os operários sobem por uma escada externa. O operário não pode misturar-se com o hóspede. Tudo fica independente.

Durante a construção da primeira parte da obra, o Roberto ainda estava em Porto Alegre. Eu tomava conta da construção e do hotel. Fazia as compras para a obra e para o hotel. E ainda dava tempo para fazermos nossas orações da manhã."



**Figura 43 De 6 a 8-10-1971, na Assembleia Legislativa do RS, conferência de Desenvolvimento TURISMO. O sr. Daniel é o 3º da segunda fila.**

## BERTELLI TOUR HOTEL

O Sr. Daniel Bertelli continua:

"Concluído o primeiro bloco, o hotel funcionava muito bem, com 80 apartamentos. Nem todos os apartamentos são de primeira categoria, com televisão, telefone, frigobar. Há apartamentos simples, construídos a pedido dos viajantes. Alguns viajantes não querem apartamento de luxo.

O hotel funcionava às mil maravilhas. Bom movimento. Estávamos para iniciar a construção do segundo bloco, quando, por sugestão do Roberto e do Wayrtton, surgiu a ideia da construção de outro hotel, em lugar mais afastado do centro.

Diz o Roberto:

- Lá em baixo, na faixa, junto à Barão do Triunfo, encontra-se à venda um terreno de 1.500 metros, por dois milhões de cruzeiros...

Embora eu achasse mais viável iniciar a construção do segundo bloco do Jandaia Hotel, a ideia foi tomando vulto. Compramos o terreno. Formamos nova sociedade com a seguinte razão social: *Bertelli Tour Hotel*. Foi registrada na Junta Comercial do Estado. O registro continua em vigor.

O nosso arquiteto, o Wayrtton, elaborou o projeto. Um enorme edifício com 12 andares. Piscina. Garagem. O terreno com três frentes, que ainda hoje nos presta bom serviço, como depósito de material, de madeira. Há lá um grande galpão.

Era um projeto arrojado, dispendioso, preocupante. Além disso, eu continuava com pouca vontade de abraçar a ideia. Argumentava que seria melhor deixar este projeto de lado e iniciar a construção do segundo bloco do Jandaia Hotel.

Eu achava que lá não era lugar para um grande hotel. Ficava longe da linha divisória. Longe do centro comercial. Longe da estação rodoviária. Os hóspedes da Argentina e do Uruguai sempre preferem hotel perto, que dispense uso de táxi. Os turistas brasileiros que vão fazer compras em

Rivera também preferem hospedar-se perto da linha divisória.

Além disso, uma construção lá na faixa exigia que alguém da família estivesse sempre junto, dando atendimento. Ao passo que aqui, no Jandaia Hotel, fica a nossa residência. O Roberto mora ali perto, a 150 metros.

O tempo ia passando. Quase dois anos nessa indecisão, nessa espera. Foi quando resolvemos fazer uma reunião com toda a família, com o engenheiro Sala, sogro do Roberto, com o primo João Costi e o nosso auditor Fiorelo Zucchi. Ficamos reunidos durante quatro horas.

Depois de examinar todos os pontos positivos e negativos, depois de ver que a construção do Bertelli Tour Hotel custaria 150 milhões de cruzeiros, chegou-se a conclusão de que se deveria abandonar o projeto em favor da construção do segundo bloco do Jandaia Hotel.

Eu não estou arrependido. É verdade que perdemos tempo e dinheiro em não havermos iniciado logo a segunda etapa do Jandaia Hotel. Mas, afinal, construindo, aqui, ganhamos dinheiro."

## NO HOSPITAL

"Minha esposa tem saúde de ferro - declara o sr. Daniel. - Trabalha todo o dia. Levanta lá pelas seis horas e deita as onze. Ela não pode ficar doente.

Passa o dia andando de cá pra lá. Quando acha que o serviço rendeu pouco, diz: 'Pai, não fiz nada hoje. O serviço rendeu pouco.'

Gosta de receber visita de pessoas que falam de trabalho, de organizações, de dona de casa, de comércio, dos filhos.

Mas um dia, teve: que baixar ao hospital para ser operada. Os médicos fizeram os exames - o Dr. Ângelo Aguiar e o Dr. Hugolino Andrade. Depois da operação, este me diz:

- Seu Bertelli, a D. Wilma tinha motivo de se queixar. Veja aqui o que ela tinha. Vinte e quatro cálculos. Vinte e quatro pedras.

- Ah, doutor, eu fico contente. Sabe, estou em véspera de iniciar a construção do novo hotel. E estas pedras são muito úteis para os alicerces. São umas pedras a menos que devo comprar.

Mas isto foi há anos. Depois, durante a construção, quem foi parar no hospital fui eu. Durante a construção da primeira etapa do nosso hotel.

Eu estava sozinho. O Roberto e o Wayrtton estavam em Porto Alegre. Tinha que cuidar do hotel e da construção. Fazer as compras para o hotel e para a construção. Cuidar que os operários não perdessem cinco minutos.

Levantava cedo. Deitava tarde. Não podia sestar. Luta constante. Dinheiro pouco. O financiamento com o Badesul não foi fácil.

Um belo dia, comecei a sentir tonturas, cansaço. Desmaiei na obra. Cheguei em casa. Já me levantei. Já me recuperei. Voltei para a obra. Continuava a luta. Me alimentava mal. Só pensava na obra, só a obra. Não queria mais nada. Até procurava me desligar do hotel. Eu queria ver a obra

andar.

Estava no 4<sup>o</sup> andar. Chegou o Roberto de Porto Alegre para me ajudar. O hotel um dia seria dele.

Eu estava bastante debilitado, bastante desanimado, cansado. Chamamos o médico. Eu sentia dores pelo corpo. Não dormia direito. Só pensava na obra. A minha preocupação era a obra. Tinha então quase 20 operários. A folha de pagamento era grande. Não queria ficar devendo. Queria ficar sempre em dia com a mão-de-obra.

Um dia tornei a adoecer. Depois me recuperei. O Wayrtton estava em Porto Alegre. Me chamou para fazer compras. Fui lá. Hospedei-me no Hotel São Luís. De manhã não pude levantar. Não deu. Telefonei para a Gládis, que estava estudando em Porto Alegre.

Me levou ao médico. Exame de laboratório completo. Não encontraram nada. No dia seguinte, o Wayrtton me embarcou para casa. Telefonou para a Wilma: 'O Seu Daniel está doente. Embarcou no ônibus. Não quis ir de avião, para não gastar.'

Cheguei em casa doente. No dia seguinte, me levaram ao médico e não resolveu nada. Passei uns dias deitado, desanimado, triste, com dor de cabeça. Indisposição. Tinha raiva de tudo. Só tinha a obra na cuca, porque vencida a prestação a pagar, títulos no banco. Não tinha dinheiro. Vontade de chorar.

De repente, piorei. O Roberto chama o médico. Na entrada, combina com ele para me fazer baixar ao hospital. O Dr. Sidnei, que é casado com uma moça lá de Lagoa Vermelha, médica também, da família Domingues, é quem dá assistência à nossa família. Diz ele:

- Que é isso, Bertelli? Vamos embora. Vamos para o hospital.
- Não. Não quero hospital.
- Tem que ir.

A Wilma e o Roberto concordaram:



- Vamos pro hospital, pai.

Prepararam uma suíte no hospital. Me receberam muito bem. Me trataram muito bem. Os diretores são nossos amigos. Todos. As enfermeiras. Uma delas vinha aqui em casa aplicar injeções.

Fiquei uma semana hospitalizado. Fui segunda e vim embora domingo de tarde. Me arrependi de não ter ficado duas semanas. Lá encontrei descanso. Lá me desliguei da obra, do hotel, das dívidas, dos compromissos, de tudo.

Me recuperei. Em casa o tratamento seguiu. Era puro esgotamento. Não encontraram doença alguma. Puro esgotamento. Era mal alimentado. Logo me levantava da mesa, para ver se não faltava cimento, uma ferramenta, se um empregado tinha chegado atrasado. De dia não descansava. De noite dormia duas ou três horas. Só pensando em levantar cedo.

Depois o Roberto começou a se entrosar no hotel. O Wayrton também veio embora de Porto Alegre. Transferiu-se para cá. Daí por diante, não houve mais problemas quanto à saúde.

Por ocasião do nosso jubileu de prata, em 1973, os filhos nos presentearam com uma viagem a Bariloche. Ficamos fora 12 dias.

Em 1981, outra viagem pelo Brasil. Visitamos São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador. Aqui ficamos três dias. Depois Brasília, Recife. No aeroporto havia sempre uma pessoa da empresa de turismo, que se apresentava para nos receber. Trazia no peito escrito: Bertelli. Dávamo-nos a conhecer. Levava-nos ao hotel.

A Wilma ficou encantada com Fortaleza. Logo ao chegarmos, no aeroporto, ao sermos recebidos, ela ganhou uma rosa. Ficamos dois dias e meio na capital do Ceará. Gostamos demais. Foi o melhor clima que encontramos em toda a viagem. Apreciamos as frutas da terra: sapoti, jaca, mamão...

Daí para Belém do Pará. Depois, Manaus. O mais sensacional foi a

vista do rio Amazonas, lá do alto, a uns 12 mil metros de altitude. Aquela faixa branca, lá em baixo. O comandante esclarecia tratar-se do rio Amazonas. Mais adiante, um afluente com água de outra cor. Chegamos em Manaus de noite. A volta também foi muito linda.

Em Ouro Preto, tive que fazer de intérprete para dois norte-americanos. Um deles falava espanhol. Então eu traduzia para ele. Pois é, fronteira tem também esta vantagem. Ensina a gente a falar outra língua."



**Figura 44 1973 - Daniel e D. Wilma, em Bariloche, sobem ao Morro da Catedral, de bonde elétrico.**



**Figura 45 O sr. Daniel e D. Wilma admiram a beleza de nossos pinheiros.**

## **PROPRIETÁRIOS E FUNCIONÁRIOS**

Jandaia Turismo Hotel Ltda. é propriedade do sr. Daniel Bertelli, de sua esposa, filhos, genros e noras, a saber, diretores: Daniel Bertelli, Carlos Roberto Bertelli (diretor-gerente) e Wilma Cezira Bertelli; cotistas: Maria Luíza Sala Bertelli, Wayrton Silva Bazzini, Lédi Bertelli Bazzini, Roberto Eula, Gládis Maria Eula Bertelli e César Domingos Bertelli.

Empresa hoteleira das mais conceituadas, exclusiva de uma família jovem, deve o seu rápido e brilhante desenvolvimento à extraordinária capacidade administrativa da família Bertelli, ao seu fantástico dinamismo, à sua austera e previdente filosofia de vida e, especialmente, a admirável inteligência de todos os seus abnegados integrantes.

Em que pese o berço humilde do seu fundador, um autêntico autodidata na ciência de administrar, a família não confia unicamente na experiência adquirida ao longo duma curta existência sofrida. O sr. Daniel, D. Wilma e seus filhos não se omitem de frequentar congressos de hotelaria nacionais e internacionais, de frequentar escolas do ramo de alto nível, conferências, exposições, cursos, encontros... Nos dias 6 a 8 de outubro de 1971, por exemplo, o sr. Daniel tomou parte na Conferência de Desenvolvimento de Turismo, promovida pela Assembleia Legislativa do RS, entre cujos palestrantes figurava o brilhante jornalista e Professor Mário Gardelin, Vice-Reitor da UCS, que é o apresentador desta obra. Em 1974, D. Wilma acompanhou o esposo no Congresso de Hotelaria realizado em Campos do Jordão, no Estado de São Paulo.

A contabilidade do Jandaia Hotel, a princípio, era feita num escritório, fora de casa. A seguir passou para o próprio edifício do hotel, numa sala ao lado do gabinete do diretor-gerente, junto a portaria, aos cuidados competentes da contadora Antônia Mirta F. dos Santos, pessoa altamente capacitada e de toda a confiança.

Durante longos anos, até sua morte, ocorrida em Porto Alegre, a 18 de setembro de 1985, a contabilidade contou com a esmerada supervisão do auditor Fiorelo Zucchi, que foi sempre gente da casa. Membro do

Movimento Familiar Cristão e Cursilhista, foi da diretoria das obras da Matriz de Nossa Senhora do Rosário.

Era natural de Bento Gonçalves, onde estudou no Colégio Nossa Senhora Aparecida dos Irmãos Maristas. Daí passou para o Colégio Nossa Senhora do Rosário de Porto Alegre. Concluídos os estudos, foi convidado a assumir a direção do escritório de contabilidade da Lanifício Albornoz e passou a lecionar no Colégio Santanense.

Toda a contabilidade do Jandaia Hotel, antes de entrar no escritório, é cuidadosamente examinada por D. Wilma e sua secretária, numa sala da casa da família.

Durante a construção do segundo bloco do Jandaia Hotel, o número de operários da obra era elevado. Atualmente, em 1985, ficou reduzido ao quadro seguinte:

Dra. Gládis Maria Eula Bertelli (nutricionista), Antônia Mirta F. dos Santos (contadora), Clementino Tejera (mestre-de-obras), Víctor Jesus da Rocha (chefe de recepção), Suzana Soares (secretária), Jorge Roberto G. Almeida, Ernestina Peres Cardoso, Ema Rodrigues Maciel, Tânia Martins de Freitas, Nelci Techera de Viera, Sílvio Scherer, Olinda Ance, Marcionilo Silveira (maitre do restaurante), Juelda K. Jorge (governanta), Antônio Souza Farias, Maria Delia das Neves, Vera Regina Cavalheiro, Leonorina Rodrigues, Cleides Walter Lopes, Cilon Gustavo da Silveira, Mary Magali de Quadros, Maria Dorli de Ramos, Mauro Alves Maluf, Cláudio Roberto da Silva, Waltencir Torres Morales, Sulena Damasceno Maciel, Maria Odete Valério, Diva Ferreira Cardoso, Antônio Vítor Trindade, Walter Machado Silveira, Antônio Morales, Reurfa Ferreira, Maria Enar do Espírito Santo, Clodomiro R. Monitor, Alba Molinari Pacheco, Eli Gonçalves Pereira, Agostinho Machado, Ruben Guaracy Camargo, Nadir Gabriel Martins, Argeni Oliveira Camoejo, Olga Fonseca Paz, Marilei Lima, Jurandir Martins Reis, Jesus Thomas Nunes, Eni Pereira, Maria Iolanda Marques, Antônio Jorge Peres, Zaira Costa Rocha, Ondina Rodrigues Trindade, Guaracy Fernandes Viana, Maria Amélia Gonçalves, Jacir Fernandes Rodrigues, Leonor Martins Machado (telefonista), Cármem Maria T. Retequi, Almir

Maciel da Rosa, Ruben Duarte, Maria Joaquina Ilha e Juan Carlos Gonzalez.

Os funcionários, anualmente, frequentam curso ministrado por professores do Senac. Encontram-se, pois, rigorosamente capacitados para apresentar um atendimento nobre, que satisfaz ao hóspede mais exigente, que pode ser um senador, um ministro, como um viajante.

O hotel, com seus 140 apartamentos e três suítes, com sua categoria de três estrelas, tem capacidade para hospedar mais de 300 pessoas, com todo o conforto. Os apartamentos dispõem de telefone, televisão, som-ambiente. Os de luxo possuem TV a cores, ar condicionado, frigobar e som-ambiente. Os cobertores são todos importados do Uruguai. Portas, armários, camas, mesas, bancos, de madeira de imbuia. Cortinas duplas. Espelho e quadros nas paredes. Lâmpadas de cabeceira e da escrivaninha.

A roupa de cama é renovada diariamente. Uma atração do Jandaia Turismo Hotel é a água. Água potável, cristalina, leve, procedente de poços artesianos. A água quente flui de duas caldeiras Giacomet, cada uma com capacidade para 3.500 litros e 130 mil calorías.

Telefone em todos os corredores. Carpetes em todos os apartamentos, salas, corredores e escadas. Três elevadores. Nas paredes, quadros de artistas locais, destacando-se os de autoria de C.G.H. Sória, de Santana do Livramento. Igualmente é desta cidade a artista Estela Paiva, que confeccionou toda a tapeçaria do restaurante.

Os hóspedes tem, logo na ampla portaria, uma excelente impressão diante da nobreza e dimensão dos largos corredores, Sala de TV e Videocassete, Sala de Leitura e Sala do Chimarrão, Sala de Convenções, Telex. Numerosos sofás e poltronas revestidos de couro. O balcão da portaria exhibe uma artística escultura em madeira, apresentando oito cavalos. Na parede central, entre plantas naturais mumificadas e outras folhagens, uma enorme escultura em bronze, de uma carreta com três juntas de bois, obra de Estela Maria Cattaneo, da Argentina...

## **BELCHIOR SOARES E OUTROS HÓSPEDES**

Entre os numerosos hóspedes permanentes do hotel, destaca-se o sr. Mota Hechtman, o popular Marcelo, um ilustre amigo da família Bertelli. Dono de um físico respeitável, 200 quilos, é casado com D. Lourdes e tem as filhas Marlei e Rosamara. Outrora forte comerciante na fronteira, hoje, amante dos livros e da cultura, encontra-se estabelecido com a Livraria Marcelo, na rua Uruguai, proximidades do Jandaia Hotel.

Outro hóspede muito simpático, que fez as refeições no Hotel Labarthe durante 70 anos, desde 4 de janeiro de 1904 até 1973, chamava-se Belchior Soares. Era comprador de lã do Lanifício Albornoz. Um velhinho muito estimado da família Labarthe e depois da família Bertelli. O sr. Daniel gostava muito dele, assim como D. Wilma e o Carlos Roberto. Daniel brincava com ele. Mexia com ele. Por vezes, não suportando as brincadeiras do hoteleiro, ele se incomodava.

Uma vez por mês, chegava ao hotel outro comprador de lã, de D. Pedrito, chamado Isabelino Pinheiro. Pois um dia, quando a família Bertelli estava para reformar o hotel, o Pinheiro diz ao seu Belchior, que sentava sempre à mesma mesa:

- Seu Belchior, o gringo vai demolir esta casa e vai construir outra. Aí tu tens que deixar o hotel.

- Deixar o hotel coisa nenhuma. Eu tenho estabilidade. Tenho 70 anos de casa. Não pode me botar pra fora. Eu vou contratar dois advogados no clube.

- Belchior - diz o seu Pinheiro - dá pena o gringo, não é? O gringo não estudou. Como é que ele vai fazer um hotel melhor? Ele é burro. Não estudou nunca.

- É mesmo Pinheiro. O homem não está preparado para construir um hotel de categoria.

Naquele instante, o sr. Daniel, estando junto com D. Wilma, saiu e

foi buscar dois livros em casa. Chegou com os livros debaixo do braço e disse:

- Seu Belchior, resolvi estudar. Aqui estão os livros.
- Isso mesmo, gringo. Nunca é tarde para começar a estudar.
- O sr. Pinheiro, com uma risada, fez troça.
- Deixa, Pinheiro. Não censure o homem. Deixa que estude.
- Que seja feliz no primeiro dia de aula - concordou Pinheiro.

Daniel saiu pela porta da frente. Entrou pela porta da casa. De noite, Belchior estava junto com Pinheiro. Este pergunta:

- Escute, seu Bertelli, como foi o primeiro dia de aula?  
- Não deu certo. Briguei. Imagine, o professor queria saber mais do que eu.

- Não te disse, Pinheiro? - exclamou o Belchior. - O gringo é burro.

Uma noite o sr. Daniel lhe disse:

- Seu Belchior, o senhor não se escapa deste inverno.  
- Não, seu Daniel. Eu sou como cavalo velho que morre em dezembro. Não brinque com a verdade. Não confie na emenda. Tu podes ir antes do que eu.

No dia seguinte, o hoteleiro encontrava-se atacado de forte gripe e não aguentou de pé. Foi deitar. Então, o Alexandre, o gerente do hotel, diz:

- Seu Belchior, sabe que o seu Daniel está doente?

- Por quê?

- O senhor disse ontem de noite que ele ia morrer antes do senhor. Ele ficou triste. Ficou doente. Está de cama.

Imediatamente, o seu Belchior foi à casa da família Bertelli. Entrou:

- Seu Daniel, o Alexandre me disse que o senhor ficou doente com a

minha brincadeira. Não repare. Eu vou morrer primeiro. Tenho o dobro de idade.

\*

Uma ocasião ele contou um caso e o seu Daniel retrucou:

- É mentira.

- Seu Daniel, - respondeu - nunca diga "é mentira", porque aqui na fronteira ou é uma facada ou um tiro.

Por vezes, o hoteleiro perguntava:

- Seu Belchior, o senhor é uruguaio, não é?

- Não. Sou brasileiro.

- Onde é que o senhor nasceu?

- No Uruguai.

- Então é uruguaio.

- Sou brasileiro. Nasci no Uruguai, mas sou brasileiro naturalizado.

Quando ele chegava ao restaurante e encontrava a sua mesa ocupada, vinha com bengala erguida: "Dá licença. Esta mesa me pertence há quase 70 anos."

Se alguém quisesse estragar o dia dele, bastava dizer:

- Sabe, seu Belchior, o hotel vai subir.

Ele então dirigia-se ao proprietário do hotel:

- Seu Daniel, não faz seis meses o senhor me subiu. No tempo do Seu Antenorzinho, que eu queria muito bem, me cobrava uma miséria. E o senhor quer me subir duas vezes por ano. Não pago.

- Seu Belchior, se não estiver contente, procure outro hotel.

- Vamos conversar aqui. - Batia com a bengala.



\*

O médico declarou um dia aos donos do hotel que deviam brincar com o bom velhinho. Deviam mesmo irritá-lo. Isto era bom para a saúde dele. No dia em que os hoteleiros deixassem de mexer com ele, o seu Belchior seria até capaz de morrer.

Durante as férias, o Carlos Roberto, que estudava em Porto Alegre, ia ajudar o pai no serviço do hotel. Num dia de inverno, o Roberto vestira um poncho. Assim, de poncho, passava a manhã atendendo a portaria.

Chega o seu Belchior, cumprimenta a todos e senta. Logo depois, chega o seu Daniel, que vendo-o ali, procurou assunto para irritá-lo, sabendo que ele era do campo e vestia poncho. Dirigindo-se ao filho, diz o seu Daniel:

- Beto, então esse é traje para se usar na portaria do hotel?
- Está muito frio, pai. Além disso, o poncho é traje da fronteira.
- Não, Beto. Tire esse poncho.

Aí seu Belchior levanta a cabeça e fala:

- É Beto, não tire o poncho. Estás bem vestido. Essa exigência do pai é fútil, é boba, de quem não conhece nossas tradições.

O Roberto, fazendo-se de humilhado, levanta-se, e o seu Belchior, num gesto de apoio, toma-o pelo braço, indo em direção da rua:

- Beto, você conhece os versos de Martin Fierro sobre o poncho? - E começou a declamar todo o longo e lindo poema do poeta gauchesco argentino José Hernández, autor de *Martin Fierro*: "Meu poncho amigo...".

\*

Outro hóspede ilustre do Jandaia Hotel é o jornalista e representante calçadista Lauro Senger, como também seu irmão Ivo Senger, velhos amigos da família Bertelli e eficientes propagandistas do seu hotel, cuja transformação acompanharam desde o princípio, sempre com a

maior admiração. Lauro, semanalmente, escreve uma coluna num jornal de Novo Hamburgo, dando seguidamente boas notícias do estabelecimento da família Bertelli.

Hóspedes recentes, que não podem ser esquecidos, são os técnicos da firma Almadén, fabricante de vinhos finos, da National Destilleres do Brasil Ind. e Com. Ltda., com matriz na Califórnia, Estados Unidos, estabelecida com adega regional em Palomas, no município de Santana do Livramento.

Após uma tentativa frustrada em 1974 no município de Bagé, a empresa transferiu-se para cá em 1977, existindo aqui excelentes condições de clima e fertilidade da terra, tanto assim que, logo após, um grupo de japoneses adquiriu em Palomas uma área de 800 hectares, para implantação de um vinhedo.

Almadén possui uma área total de 1.200 hectares e uma plantada de 510, com 20 variedades de uvas finas, cuja produção em 1985 ultrapassou de um milhão de quilos. Os vinhos Almadén já figuram entre os mais apreciados do Brasil e do mundo.

Entre as novas técnicas usadas, salienta-se a de enxertos de mesa, executados dentro de casa. O processo de esmagamento e fermentação executa-se ao ar livre. A maioria das pipas são de fibra de vidro, fabricadas em Joinville, SC. Para envelhecimento do vinho utiliza pipas de madeira, fabricadas na região de Caxias do Sul.

Ocupa cerca de 300 operários. Na gerência geral encontra-se Giuseppe Naihaissi, que reside em São Paulo. O gerente efetivo é Carlos Alberto Fateixa, português. Gerente dos Vinhedos, agrônomo Antônio Santin, natural de Casca, RS. Coordenador administrativo, João Batista Tavares. Enólogo, Raul Eduardo Arantes, argentino.

No ano de 1986, a empresa atingiu a marca de 1 milhão de caixas de champanhas e vinhos vendidos, o que representa um crescimento de 150% em relação ao ano de 1985, garantindo um faturamento de 16 milhões de dólares, o equivalente a 28% do faturamento global do setor vinícola.

Atualmente, a empresa está fazendo investimentos de 4 milhões de dólares no seu vinhedo.

## **OBRAS DE CARIDADE E POLÍTICA**

A família Bertelli e sua empresa - conforme declaram o sr. Daniel e D. Wilma - receberam e continuam recebendo assinaladas bênçãos do céu, como ficou cabalmente provado ao longo desta história.

Por isso, a família é muito agradecida ao Senhor e procura sempre retribuir quando surge uma oportunidade. Para as obras da Matriz, de cuja diretoria o sr. Daniel fez parte, a família Bertelli prestou significativa colaboração, a exemplo da sua vizinha D. Joana Guedes Ludwig e de tantas outras pessoas de Santana do Livramento.

A família custeou os estudos de vários seminaristas, inclusive de um candidato ao sacerdócio de Hidrolândia, Goiás, onde residia o seu amigo Frei Sílvio Sofiatti.

Ajuda toda especial recebeu o Asilo de Velhos de Livramento por parte da família Bertelli. Quando foi desmanchado o Hotel Labarthe, os proprietários guardaram tudo quanto existia nos quartos. Depois, quando o asilo necessitava de ajuda, foram doadas roupas de cama, colchões, lençóis, armários...

A direção do asilo enviou, depois, à família Bertelli um belo ofício de agradecimento.

Quando a cidade de Santana do Livramento foi assolada por terrível enchente, que desabrigou mais de 300 pessoas, a Prefeitura Municipal solicitou a colaboração da família Bertelli, que fez doação de numerosos colchões e outra roupa de cama.

Todas as semanas, praticamente todos os dias, a família presta alguma ajuda às pessoas necessitadas, a obras assistenciais, realizando este gesto de caridade com prazer.

\*

A família Bertelli colabora com todos os clubes de Santana do Livramento. O sr. Daniel, o filho Carlos Roberto e o genro arquiteto Wayrton

Bazzini são membros da diretoria de alguns deles. O sr. Daniel, como bom gremista, sempre que possível, vai a Porto Alegre torcer pelo seu time.

O sr. Daniel sempre gostou de política e sempre colabora com o seu partido. Tanto ele como o filho Roberto são amigos de ministros, senadores, generais, deputados, prefeitos. Mantém com eles, sempre que se hospedam no seu hotel, longos contatos, sobretudo com os deputados Victor Faccioni e Nelson Marchezan, ambos de origem italiana e ambos, como o seu Daniel, nascidos em berço humilde.

Diz o sr. Daniel que ficou admirando a atitude do sr. Nelson Marchezan, na última campanha política. Em numerosos comícios, este líder político recomendava aos seus amigos que os votos destinados a ele fossem dados a outros candidatos, os quais, sem este apoio, não se elegeriam.

Durante uma campanha política para governador do Estado, o sr. Daniel interferiu expressivamente em favor do seu candidato. Ouvindo, através do Repórter Esso da Rádio Farroupilha, que os socialistas haviam decidido votar para certo candidato, ele, como bom católico, naquele tempo em que socialismo era sinônimo de comunismo, não teve dúvidas. Não se conteve. Foi imediatamente à casa paroquial, deu a notícia ao vigário e colocou-se à disposição, com seu carro, a deslocar-se para a sede episcopal, em outra cidade, a fim de pôr o sr. Bispo ao par do que estava acontecendo.

O prelado, surpreso e impressionado com a notícia, tratou logo de escrever uma carta circular a todo o clero da diocese. Estava iniciando a redação, quando, de repente, para e diz:

- Não. Não vou tomar atitude alguma, antes de entrar em contato com o sr. Arcebispo e certificar-me da procedência da notícia.

Ainda naquela noite, o sr. Bispo conversou por telefone com o sr. Arcebispo de Porto Alegre, recebendo confirmação.

O próprio sr. Bertelli, juntamente com seu vigário, mandaram imprimir a circular do sr. Bispo. Mais de mil folhetos foram expedidos para as

paróquias da diocese, como também aos demais bispos do Rio Grande do Sul.

Pois o candidato apoiado pelos socialistas, que era considerado como franco favorito, perdeu as eleições. O sr. Daniel não tem a menor dúvida de que o seu trabalho colaborou na vitória do seu candidato.

\*

Praticamente todos os meses há deputados que se hospedam no Jandaia Hotel. Por coincidência, no dia 21 de abril de 1985, quando faleceu o nosso querido Presidente Tancredo Neves, encontrava-se aqui o Dr. Alceu Collares, em visita à cidade. A família Bertelli teve, então, ocasião de falar com ele acerca de sua campanha para prefeito municipal de Porto Alegre.

No dia 20 de outubro, estavam hospedados no Jandaia Hotel o Ministro da Agricultura, Dr. Pedro Simon, e o jornalista Antônio Britto, filho da cidade, que fora o porta-voz do Presidente Tancredo e que já articulava sua campanha para deputado.

A deputada Dercy Furtado, quando visita a família Bertelli, torna-se logo hóspede da casa, grandes amigos como são, sobretudo em função do Movimento Familiar Cristão.

## **COLÉGIO SANTA TERESA DE JESUS**

Falou-se da Escola Rainha da Paz, de Lagoa Vermelha, na qual três filhos da família Bertelli iniciaram seus estudos. Devemos falar também de duas outras escolas, estas de Santana do Livramento, nas quais os filhos do sr. Daniel e D. Wilma concluíram os estudos secundários: Colégio Santa Teresa de Jesus e Colégio Santanense.

Em Passo Fundo, no Colégio Santa Teresinha do Menino Jesus, atualmente Escola do Menino Jesus, dirigida pelas Irmãs de Notre Dame, os filhos Bertelli foram colegas de Maria Elizabeth de Oliveira, a conhecida santinha de Passo Fundo, cuja sepultura se transformou em concorrido ponto de romaria. Os pais de Maria Elizabeth, sr. Alcides de Oliveira e D. Leda Morandi de Oliveira, são grandes amigos da família Bertelli desde os tempos de Lagoa Vermelha.

O Colégio Santa Teresa de Jesus, sito na rua Brigadeiro Canabarro, 421, em Santana do Livramento, possui uma história curiosa. No dia 18 de março de 1910, uma comissão de pessoas desta cidade e de Rivera apresentou-se em Montevideú, a fim de solicitar religiosas para a fundação de um Colégio em Santana, a funcionar a princípio numa casa oferecida por Bernardino Pereira. A referida comissão compunha-se deste senhor, Paulo Minelli, Monsenhor de León e Ângelo Correia.

A comissão foi recebida pela superiora Provincial das Irmãs de Santa Teresa de Jesus, em Montevideú, Madre Dolores Folch. Esta dirigiu-se à superiora geral na Europa, solicitando religiosas para a fundação do novo colégio no Brasil. O pedido não pode ser aceito, por absoluta falta de pessoal. Meses após, nova solicitação teve a mesma resposta negativa.

Por fim, no mês de outubro, tendo sido expulsas as religiosas que trabalhavam em Portugal, possibilitou-se a fundação do Colégio Santa Teresa de nossa cidade. Portugal, com a perseguição religiosa, perdia as Irmãs, mas com isso beneficiava-se o Brasil.

Bernardino Pereira pagou a passagem de cinco religiosas procedentes da Espanha, as quais chegaram em Montevidéu no dia 23 de janeiro de 1911. As fundadoras do Colégio deviam estar aqui em fevereiro, mas, visto como a casa encontrava-se 'ocupada pela agência do banco, saíram de Montevidéu no dia 18 de abril de 1911, acompanhadas da superiora Provincial e sua secretária.

Eis o nome das religiosas fundadoras do Colégio Santa Teresa: Madres Antonieta de São José Purult, Olinda de Nossa Senhora de las Mercedes Araújo, Maria Luísa de Maria Imaculada Madrigal, Elena de São José Rodrigo, Ana Maria Teresa de Jesus Silva e as Irmãs Luísa São José Andrade e Rosa do Menino Jesus Mendez.

No dia 19, as Irmãs fundadoras chegavam, sendo recebidas na estação ferroviária de Rivera pelos membros da comissão, pelo Vigário Pe. Jubin, pelo superior e vice superior dos Irmãos Maristas.

Numa carruagem, as religiosas seguiram até a casa a elas destinada, onde foi cantada a Salve-Rainha e feitas orações. No dia 22, com a presença do Dr. Moisés Viana e sua esposa, da Irmandade local, foi celebrada a missa, ficando assim inaugurado o Colégio. O Colégio da família santanense, orgulho da fronteira. Atualmente, o Colégio Santa Teresa de Jesus, um vasto e belo edifício, mantém uma matrícula de cerca de 1.200 alunos.

\*

**O COLÉGIO SANTANENSE**, com seu moderno e vasto prédio na rua Barão do Triunfo, 1048, foi um dos primeiros fundados no Rio Grande do sul pelos Irmãos Maristas. Sua fundação data de 1908, tendo como primeiro diretor o Ir. Livino, francês, um benemérito do ensino em nosso Estado.

Franceses foram todos os primeiros Irmãos Maristas que lecionaram neste modelar educandário da fronteira, no qual estudaram gerações de santanenses, figurando entre eles ministros, generais, deputados, historiadores, escritores, jornalistas, professores, médicos, advogados, engenheiros...



O Ir. Pedrinho Adeniro Escher foi o 25º diretor deste tradicional estabelecimento de ensino de Santana do Livramento, tendo sido ainda o último, porque, depois, o prédio passou a escola estadual.

## **OS FILHOS**

IÉDI TEREZINHA BERTELLI BAZZINI. Nascida em Lagoa Vermelha a 22 de abril de 1949, principiou com três anos a frequentar a Escola Rainha da Paz, em regime de semi-internato. Entrava na escola de manhã e retornava para casa à tarde.

Como sabemos, Deus serviu-se desta criança para evitar que seu pai, num momento de desespero ao ser ameaçado de morte, se tornasse um criminoso.

Muito linda, muito querida e muito estimada, foi convidada a participar de um concurso para Rainha das Bonecas, no qual se consagrou sua coleguinha Ilse Koch, filha do fotógrafo Primo Koch.

Concluída a segunda série em Lagoa Vermelha, passou a frequentar o Colégio Santa Teresinha, em Passo Fundo, onde concluiu a 3ª série. Daí passou para o Colégio Nossa Senhora das Mercês, das Irmãs de Caridade, em Curitiba, para onde os pais se transferiram temporariamente.

Morava com os pais num apartamento no bairro das Mercês, defronte ao Colégio, separado apenas pela avenida do mesmo nome. Então, para ir à escola, bastava atravessar a rua.

Pois no dia 1º de julho de 1960, a uma hora da tarde, ao atravessar a avenida, a Lédi foi atropelada por uma motocicleta, que lhe fraturou o fêmur esquerdo. Foi transportada inconsciente para o hospital, que ficava na outra esquina e que era dirigido por uma religiosa que fora mestra de D. Wilma, em Barão de Cotegipe.

A recuperação foi longa, sofrida e dispendiosa, quando não deveria durar mais que poucos meses, se lhe fosse aplicado tratamento condizente. Com a perna engessada, permaneceu no hospital durante 23 dias.

Aconteceu que o médico em vez de ajustar as partes do fêmur em lugar exato, acavalou-as. Os pais, desesperados, não vendo alguma melhora, pediram ao médico que tirasse uma radiografia. Recusou-se.

Então, D. Wilma solicitou à sua antiga mestra que o fizesse. Ao ver a radiografia, a religiosa colocou as mãos na cabeça. Imagine a indignação dos pais.

Em outubro, em Porto Alegre, no Hospital Moinhos de Vento, os pais submeteram a filha a uma intervenção cirúrgica, praticada pelo ortopedista-traumatologista Dr. César Curtis. Trabalhando durante quatro horas, serrou o osso, acomodou as partes mediante chapa inoxidável, presa com seis parafusos e 12 pontos. Por não haver acompanhado o crescimento da perna direita, a esquerda ficou mais curta.

Em Passo Fundo, a Lédi, com a perna engessada, passou a frequentar o Colégio Bom Conselho, preparando os exames de admissão ao ginásio. Era preciso leva-la, pois não podia caminhar, em virtude da imobilidade da perna, que só a custo de muitas massagens e de muito sofrimento adquiriu a flexibilidade.

Aprovada nos exames, concluiu a segunda série ginásial no referido colégio, prosseguindo seus estudos no Colégio Santa Teresa de Jesus, em Santana do Livramento. Concluído o curso ginásial, nova cirurgia para extração da chapa inoxidável, chegando assim ao último capítulo deste longo drama.

No mesmo colégio de Livramento, a Lédi concluiu o curso normal, classificando-se em primeiro lugar. Frequentou ainda curso de inglês no Uruguai.

\*

Em 28 de fevereiro de 1970, a Lédi contraiu matrimônio com o arquiteto Wayrtton Silva Bazzini. Foi o primeiro casamento ecumênico celebrado em Santana do Livramento, na Matriz do Rosário, sendo presidido pelo Pe. Firmino Dalcin e pelo Rvdo. Gastal, Ministro da Igreja Episcopal e hoje Bispo.

Wayrtton, filho de Francisco Bazzini e de Ladir Silva Bazzini, nasceu em Dom Pedrito, no dia 15 de julho de 1943. Seu tataravô materno, o Coronel Antônio Nicolau Consul combateu na Guerra do Paraguai, havendo

comandado tropas durante a tomada de Uruguaiana. Conquistou quatro medalhas, em poder do arquiteto Wayrton.

O casal passou a residir em Porto Alegre, onde o Wayrton trabalhava e lecionava, auxiliado pela esposa, que frequentava a Faculdade Porto-Alegrense de Letras Anglo-Germânicas, formando-se em dezembro de 1974, sendo, então, homenageada como a melhor colega da turma.

O marido da Lédi formou-se na Faculdade de Arquitetura na Universidade Federal do RS. Durante 14 anos, lecionou na Escola Moka de Decorações, da qual foi também diretor. Lecionou ainda na Escola Técnica Parobé e em vários cursos da PUC e na Aliança Francesa. Em 1979, defendeu tese com o tema "A cor em escolas de Universidade", por ocasião de dois congressos brasileiros de cores. Participou do 8º Congresso Nacional de Arquitetura. Durante vários anos, dedicou-se ao estudo das cores com o professor Simão Goltmann.

Ainda quando residia em Porto Alegre o arquiteto Wayrton executava projetos e obras de construção civil em D. Pedrito, Livramento e em outras cidades. Em 1977, a família transferiu-se para Santana do Livramento, onde Wayrton executa na média 30 projetos por ano, tendo construído mais de 300 obras, sendo uma das principais o Jandaia Turismo Hotel. Reside numa moderna casa por ele construída, tendo escritório junto à oficina mecânica do pai.

No dia 31 de janeiro de 1972, nascia seu primeiro filho e primeiro neto do sr. Daniel Bertelli e D. Wilma, Leonardo. Rapazinho inteligente, calmo, comportado, obtém nos estudos as melhores classificações.

Em 5 de julho de 1974, chegava a Geovana, que trouxe enorme alegria aos pais e avós. Mas a alegria durou apenas alguns dias. No dia 12 do mesmo mês, vítima de meningite, a linda garotinha vinha a falecer, no Hospital Santo Antônio, em Porto Alegre. O pai, insistindo com o médico, conseguiu que fosse batizada no isolamento da casa da Criança, pouco antes de falecer.

Para ocupar o lugar deste anjinho, no dia 18 de março de 1976,

chegava a Caroline, uma bonita garotinha, sadia e forte, que bem cedo se manifestara inteligente e estudiosa como o maninho.

No dia 26 de janeiro de 1986, na Casa de Saúde, em Santana do Livramento, num parto muito feliz, nascia a Mariana Bertelli Bazzini, que foi batizada na Matriz de Santa Ana, no dia 30 de abril do referido ano, sendo padrinhos Marcelo Caggiani e Lisiani Lezama. A Mariana completa o número nove dos netos do sr. Daniel e D. Wilma. Uma gárrula turminha de lindas crianças, todas muito espertas e inteligentes, que enchem de alegria os lares de seus pais e avós.

Em abril de 1975, Wayrton e Lédi viajaram à Espanha, a fim de tomar parte do XII Congresso Mundial de Arquitetura realizado em Madrid. Nesta esplendida viagem de 45 dias, o casal visitou o Senegal, o Marrocos, a França, a Itália, a Suíça, a Holanda e a Inglaterra. Na Itália, na região da Calábria, encontraram-se com o parentes de D. Wilma.

O arquiteto Wayrton pertence ao Lions Clube, que presidiu em 82-83. É presidente do conselho de Desenvolvimento Comunitário de Santana do Livramento - CODEL. Atualmente (1986) é presidente da Divisão B-1 do Lions Clube. Em 1985, foi provedor da Santa Casa de Misericórdia, de cuja diretoria continua fazendo parte. Exerce marcante atuação em numerosos movimentos comunitários da cidade.

Em sua atividade profissional, conta sempre com a colaboração em projetos do Dr. Valdir Miguel Franco, que o levou para a Escola Parobé.

A professora Lédi lecionou na Escola Estadual Rivadávia Corrêa, da qual é hoje secretária. A ela, que prestou valiosa colaboração nesta obra, agradece o autor, como também ao seu esforçado marido.

\*

CARLOS ROBERTO BERTELLI. No Hotel Avenida de Lagoa Vermelha, no dia 16 de janeiro de 1951, a notícia do nascimento do segundo filho do sr. Daniel e D. Wilma Bertelli, o Carlos Roberto, foi saudada com aplausos. Um lindo e robusto garoto, que, em pouco tempo, se tornara grande, forte e gordinho. Com dois aninhos, já dava trabalho à mãe e

especialmente à Tita, que logo se apaixonou por aquele menino muito vivo, alegre e arteiro.

Roberto iniciou seus estudos na Escola Rainha da Paz, de Lagoa Vermelha, continuando-os, mais tarde, na Escola Santa Teresinha, de Passo Fundo, e, durante quatro anos, no Colégio Nossa Senhora da Conceição dos Irmãos Maristas. Em 1961, quando o pai andava tratando da aquisição da existência do Hotel Labarthe, Roberto ficou internado nesse educandário durante quatro meses.

No Colégio Santanense, concluiu o curso ginasial e o 1º ano do curso científico. Nesse tempo, o pai, como membro da diretoria do Círculo de Pais e Mestres, batalhou e conseguiu que este estabelecimento tradicional da cidade, que só matriculava alunos do sexo masculino, passasse a misto.

Roberto concluiu o 3º ano do curso científico no Colégio Nossa Senhora do Rosário, de Porto Alegre. Em 1970, foi aprovado nos exames vestibulares de Administração de Empresa na Universidade Federal do RS e de Ciências Contábeis da PUC, sendo aprovado em ambas as Faculdades, mas optou pela UFRGS, na qual se formou em 1976, em Administração de Empresa e Empresa Pública.

Em 1972, durante os estudos, iniciava suas atividades profissionais no Instituto de Desenvolvimento Empresarial do Rio Grande do sul - IDERGS - no qual realizou o primeiro estágio, o 1º módulo e a 1ª experiência como empresário. Durante mais de um ano, estagiou na Empresa Serigrafia Técnica e Industrial Ltda. Nesta firma trabalhou como estagiário em quatro atividades, passando, a seguir, a gerente de vendas (Marketing). Desenvolveu aqui excelente trabalho, fazendo crescer a empresa, auxiliado pelos dois diretores, Plínio Gomes, Diretor administrativo, e seu irmão Telmo Gomes, diretor industrial. A estes dois diretores, o Roberto é eternamente grato, pois fizeram para ele o papel de pais.

Durante os estudos, necessitando deslocar-se para a universidade e para o serviço e não tendo condução, manifestou ao pai o desejo de dispor de um carro, um carro de qualquer marca e de qualquer ano. O sr. Daniel

gostou da humildade do filho, por isso deu-lhe um Ford Corcel zero Km, que era a novidade do dia.

No dia 13 de dezembro de 1974, contraiu casamento com a professora Maria Luíza Sala, filha do engenheiro Florial Sala e da professora Márcia Strano Sala. O engenheiro Sala foi quem, entre outras obras importantes, executou a construção da ponte sobre o rio Guaíba e do Cemitério Ecumênico João XXIII.

O Roberto estava para acompanhar o sogro na execução de obras; em Londrina, no Paraná quando, como sabemos, ao tomar conhecimento da falta que ele fazia no hotel da família e da obra em andamento, transferiu-se para Santana do Livramento.

Passou, então, a tornar conta da administração do hotel, enquanto o pai dirigia os trabalhos da construção. Formado em Administração de Empresa e já com experiência de trabalho, manifestou logo excelente capacidade e disposição na importante incumbência que os pais lhe confiaram, conforme viemos observando ao longo destas páginas.

A esposa, Maria Luíza, que já lecionara em Porto Alegre, depois de auxiliar durante alguns meses no hotel, passou a exercer atividade na 19ª Delegacia de Educação. Assumiu ainda a vice direção da Escola Estadual Rivadávia Corrêa. Em 1984, transferiu-se para a coordenadoria da Delegacia de Educação. Em 1985, assumiu a direção da Escola Estadual Alceu Wamosy.

Carlos Roberto tomou parte no Congresso Nacional de Hotelaria no Rio de Janeiro, como também no encontro internacional de hoteleiros e agentes de viagens, promovido pela Empresa Brasileira de Turismo - EMBRATUR, em Montevidéu.

Durante este encontro, Roberto foi vítima de um acidente de trânsito, em dezembro de 1981, quando viajava de ônibus do centro da cidade para o aeroporto internacional de Carrasco. Depois de almoçar com a sua irmã Gládis e esposo, Roberto Eula, que estudava Medicina, embarcou no ônibus da empresa aérea Pluna. Junto com 14 companheiros,

seguiu para o aeroporto.

Em meio ao caminho, um automóvel, que vinha numa rua transversal, em alta velocidade, bateu violentamente contra o ônibus. Roberto, que vinha observando o acidente, preveniu-se, firmando as mãos no encosto do banco da frente, cujo pega mão se desprendeu. O ônibus batera na carroceria de um caminhão estacionado, tomando a direção contrária. Bateu em outro ônibus e, em seguida, numa casa.

Carlos Roberto, prevenido contra o choque, saiu-se ileso, mas dos 14 passageiros do ônibus, 12 resultaram feridos, alguns com gravidade.

Tomou parte, ainda, durante sete dias, de um Aprendizado no Hotel Laje de Pedra, em Canela, e em várias outras promoções hoteleiras, salientando-se a participação na Exposição de Material de Hotelaria em São Paulo, em setembro de 1985. Nesta semana o sr. Roberto visitou os principais restaurantes do Rio e São Paulo, com o objetivo de colher informações para a instalação do Restaurante Cascata do Jandaia Hotel, para o qual o atual diretor-gerente deu a maior das atenções, fazendo com que o Restaurante Cascata seja o mais disputado da cidade e da região da fronteira.

Roberto pertence ao Lions Clube e à Maçonaria. Durante algum tempo, foi presidente da Associação Comercial de Livramento, da qual é vice-presidente. É sócio de vários clubes sociais e esportivos. Em diversas oportunidades, a Maçonaria colaborou com ele na solução de problemas da cidade.

O casal tem três filhos: Márcia, nascida em 20 de dezembro de 1976; Daniel, nascido em 1º de dezembro de 1979; e Roberto Sala Bertelli, que chegou no dia 20 de fevereiro de 1984. Três lindas crianças, irrequietas e inteligentes, que enchem de alegria o lar e o coração dos pais e avós.

Obedecendo às mais modernas exigências da Arquitetura. Roberto construiu sua casa a 150 metros do Jandaia Hotel, uma casa artisticamente decorada. Uma pequena mansão, que, no entanto, por dentro não é tão pequena. Um professor, ao entrar nela ficou admirado diante das amplas



salas e repartições, e exclamou: "Parece o navio português, que por dentro era maior do que por fora".

O sr. Daniel e D. Wilma, vendo que a família está ficando cada vez mais numerosa, pensaram em abrir caminho para novos investimentos, ampliar a empresa. Por isso, no dia 20 de fevereiro de 1985, adquiriram a existência do Hotel Parque, localizado em ponto estratégico da cidade, junto à praça internacional e à BR-158, na entrada para o Uruguai e a Argentina. Um belo e vasto prédio de alvenaria, com 28 quartos e cinco apartamentos.

Em virtude de novos investimentos no Jandaia, uma série de móveis e materiais, como camas, colchões, cobertores, foi logo transferida para o Hotel Parque. Então, aproveitando equipamentos remanescentes do Jandaia e serviços dos empresários, foi dada uma nova imagem a este hotel. Todas as áreas de lazer foram remodeladas, todos os quartos e apartamentos pintados, assim como foi pintado todo o prédio externamente. Foram colocados quadros nas paredes. O pouco e suficiente para que os proprietários recebam o elogio dos hóspedes.

A princípio, era intenção fazer do Hotel Parque uma filial do Jandaia Turismo Hotel. Depois, o sr. Daniel e D. Wilma acharam que o Carlos Roberto deveria iniciar uma experiência independente, ficando ele proprietário e administrador. A gerência foi confiada a D. Inelda Katzwinkel, que de excelente modista do Jandaia, aceitou o cargo e a função na Hotelaria.

No mês de março de 1986, Carlos Roberto Bertelli, em sociedade com dois empresários de Santana do Livramento, tornou-se proprietário de importante empresa imobiliária em Rivera, Uruguai, que leva o nome de LAGOS DEL NORTE - empreendimentos turísticos, com uma área de 130 hectares, onde estão sendo vendidos mil lotes, havendo na área dois lagos e infraestrutura de lazer. A implantação de uma zona de livre comércio em Rivera está em vias de concretizar novos investimentos do jovem empresário Carlos Roberto Bertelli.

Sua esposa, D. Maria Luíza, além de suas atividades no magistério, mantém, na rua Manduca Rodrigues, a Boutique Pé de Anjo, especializada

em meias para senhoras e confecções para ioga-ginástica.

Ao amigo Carlos Roberto, diretor-gerente do Jandaia Turismo Hotel, o autor agradece a valiosa colaboração na presente obra.

GLÁDIS MARIA EULA BERTELLI - Nasceu em Lagoa Vermelha, no dia 7 de março de 1954. Criança sadia, foi criada durante sete anos pela madrinha, Tercilia Rigatti, a popular Tita, hoje residente em Curitiba.

Frequentou a Escola Rainha da Paz de Lagoa Vermelha e a Escola Santa Teresinha de Passo Fundo. Em Santana do Livramento concluiu duas séries no Grupo Escolar Professor Chaves. No Colégio Santa Teresa concluiu o curso primário, ginasial e colegial.

Durante todo o tempo dos estudos no Colégio Santa Teresa, fez parte da banda da escola, dirigida pela Ir. Iná Canabarro Lucas, de extraordinário dinamismo. A Gládis tocava todos os instrumentos musicais, dando ainda aulas de música.

Em seu tempo, a Banda Santa Teresa ocupava o 2º lugar no Estado entre as bandas femininas. Compunha-se de cerca de 160 figuras, havendo realizado numerosas excursões nacionais e internacionais. No dia 6 de janeiro, dia em que no Uruguai as crianças recebem presentes, a banda tocou desfilando pela avenida 18 de Julho em Montevidéu, sob o patrocínio da Coca-Cola.

Ainda no Colégio Santa Teresa, a Gládis fazia parte do Time de Basquete, composto de 15 alunas. O time excursionou por todo o Brasil, conquistando em São Paulo o 2º lugar nacional.

O time jogava também voleibol. Quando ela tinha 12 anos, o Colégio tomou parte no campeonato estadual realizado em Pelotas, conquistando o 1º lugar. Em sete cidades, o time obteve a 1ª classificação.

A princípio, o time disputava partidas no Estado. Para custear as despesas, as próprias alunas promoviam campanhas para arrecadar fundos. Depois, diante dos contínuos sucessos do time, o próprio Governo do Estado financiava as excursões em ônibus e de avião. O time

excursionou por quase todos os Estados do Brasil, em viagens que chegaram a durar 32 dias. Disputando campeonatos de basquete e voleibol. O time conquistou 36 medalhas.

Iniciou seus estudos superiores na UNISINOS, de São Leopoldo, transferindo-se depois para a Universidade Federal de Pelotas, onde formou-se em Nutrição em 1980. Durante três anos, fez parte do Coral desta Universidade, percorrendo o Estado de dois em dois meses, cantando para pessoas que não tem oportunidade de ouvir, como em igrejas, asilos, quartéis, creches, hospitais.

Em Santana do Livramento, trabalhou no Posto de Puericultura no atendimento nutricional de mães. Ocupou o cargo de vice-presidente do Diretório Acadêmico. Em 1982 passou a lecionar na ASPES - Associação Santanense Pró-Ensino Superior, na cadeira relacionada com o curso de Nutrição, Curso de Técnicas e de Dietética.

Em 28 de março de 1981, contraiu matrimônio com o estudante de Medicina Roberto Eula, formado em 1983, filho de Ildelfonso e D. Vanda Eula, da cidade de Rivera, Uruguai, passando a residir em Montevidéu. Aqui a Gládis fez curso de especialização de dieto-terapia, isto é, alimentação de pacientes, no Hospital de Clínicas, um enorme edifício de 28 andares, tendo em cada um 130 leitos. Em cada andar há patologia diferente. Participou ainda de vários congressos brasileiros e internacionais.

Atualmente reside em Rivera, Acaro, bairro Chico. Leciona em Santana do Livramento e responde pelo setor nutricionista do Jandaia Hotel. Seu marido, o Dr. Roberto Eula, é médico anestesista do hospital público, chefe do setor de anestesiologia; faz qualquer tipo de anestesia e clínica geral, como também entende de Veterinária. A família possui chácara a seis Km de Rivera, no Uruguai, onde, além da agricultura e cultivo de hortigranjeiros, há criação de galinhas, suínos, vacas...

Em 26 de setembro de 1980, nascia a filha Florência; em 30 de abril de 1983, a Andréia; e em 10 de agosto de 1984, a Débora. Um lindo trio de garotas sadias e inteligentes, alegria dos pais e avós.

À professora Gládis, pela sua valiosa colaboração neste trabalho, os agradecimentos do autor.

CESAR DOMINGOS BERTELLI - Sete anos após o nascimento da Gládis, quando a família estava de malas prontas para transferência a Santana do Livramento, no dia 2 de março de 1961, em Passo Fundo, nascia o último filho de Daniel e D. Wilma Bertelli - Cesar Domingos Bertelli.

Logo ao nascer, este filho causou muitas dores de cabeça, muitas noites de insônia, muita lágrima aos pais. Foi salvo da morte por milagre, conforme declaração do sr. Daniel. Aos 14 dias adoeceu, vítima de pneumonia. Três meses após, o médico pediatra Dr. Petraco solicitou uma junta médica a fim de descobrir um novo problema, que pôs a todos em sobressalto durante 48 horas a fio. Já estava para ser levado a Porto Alegre, quando a junta descobriu o mal - obstrução intestinal.

Depois da cirurgia, nova complicação, com rompimentos dos pontos. Não havia jeito de localizar veia para aplicação de injeções. Num desespero incrível, D. Wilma apelou para o Padre Réus. Colocou sob o travesseiro da criança um folheto com a novena deste santo milagroso. Foi imediatamente localizada um veia e aplicada a medicina adequada. Nova cirurgia.

Em outubro, em Santana do Livramento, adoeceu outra vez, em virtude da dose excessiva de antibióticos ministrada. Em lugar de uma colher de chá, a enfermeira ministrou uma colher de sopa. Afinal, o médico, Dr. Luiz Carlos Padilha, conseguiu contornar admiravelmente a situação. Mas o menino passou a ter dores de ouvido, feridas pelo rosto e enfraqueceu todos os dentes.

Os padrinhos de Crisma de Cesar são os vizinhos do Jandaia Hotel: Alvarez Jorge Murad e D. Ester, um casal modelo, batalhador de campanhas em obras sociais, na construção da Matriz do Rosário... Os filhos, Fernando e Fátima, são formados em Odontologia. Seus campos situam-se no município de Uruguaiana.

Apesar de tantas doenças, Cesar tornou-se um rapaz robusto. Aos

17 anos já era do tamanho do pai. Os outros três filhos, de estatura mediana, imitam a mãe. Apenas o Cesar puxou pelo pai em tamanho.

O rapaz cursou o primário e o Ginásio no Colégio Santanense e concluiu o curso científico na Escola Estadual Liberato Salzano. A seguir, ingressou na Escola de Hotelaria em Atlântida, perto do Capão da Canoa. Foram dois anos de teoria e prática.

Nas primeiras férias, estagiou no Plaza Hotel Itapema, em Santa Catarina. Os pais foram lá um dia fazer-lhe uma visita e ficaram encantados com a magnífica organização daquele esplêndido hotel.

No segundo ano, tomou parte no Congresso de Hotelaria em Salvador da Bahia, que contou com a presença do governador Antônio Carlos Magalhães, mais tarde, ministro da Nova República.

Ao iniciar o terceiro ano na Escola de Hotelaria, Cesar resolveu desistir do curso, alegando que aquela não era a sua vocação. Os pais insistiram, a fim de que um dia pudesse ajudar ao Carlos Roberto. Fez exames vestibulares para Direito na PUC de Porto Alegre. Embora com atraso de três anos, lá está cursando Direito, hospedado no apartamento da família, na rua Castro Alves.

Como todos os irmãos, Cesar possui curso de natação. Sendo bom nadador, um dia, na grande piscina da Sociedade Esportiva Santa Rita, salvou do afogamento a sua prima Cláudia Dalpasquale, filha de Delmiro Dalpasquale, que reside em Cruz Alta.

Um dia, após uma derrota do Grêmio, exclamou, irritado: "De hoje em diante, serei torcedor do Interacional. Estou cansado de perder".



**Figura 46 Lagoa Vermelha -1952, Lédi com a Rainha das Bonecas - Ilse Kock.**



**Figura 47 As famílias Bertelli e Bazzini com os nove netos.**



**Figura 48 30-4-86 - Mariana, no dia do batismo, e a madrinha Lisiani Lezama.**



**Figura 49 Lédi e Dr. Wayrtton diante da torre Eiffel em Paris.**



**Figura 50 Família Dr. Wayrtton e Lédi no 4º aniversário de Caroline.**



**Figura 51 Lédi e Dr. Wayrtton em Paris, diante do Palace de la Concorde.**

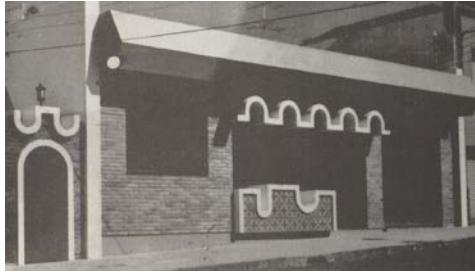




**Figura 52 30-4-86 - Casal Bertelli, casal Bazzini e a família do Arq. Wayrtton Bazzini no dia do batizado da Mariana.**



**Figura 53 28-3-1981 - Casamento de Gládís Maria Bertelli com o Dr. Roberto Eula.**



**Figura 54** Residência do Dr. Alexandre e Lúcia Vieira, obra do Dr. Wyrton Bazzini.



**Figura 55** 1º aniversário de Florência, filha da Gládis e do Dr. Roberto Eula, no colo da avó, D. Vanda Eula.



**Figura 56 13-12-75 - Casamento do Dr. Carlos Roberto Bertelli com a prof.ª Maria Luiza Sala.**



**Figura 57 Formatura de Gládis em Pelotas, pais e César.**



**Figura 58** As famílias Bertelli e Bazzini festejando o batizado de Leonardo, o 1º neto.



**Figura 59** 28-2-1970 - Lédi Terezinha Bertelli une-se em matrimônio com o arquiteto Wayrtton Silva



**Figura 60 O Dr. Bazzini e seus pais: Sr. Francisco Bazzini e D. Lourdes.**



**Figura 61 Formatura da Iédi.**



**Figura 62 Lédi, na festa dos 15 anos, recebe dos pais um anel de brilhantes.**



**Figura 63 28-2-1970 - Casamento da professora Lédi Bertelli com o Dr. Wayrtton Bazzini.**



**Figura 64 César no dia de sua 1ª comunhão, vendo-se a imagem do Sagrado Coração de Jesus da casa.**



**Figura 65 Carlos Roberto Bertelli em 1966.**



**Figura 66 1976 - Time de Basquete do Colégio Santa Tereza, ao chegar a São Paulo, quando conquistou o 2º lugar no campeonato nacional, vendo-se a Madre Carla, diretora do colégio, ao lado do prof. Taroco, com o troféu conquistado nas mãos; ao lado, a Gládis Berte**



**Figura 67 Basquete: Gládis (1ª) no time de basquete do Colégio Santa Tereza.**





**Figura 68 O gauchinho César Domingos Bertelli.**



**Figura 69 D. Iédi e Dr. Wayrton em Londres diante do Parlamento Britânico.**



**Figura 70 Gládis (2) em Porto Alegre participa do 5º Congresso Brasileiro de Nutrição e 8º de Nutricionistas -1976.**



**Figura 71 Gládis, no 8º Congresso Internacional de Dietética - S. Paulo.**



**Figura 72 Estação de Inverno - Zeroskt MontMatahorn - Suíça.**



**Figura 73 A lédi com três anos.**

## 35. SOBRINHOS

O sr. Daniel Bertelli tem adoração, não apenas para com seus filhos e netos, mas também por seus numerosos sobrinhos. De alguns destes, o sr. Daniel vai nos falar, narrando a colaboração que lhes prestou. Diz ele:

“Os primeiros sobrinhos que trouxemos da colônia para a cidade, foram o Oscar e a Diva, filhos de João Bertelli, que residia em São Valentim. Este meu irmão foi como meu segundo pai. Logo que saí do quartel fui trabalhar com ele. A seguir, quando ele se transferiu para o Estado do Paraná, em Santa Isabel do Ivaí, perto de Paranaíba, eu vim para Lagoa Vermelha.

A Diva veio depois do Oscar, mais para cuidar das crianças. O Oscar tinha lá seus 12 anos. Era medonho. Muito vivo, muito inteligente. Eu previa que iria dar um grande homem. Dito e feito.

De sua autoria existe uma série de travessuras. Por vezes, eu mandava servir um cafezinho aos hóspedes. Ele chegava perto da mesa e perguntava: 'Vocês não querem cafezinho, não?' E ficava por isso.

Um dia praticou uma arte muito grande. Eu, para não dar nele, fechei-o dentro do meu quarto. Ali no quarto viu uma mala de couro, grande, muito linda, trazida da colônia. A única mala que eu tinha naquele tempo. Ele, com uma faca, inutilizou a mala, abrindo nela um grande V.

Eu não fiquei sabendo o autor do desaforo. Um dia, aqui em Livramento, sendo ele já casado, me disse:

- É tio, o senhor não encontrou um dia a sua mala bonita cortada? Naquela ocasião, quando o senhor me botou de castigo, achei que não merecia. Vinguei-me com o 'crime' da mala...

Outra ocasião me declarou:

- É tio, quando o senhor não me encontrava no hotel, sabe onde eu andava? Dormindo, deitado debaixo da cama.

Naquele tempo eu namorava a Wilma, que morava em Erechim. Como não podia vê-la, a não ser uma vez por mês, procurava agradar a sua irmã, a Ilsa, casada com Nelci Capelari, que morava em Lagoa Vermelha, nos fundos do Novo Hotel.

Comprei a mais linda melancia que um caminhoneiro trazia em cima da areia no seu caminhão. Mande-i-a para a futura cunhada. O portador, o Oscar, mais tarde me contou que fim levou aquela melancia:

- É tio, sabe, a melhor melancia que o senhor mandou para a Ilsa, sabe o que aconteceu com ela? Quando ia, me caiu no chão e quebrei a melancia. Aí sentei numa sombra e comi.

- Por que não me disseste? Eu mandava outra.

- Eu tinha medo de apanhar. Quando o senhor mandava dois guaranás, só chegava lá um, porque o outro eu tomava.

Quando o pai dele foi morar no Paraná, o Oscar o acompanhou. O pai estabeleceu-se lá com armazém. O rapaz não obedecia, não parava em casa. Saía a caçar canários e cardeais, que depois vendia na churrascaria do cunhado, o Zanoni, casado com a Mafalda.

Depois resolveu inventar uma empresa de transporte, com um carrinho puxado por uma cabrita. Fazia entregas. Transportava mercadorias de cá para lá.

Quando tinha seus 17 a 18 anos, encostou-se na Mafalda, a trabalhar na churrascaria. Foi ali que principiou sua profissão de hoteleiro.

Transferindo-se para Paranaíba, arrendou o Hotel Elite. Casou com uma filha de um paulista de origem italiana, de muitos recursos. Foi trabalhando com um atendimento especial, muito fino. Tinha verdadeira paixão pela sua profissão.

Vendeu um sítio. Comprou um terreno ao lado do hotel. Construiu um enorme edifício com uns dez andares.

O sobrinho Domingos Pasetti trabalhou no Hotel Avenida, de Lagoa

Vermelha. A seguir, foi prestar Serviço Militar em Santa Maria. Retornando, casou com a Lourdes Ieda, filha da Tita, a Tercília Rigatti.

Quando nos transferimos para Passo Fundo, aluguei o Hotel Avenida para ele. Depois, junto com o pai, alugou o Hotel Bela Vista, em Lagoa Vermelha. Mudou-se depois para Clevelândia, onde se estabeleceu com relojoaria. Daqui foi para Curitiba, iniciando atividades com um restaurante, na BR-116. A seguir, com posto de abastecimento. O cunhado Félix, filho da Tita, está estabelecido com relojoaria em Curitiba.

Em Passo Fundo, trouxe da colônia o sobrinho Antônio Bertelli, que se tornou meu sócio no Hotel Glória, acabando por adquiri-lo. Continua por lá, na mesma profissão, exercendo ainda atividades sociais e religiosas, sobretudo na paróquia da Catedral.

O Ambrósio Pasetti e seu irmão Silvestre trabalharam dois anos comigo, tendo, a seguir, administrado o Novo Hotel, de Lagoa Vermelha.

Quando vim para Santana do Livramento, trouxe de Passo Fundo o Alexandre, que, embora não sendo sobrinho, consideramos como da família.

Durante cinco anos tive aqui o sobrinho José Joaquim, filho de minha irmã Margarida e de Geni Passini. Chegou aqui com 17 anos. Depois trabalhou em Porto Alegre no City Hotel e no Laje de Pedra em Canela. Hoje, em sociedade com o irmão Honório, é dono do Hotel São Luís, de Iraí.

Para cuidar da chácara, trouxe o sobrinho Hélio Bertelli, casado com Sirlei Pasetti, quatro filhos. Trabalhador incansável, desempenhou papel importante para o nosso hotel, fornecendo leite, hortigranjeiros, carne, ovos, frutas. Infelizmente, em meados de 1985, retornou para Anta Gorda, sua terra natal.

Meu irmão Osvaldo Bertelli é proprietário do Querência Hotel, em Pato Branco, Paraná."



**Figura 74 Oscar Bertelli Filho, João Bertelli, Carlos Roberto, Oscar Bertelli, Daniel e Wilma, 1985.**



**Figura 75 O sobrinho Euler Bertelli e sua noiva.**



**Figura 76 Lagoa Vermelha. 13-9-58, casamento do sobrinho Domingos e Lourdes Pasetti diante do vigário Frei Humberto Mattana e das testemunhas Manoel e D. Leonor d'Avila Hoffmann.**



**Figura 77 13-9-1958, casamento do sobrinho Domingos e Lourdes Pasetti. Crianças: Gládis e Adelar Hoffmann.**





**Figura 78** Paranaíba, PR, inauguração do Hotel Elite, do sobrinho Oscar Bertelli, ao lado da esposa D. Glauce, enquanto o sr. Dal Prá, prefeito, discursa. A bênção do hotel foi dada pelo sr. Bispo.



**Figura 79** O sobrinho Oscar Bertelli, esposa D. Gláucia e os filhos: Lucimaria, Evandra Cristiana, Oscar Roberto e Fernanda, proprietários do Hotel Elite em Paranaíba, PR.



**Figura 80 Iracena Bertelli e filha Daniela a quem o sr. Daniel auxiliou nos estudos. Casada com o Sr. Aladin, reside no Rio de Janeiro.**

## **RESTAURANTE CASCATA**

Concluídos os novos apartamentos e suítes, tornava-se necessário, para a complementação de um hotel de categoria internacional, dar-lhe um restaurante de alto padrão, que propiciasse aos hóspedes e visitantes um variado cardápio, em local aprazível e confortável.

No vasto recinto de cerca de 250 m<sup>2</sup>, abrangendo toda a extensão do segundo andar, estão dispostas 24 mesas, com cômodas poltronas, num harmônico ambiente onde o verde das plantas e as obras de arte de pintores, tapeceiros e escultores locais se complementam, formando uma decoração suave e requintada.

Em ponto estratégico, está a grande mesa dos executivos, cujo local serve de ponto de reuniões para almoços e jantares com a máxima privacidade.

O ponto nobre desse ambiente e, sem dúvida, o conjunto perfeitamente integrado da Cascata, de seus assentos laterais, do Bar Cascatinha, onde são servidos deliciosos drinques, dos arcos espelhados em tons fumê e bronze e do balcão com as portas esculpidas em bronze, onde fica o mostruário de vinhos finos, dando-se realce aos que são produzidos aqui, os vinhos Almadén. Todo esse ambiente, revestido com pedra “ouro-velho”, provinda de Minas Gerais, dá um toque de grande estilo e exclusividade em termos de decoração.

A Cascata - que deu origem ao nome do restaurante - surgiu das observações colhidas em viagens e adaptada ao ambiente que se queria criar. Construído em quatro níveis, para melhor efeito da queda d'água e ornamentada com plantas naturais, dando um toque silvestre e bucólico, de rara beleza, vem complementada pela luz difusa que nasce no interior da Cascata.

Pela semelhança com uma fonte, foi-lhe dada uma conotação com as Fontane de Trevi, em Roma. No seu interior, como na cidade eterna, encontram-se moedas, consideradas portadoras de desejos de clientes que

por ali passaram.

Para complementação do sofisticado ambiente, tornou-se necessário melhorar os serviços, o que vem sendo feito gradativamente, com auxílio de um técnico em Hotelaria, professor Índio Cândido, da Universidade de Caxias do Sul, que, com sua larga experiência, está implantando um novo sistema de serviço para restaurante.

O objetivo primeiro dessa reestruturação é, inegavelmente, o desejo de poder oferecer aos clientes do Jandaia Hotel, que por longo tempo deram seu apoio ao antigo restaurante, um ambiente acolhedor e confortável, onde se pudesse fazer, do momento de sua refeição, a descontração necessária para o prosseguimento do seu dia de trabalho.

No entanto, o pensamento inicial dos proprietários do Jandaia Hotel foi oferecer para a sociedade uma nova opção da gurmeteria internacional. É sua intenção de promover o hábito dos santanenses de fazer do restaurante o ponto de encontro permanente de familiares e amigos.

O Restaurante Cascata oferece no café da manhã uma variação de 22 itens, entre frutas da época e os mais saborosos quitutes caseiros.

O cardápio, elogiado pelo cuidado com que é elaborado, e pelo mesmo cuidado com que é executado, oferece aos mais exigentes paladares uma variação de saborosas entradas e mais de trinta diferentes pratos que são servidos pelo requintado sistema à francesa. O serviço de sobremesas é feito em carrinho que é levado à mesa, possibilitando uma opção visual de saborosos doces, executados pelas doceiras da casa.

Pelas suas características de dimensão e beleza, o Restaurante Cascata vem sendo requisitado para festas de casamento, aniversários, convenções e eventos diversos, pois já fora construído com intenção de atender a esta faixa de mercado necessária em Santana do Livramento.

Como prolongamento do Restaurante, está o Jardim de Inverno. São 30 m<sup>2</sup>, de harmonia com seus móveis de bambu escurecidos, sobre tapetes verdes. Seu forro inclinado e uma abundante luz, que penetra através de seus vidros amarelo-fantasia, dão-lhe um toque aconchegante.

Inaugurado recentemente, receberá em breve uma lareira, elemento indispensável em virtude do frio da fronteira.

O Jardim de Verão, opção criada para o chimarrão da tarde ou a cervejinha da noite, é resultado de pesquisa do diretor-gerente junto aos clientes, a fim de identificar desejos e necessidades daqueles que querem usufruir plenamente os serviços da casa. São 60 m<sup>2</sup> bem distribuídos de áreas verdes e confortáveis poltronas.

Tendo em vista o que foi descrito sobre o complexo do Restaurante Cascata, vale lembrar o que muito se tem ouvido sobre essa nova casa: “Ao entrar-se no Restaurante, tem-se a sensação de não se estar em Livramento e sim em um grande centro, onde há exigência de tal padrão”.

Uma grande atração do Restaurante é a música, sempre suave e agradável, com variação para todos os gostos, criando um ambiente romântico, sobretudo à noite, quando, não raro, hóspedes e visitantes, reunidos em palestra cordial, tornando o bom vinho da terra, sem o notar, passam longas horas sentados nas confortáveis poltronas.

Pode-se afirmar, sem vaidade, que o Restaurante Cascata é a menina dos olhos do Jandaia Hotel, o seu cartão de visita. Orgulho de seus proprietários e da população santanense, que durante longos anos prestigiou o Hotel Labarthe, depois o Jandaia Hotel e agora o Restaurante Cascata.



**Figura 81** Restaurante Cascata.



**Figura 82** Jardim de verão e jardim de inverno.



**Figura 83** Restaurante Cascata.

## CHÁCARA

Quem nos faz o histórico da Chácara Nona Francisca é o próprio sr. Daniel: “Foi – diz ele – uma ideia genial do Roberto. Eu, a princípio até andei resistindo à ideia de adquirir a propriedade da família Pacheco, pela quantia de dois milhões de cruzeiros. Mas foi um negócio excelente.

Tínhamos sempre o problema da falta de lenha para a caldeira de aquecimento de água de todo o hotel e da própria casa de família. A gente perdia tempo e gastava dinheiro à procura de lenha. Quando o Roberto soube que esta propriedade de 15 hectares, com cerca de 50 mil eucaliptos, estava à venda, não sossegou.

Situada a apenas quatro quilômetros do centro da cidade, a menos de mil metros do asfalto, bem sobre a linha divisória com o Uruguai, a chácara, com casa de alvenaria, galpões, pomar, poteiros para vacas; chiqueirão para porcos; lavoura com milho, aipim, cana-de-açúcar. Logo plantamos mil quilos de cana. O Hélio, o sobrinho que cuidava dela, sabe fabricar aguardente, melado. Grande pomar, com laranjeiras que nos fornecem matéria-prima para suco...

Luz própria, para o que estendemos 900 metros de rede e um transformador. Abrimos uma estrada melhor. Fizemos terraplanagem. Fechamos toda a área com cerca de arame. O genro Wayrton projetou uma planta para a casa da família. Uma bela casa de campo, toda cercada com grade de ferro com altos palanques de pedra. Internamente, toda mobiliada e decorada com móveis e quadros que o Roberto adquiriu nos artesanatos de Gramado.

Na frente da casa, um belo pátio sombreado, para estacionamento. Além da estrada divisória, um imenso eucaliptal que nos protege dos ventos. Ao lado, para o interior, dentro do território brasileiro, uma estrada que outrora servia para contrabando de gado. Por esta estrada, vai-se ao Frigorífico Armour e ao Cerro das Palomas, que daqui se enxerga, longe.

Canha de basquete e piscina, uma grande piscina. Abrimos

estrada no meio dos eucaliptos. A primeira vez que eu e o Roberto entramos no meio dos eucaliptos, uma chuva torrencial nos surpreendeu e ficamos trancados. Por isso, mandamos construir um bueiro. Agora, uma estrada percorre toda a chácara.

Havia eucaliptos com mais de 50 anos de existência. Mandamos arrancar e formamos uma bela lavoura de milho, aipim, cana. Ainda mandei construir um telheiro para quando a chuva nos surpreende por lá.

Separamos o campo de pastagens do eucaliptal para que as vacas não entrem no meio dos eucaliptos, evitando assim de morrerem envenenadas por um fungo que germina nos meses de agosto e setembro. Um fungo venenoso que o gado aprecia porque possui gosto de sal.

Logo, para cuidar da chácara, trouxe de Anta Gorda o sobrinho Hélio Bertelli, que tem prática na lide agrícola e pastoril. Adquirimos umas dez vacas, que eram do capataz. Todos os dias vinha da chácara o leite para o consumo do hotel. Quando sobrava leite, a Sirlei, esposa do Hélio, fabricava queijo.

Enorme bando de galinhas que nos fornecem ovos e carne. Uma grande criação de suínos, para carne, salame, banha. Mas o que mais nos fornece a chácara é a lenha. Gastamos mais de um metro por dia. A caldeira sempre em funcionamento, dia e noite, inverno e verão.

A Chácara Nona Francisca é o lugar ideal para o lazer nos dias feriados, nos domingos. Qualquer festinha de aniversário é lá que celebramos, reunindo toda a família e pessoas amigas.

A propriedade, sobretudo a casa e a criação, estão defendidas por quatro cachorros, um deles é um enorme pastor alemão.

Bem em frente à casa da família, que fica a cerca de cem metros da casa do capataz, ergue-se um marco divisório, bem no centro do pátio. Um marco pintado de branco, trazendo, de um lado, o nome do Brasil, e do outro o do Uruguai. Masco que fala de história, das velhas disputas entre Portugal e Espanha e hoje unindo dois países que se respeitam, se amam e se ajudam mutuamente.



Então, ali na chácara, em ponto elevado de onde se avistam lindos panoramas dos dois países, respira-se um gostoso ar de amizade entre os povos. Recorda-se um passado de lutas sangrentas entre portugueses e castelhanos, nos primórdios da formação das duas repúblicas americanas.

Ali, sentados à sombra de grandes cinamomos, as visitas recordam conosco a heroica história de Santana do Livramento, tão bem cantada em prosa e verso por nosso grande amigo Ivo Caggiani, historiador do município, que em 1983 nos brindou com uma esplêndida monografia, que é um autêntico orgulho do Rio Grande do sul e do Brasil.”



**Figura 84 Chácara D. Francisca vendo-se o marco da divisa.**



**Figura 85** Diante da Chácara D. Francisca, junto com o autor (de boné).

## **HINO DE AÇÃO DE GRAÇAS**

Em meados de 1985, estava praticamente concluída a segunda parte do Jandaia Turismo Hotel- o maior e melhor hotel de três estrelas do Estado do Rio Grande do Sul. Hotel de luxo, de classe internacional.

"Foram anos de suores - confessa o sr. Daniel - anos de canseiras, de preocupações. Felizmente, graças a Deus, que sempre nos acompanhou com suas bênçãos, nenhum acidente aconteceu para a perturbação do bom andamento da obra e da integridade física de tantos obreiros. Mais de uma vez, corremos risco de sermos atingidos pela queda de tábuas, de objetos e até de um pedaço de guincho, que me caiu a um metro de distância.

Agora, concluída a gigantesca empreitada, levada a feliz termo está arrojada aventura, apesar dos financiamentos, que, corrigidos, atingem a umas centenas de milhares de cruzeiros, pergunta-se como foi possível concluir uma obra tão dispendiosa, levando-se em conta a inflação galopante que enfrentamos?

Se não tivéssemos tido a preocupação de ir estocando material aos poucos, até com quatro anos de antecedência, nossa capacidade de realização se teria esgotado a meio caminho.

Basta dizer que adquirimos todo o ferro a 16 cruzeiros o quilo. Com antecedência trouxemos do interior do município catarinense de Joaçaba uma jamanta de portas de madeira de imbuia. As aberturas e janelas de alumínio, assim externas como internas, compramos dos Irmãos Petroll, de São Leopoldo, ainda no tempo do barato. Cadeiras e poltronas, mais de uma centena, que em abril de 1985 custavam 150 mil cruzeiros, adquirimos por oito mil. O azulejo, a cerâmica, o piso, compramos da fábrica por apenas 370 cruzeiros...

Agora perguntamos: teria sido possível construir o nosso Jandaia Hotel adquirindo todo o material ao preço do dia?

\*

A meta no segundo bloco do nosso edifício - continua o sr. Daniel - era a construção de um prédio de oito pisos. Ao atingirmos o último andar, o nosso sempre previdente primo João Costi sugeriu que se construísse mais um piso para moradia da nossa família.

A ideia agradou e foi abraçada com ardor. Então, o Roberto esmerou-se no trabalho de nos brindar com uma linda e cômoda residência, com várias e espaçosas peças. Grande sala destinada à churrasqueira. Outra sala, a principal, com lareira, as paredes externas todas de vidro, proporcionando larga visão de toda a cidade, coroada ao longe pelo verde de uma cordilheira de morros.

Então, uma linda moradia bem no alto, nono andar, sobranceira às duas cidades, livre de qualquer poluição, chega-nos como coroamento de nosso trabalho, chega-nos como de presente, uma vez que ninguém de nós havia pensado nesta providencial iniciativa.

Após longa jornada contundente, por caminhos à beira do abismo, contornando obstáculos, escalamos penosamente a montanha, atingindo triunfalmente o cume mais elevado, onde, derramando lágrimas de emoção, hasteamos a bandeira da conquista.

Agora, no soberbo altiplano, como em risonha planície, sublinhada de flores e de cantos de passarinhos, sobranceiros ao torvelinho da cidade, longe do ruído das ruas, à vista de largos horizontes sem fim de duas nações, podemos entoar o hino de ação de graças pela missão cumprida. O hino de agradecimento ao Senhor que nos acompanhou sempre com suas bênçãos eleitas."



**Figura 86 1-7-71 - Diretoria do Clube de Esportes do Colégio Santa Tereza, de Livramento, vendo-se o sr. Daniel Bertelli, ao lado da Ir. Iná Canabarro Lucas, D. Maria Taroco, D. Iolanda Posset, Pe. Roberto Ceron, Treinador Taroco (moreno).**

## **ZONA FRANCA**

Concluída a etapa definitiva do Jandaia Turismo Hotel, que trouxe nova imagem do ramo na fronteira, o sr. Daniel Bertelli e D. Wilma, ainda em pleno vigor de sua capacidade física e intelectual, pareciam dispostos a uma pausa em termos de construções e novos investimentos, a fim de cuidar com maior interesse e plenamente do inestimável patrimônio, levantado ao longo de anos de lutas memoráveis, contadas nas presentes páginas, constituindo grandiosa epopeia de uma família.

"Daqui para a frente - declara o sr. Daniel - a iniciativa de novas empreitadas e de novas aventuras, cabe aos filhos, tendo à frente o Carlos Roberto, atual diretor-gerente do hotel da família e proprietário do Parque Hotel." "Efetivamente - completa D. Wilma - a família Bertelli vai crescendo, o Cesar é ainda solteiro e o Beto encontra-se na sua melhor fase de rendimento, com seu extraordinário dinamismo e a mente repleta de sonhos. Precisamos, a nível da família, pensar no futuro. Pensar naquele imenso terreno que fora destinado ao Bertelli Tour Hotel. Pensar no Parque Hotel, com suas invejáveis condições de localização."

A recente implantação do Porto Seco em Santana do Livramento, a decretação da Reforma Econômica e Monetária de fevereiro de 86, os benefícios do Plano Cruzado e, por fim, a decretação do governo uruguaio criando a zona de livre comércio na vizinha cidade de Rivera, formam um conjunto de interesses turísticos capazes de empolgar irresistivelmente a classe hoteleira.

\*

Santana do Livramento já contou com esplendor econômico invejável. Basta lembrar suas antigas empresas, tendo à frente o gigantesco Lanificio Albornoz, com quatro mil operários, sob as ordens do "rei da lã", o empresário Dyney Vares Albornoz, a 10º fortuna do Brasil, que exportava para 16 países e em cujas terras, equivalentes à metade da superfície de Portugal Continental, pastavam 106 mil ovelhas, vicejavam 1,1 milhão de pés de eucaliptos, existiam três barragens e 1.170 Km de estradas internas.

Parece estar chegando agora o momento de reviver o antigo esplendor, reavivar os intercâmbios da fronteira, os seus recursos econômicos, em decorrência, sobretudo, da implantação da Zona Franca de comércio.

No dia 12 de agosto de 1985, quando o presidente Sarney visitou oficialmente Montevidéu, uma comitiva de empresários de Livramento, tendo à frente o futuro deputado federal jornalista Antônio Britto e o nosso Carlos Roberto Bertelli, então vice-presidente da Associação Comercial do município e depois presidente, formalizou aos presidentes - Sarney e Sanguinetti - solicitação de medidas destinadas a um maior desenvolvimento comercial da região. Este encontro histórico decidiu a criação da Zona franca da fronteira.

Em 24 de abril de 86, o governo uruguaio, com decreto assinado pelo presidente Júlio Maria Sanguinetti, criou uma Zona Franca de comércio em Rivera e outra em Chuy. Diz o decreto, textualmente: "Exonera-se aos bens e mercadorias importados, para vendas nas cidades de Rivera e Chuy, do pagamento da taxa global alfandegária, incluída a taxa adicional de 10% que estabelece o decreto nº 125/977, de 2 de março de 1977, e a taxa adicional de 5% que estabelece o decreto nº 234/985, de 13 de junho de 1985."

O artigo segundo do decreto estabelece que a isenção em apreço só vigora para bens e mercadorias adquiridas nas referidas cidades por cidadãos estrangeiros, durante sua permanência no país na qualidade de turistas.

\*

Rivera, nos últimos cinco anos, depois de uma temporada florescente de intercâmbio comercial, mercê do câmbio favorável aos brasileiros, viveu grave crise econômica, com o fechamento de aproximadamente 100 casas comerciais. Agora, o decreto governamental, criando a zona de livre comércio, faz com que velhas e novas empresas de Rivera abram suas portas, atraindo turistas estrangeiros, sobretudo do Brasil e da Argentina.

O interesse pela implantação de estabelecimentos comerciais em Rivera, após a decretação da Zona Franca, é simplesmente assombroso. O valor dos imóveis elevou-se astronômicamente. Investimentos fabulosos vem sendo levados a efeito por empresários do Uruguai e do Brasil.

Em Livramento, por sua vez, cidade separada por uma rua, com vida social e comercial identificadas, reina extraordinário otimismo relativamente à recuperação do antigo esplendor econômico. Como não podia deixar de ser, cogitou-se logo na ampliação e melhoria da rede hoteleira, para atendimento dos turistas que afluirão em massa, como acontece na Foz do Iguaçu e em Manaus, onde existe Zona Franca.

A par de outros empresários do ramo, a família Bertelli, proprietária do melhor hotel da cidade e da fronteira, não pode deixar de pensar logo em ampliar o número de seus estabelecimentos. O terreno de 1.500 metros quadrados, com três frentes, em lugar estratégico, que fora destinado ao Bertelli Tour Hotel, parece encontrar-se a espera deste momento histórico. O sr. Carlos Roberto Bertelli, jovem idealista e inquieto, que traz nas veias o sangue heroico dos imigrantes e de seus admiráveis genitores, os quais, no ardor da mocidade, se lançaram a aventura de abraçar e levar adiante, triunfalmente, a profissão de hoteleiros, este jovem, juntamente com seus irmãos, cunhados, filhos e sobrinhos, encontra-se em condições de escrever o segundo capítulo da epopeia da família Bertelli, sempre sob as bênçãos e proteção do sr. Daniel e de D. Wilma.





Figura 87 Santana do Livramento em 1986 foi beneficiada com a Zona Franca de Rivera.



## Índice de Ilustrações

Figura 1 D. Francisca Carrer Bertelli, a mãe do Daniel, junto com 4 filhos: Orestes, João, Osvaldo e Celeste em Pato Branco. ....	15
Figura 2 Antônio e Francisca Bertelli, pais do sr. Daniel.....	15
Figura 3 D. Francisca, mãe do sr. Daniel Bertelli. ....	19
Figura 4 D. Amália Caleffi, mãe de D. Wilma. ....	19
Figura 5 Em 1942 e 43 Daniel prestou serviço militar e, Bagé. ....	26
Figura 6 1946 - José Bertelli, irmão do sr. Daniel. ....	30
Figura 7 1954 - Daniel e D. Wilma com os filhos Lédi, Carlos Roberto e Gládis. ....	30
Figura 8 A primeira condução F - 1-1950 de Daniel Bertelli - Lagoa Vermelha 1953. ....	31
Figura 9 Daniel aos 24 anos. ....	31
Figura 10 Em Lagoa Vermelha, Daniel e D. Wilma testemunhas do casamento de Romeu e Eulália Mendes Pacheco. ....	32
Figura 11 Daniel ao lado de D. Wilma, discursando na despedida do Dr. Hélio de Carvalho, 1º presidente da comissão da Igreja Nossa Senhora do Rosário. ....	32
Figura 12 Edi Fernandes filha de Teodólvio Fernandes casada com o sr. Ivo Hoffmann. ....	36
Figura 13 D. Lídia Dias Fernandes e o Carlos Roberto, seu afilhado. ....	36
Figura 14 O Prof. Arduíno Zancan no dia do casamento com Olinda Fernandes, sócio do Hotel Avenida, em Lagoa Vermelha. ....	37
Figura 15 Teodólvio Fernandes, sócio do Hotel Avenida, de Lagoa Vermelha. ....	37
Figura 16 25-5-1948 – Na matriz de Barão de Cotegipe, Daniel Bertelli casa com D. Wilma Cezira Dalpasquale. ....	41
Figura 17 1946 – A família Bertelli e D. Amália Caleffi. ....	42
Figura 18 Ilsa, irmã de D. Wilma. ....	42
Figura 19 1950- Caminhões de madeira estacionados diante do Hotel Avenida. ....	48

Figura 20 1966 - Dr. Hélio de Carvalho - da diretoria da Igreja do Rosário, Pe. Firmino Dalcin (1º).....	53
Figura 21 21-10-51 - Lançamento da pedra fundamental da Matriz de S. Paulo, Lagoa Vermelha, vendo-se: Dr.Elói Lenzi, Dr. Castellano, G. Madalozzo, Frei Huberto Mattana. Lourenço Della Torre, Dr. João de Paula e Silva, Ernesto Bigarella, Daniel Bertelli e Maurício.....	53
Figura 22 Igreja de São Paulo de Lagoa Vermelha que o sr. Daniel Bertelli ajudou a construir.....	54
Figura 23 A família Bertelli em 1964. ....	70
Figura 24 Como bom gaúcho, o seu Daniel aprecia o chimarrão.....	70
Figura 25 Hotel Glória de Passo Fundo de Daniel Bertelli. ....	71
Figura 26 1972 - Passo Fundo - Eleonice Bertelli, princesa da Rainha do Suéter (1ª à esquerda).....	71
Figura 27 Parque Internacional em Santana do Livramento.....	75
Figura 28 1964 - Alexandre Loss com o Roberto, Iédi e Gládis. ....	76
Figura 29 7-9-84 -Em Gramado. Casal Daniel e Wilma e casal João Costi e D. Olinda. ....	78
Figura 30 Sr. Daniel, João Costi. O autor e o Carlos Roberto. ....	79
Figura 31 17-9-83 - O sr. Daniel e D. Wilma, padrinhos de casamento do Dr. Luiz Eduardo Costi com a srta. Clarice.....	84
Figura 32 Casa residencial ao lado do Hotel Labarthe em demolição.....	89
Figura 33 Confraternização do Dia dos Viajantes em Santana do Livramento.....	107
Figura 34 1- 10-71 - Festa dos Viajantes, realizada no Restaurante Sensure da Paróquia do Rosário, Livramento. ....	108
Figura 35 1-10-1966 - Festa dos Viajantes, quando discursava o Dr. Hélio Carvalho, alto funcionário da Receita Federal .....	108
Figura 36 Bagé, 16-5-81 – Cursilho da Cristandade. O sr. Daniel Bertelli é o 6º sentado. ....	127
Figura 37 O Dr. Wayrtton Bazzini entrevistando Daniel Bertelli acerca da construção do Jandaia Turismo Hotel. Na parede, fotos do antigo Hotel Labarthe.....	129
Figura 38 Fachada do Jandaia Turismo Hotel.....	133

Figura 39 O diretor-gerente do Jandaia Turismo Hotel, Dr. Carlos Roberto Bertelli e esposa, prof.ª D. Maria Luiza Sala Bertelli .....	133
Figura 40 Portaria do Jandaia Hotel. ....	134
Figura 41 Um dos 140 apartamentos. ....	134
Figura 42 Casamento de Jorge e Cleusa Righi do qual Daniel e D. Wilma foram padrinhos. Junto com a Gládis e o Dr. Roberto Eula e duas irmãs Righi. ....	145
Figura 43 De 6 a 8-10-1971, na Assembleia Legislativa do RS, conferência de Desenvolvimento TURISMO. O sr. Daniel é o 3º da segunda fila. ....	148
Figura 44 1973 - Daniel e D. Wilma, em Bariloche, sobem ao Morro da Catedral, de bonde elétrico. ....	154
Figura 45 O sr. Daniel e D. Wilma admiram a beleza de nossos pinheiros. ....	154
Figura 46 Lagoa Vermelha -1952, Lédi com a Rainha das Bonecas - Ilse Kock. ....	182
Figura 47 As famílias Bertelli e Bazzini com os nove netos. ....	182
Figura 48 30-4-86 - Mariana, no dia do batismo, e a madrinha Lisiani Lezama. ....	183
Figura 49 Lédi e Dr. Wayrtton diante da torre Eiffel em Paris. ....	183
Figura 50 Família Dr. Wayrtton e Lédi no 4º aniversário de Caroline. ....	184
Figura 51 Lédi e Dr. Wayrtton em Paris, diante do Palace de la Concorde. ....	184
Figura 52 30-4-86 - Casal Bertelli, casal Bazzini e a família do Arq. Wayrtton Bazzini no dia do batizado da Mariana. ....	185
Figura 53 28-3-1981 - Casamento de Gládis Maria Bertelli com o Dr. Roberto Eula. ....	185
Figura 54 Residência do Dr. Alexandre e Lúcia Vieira, obra do Dr. Wayrtton Bazzini. ....	186
Figura 55 1º aniversário de Florência, filha da Gládis e do Dr. Roberto Eula, no colo da avó, D. Vanda Eula. ....	186
Figura 56 13-12-75 - Casamento do Dr. Carlos Roberto Bertelli com a prof.ª Maria Luiza Sala. ....	187
Figura 57 Formatura de Gládis em Pelotas, pais e César. ....	187

Figura 58 As famílias Bertelli e Bazzini festejando o batizado de Leonardo, o 1º neto. ....	188
Figura 59 28-2-1970 - Lédi Terezinha Bertelli une-se em matrimônio com o arquiteto Wayrtton Silva .....	188
Figura 60 O Dr. Bazzini e seus pais: Sr. Francisco Bazzini e D. Lourdes. ...	189
Figura 61 Formatura da Lédi. ....	189
Figura 62 Lédi, na festa dos 15 anos, recebe dos pais um anel de brilhantes. ....	190
Figura 63 28-2-1970 - Casamento da professora Lédi Bertelli com o Dr. Wayrtton Bazzini.....	190
Figura 64 César no dia de sua 1ª comunhão, vendo-se a imagem do Sagrado Coração de Jesus da casa.....	191
Figura 65 Carlos Roberto Bertelli em 1966.....	191
Figura 66 1976 - Time de Basquete do Colégio Santa Tereza, ao chegar a São Paulo, quando conquistou o 2º lugar no campeonato nacional, vendo-se a Madre Carla, diretora do colégio, ao lado do prof. Taroco, com o troféu conquistado nas mãos; ao lado, a Gládis Berte.....	192
Figura 67 Basquete: Gládis (1ª) no time de basquete do Colégio Santa Tereza. ....	192
Figura 68 O gauchinho César Domingos Bertelli. ....	193
Figura 69 D. Lédi e Dr. Wayrtton em Londres diante do Parlamento Britânico.....	193
Figura 70 Gládis (2) em Porto Alegre participa do 5º Congresso Brasileiro de Nutrição e 8º de Nutricionistas -1976. ....	194
Figura 71 Gládis, no 8º Congresso Internacional de Dietética - S. Paulo. ....	194
Figura 72 Estação de Inverno - Zeroskt MontMatahorn - Suíça. ....	195
Figura 73 A Lédi com três anos. ....	195
Figura 74 Oscar Bertelli Filho, João Bertelli, Carlos Roberto, Oscar Bertelli, Daniel e Wilma, 1985.....	199
Figura 75 O sobrinho Euler Bertelli e sua noiva.....	199
Figura 76 Lagoa Vermelha. 13-9-58, casamento do sobrinho Domingos e Lourdes Pasetti diante do vigário Frei Humberto Mattana e das testemunhas Manoel e D. Leonor d'Avila Hoffmann. ....	200

Figura 77 13-9-1958, casamento do sobrinho Domingos e Lourdes Pasetti. Crianças: Gládis e Adelar Hoffmann. ....	200
Figura 78 Paranavaí, PR, inauguração do Hotel Elite, do sobrinho Oscar Bertelli, ao lado da esposa D. Glauce, enquanto o sr. Dal Prá, prefeito, discursa. A bênção do hotel foi dada pelo sr. Bispo.....	201
Figura 79 O sobrinho Oscar Bertelli, esposa D. Glaucia e os filhos: Lucimaria, Evandra Cristiana, Oscar Roberto e Fernanda, proprietários do Hotel Elite em Paranavaí, PR. ....	201
Figura 80 Iracena Bertelli e filha Daniela a quem o sr. Daniel auxiliou nos estudos. Casada com o Sr. Aladin, reside no Rio de Janeiro. ....	202
Figura 81 Restaurante Cascata. ....	206
Figura 82 Jardim de verão e jardim de inverno. ....	206
Figura 83 Restaurante Cascata. ....	206
Figura 84 Chácara D. Francisca vendo-se o marco da divisa. ....	209
Figura 85 Diante da Chácara D. Francisca, junto com o autor (de boné). ....	210
Figura 86 1-7-71 - Diretoria do Clube de Esportes do Colégio Santa Tereza, de Livramento, vendo-se o sr. Daniel Bertelli, ao lado da Ir. Iná Canabarro Lucas, D. Maria Taroco, D. Iolanda Posset, Pe. Roberto Ceron, Treinador Taroco (moreno). ....	213
Figura 87 Santana do Livramento em 1986 foi beneficiada com a Zona Franca de Rivera. ....	217



Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)  
[www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)



FIDEÉLIS DALCIN BARBOSA nasceu em Montenegro, RS, a 14,12,1915. Fez seus estudos secundários e superiores nas escolas dos Capuchinhos do seu Estado natal. Professor e jornalista, exerceu sua profissão na cidade de Pelotas, em Caxias do Sul, em Portugal, em Canela e em Lagoa Vermelha, onde reside desde 1952.

Estreou nas letras em 1961 com *Semblantes de Pioneiros*, prefaciado por Mansueto Bernardi, que o encaminhou na carreira literária. Daí por diante, sempre atuando no magistério e no jornalismo, publicou uma série de obras de ficção, história, biografias, perfazendo 35 livros, com mais de 60 edições.

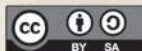
Sua obra de maior penetração é *Uma Estrela no Céu*, que narra a maravilhosa história da santinha passo-fundense Maria Elizabeth de Oliveira, já em nona edição. Segue-se *O Prisioneiro da Montanha*, com seis edições e cerca de 50 mil exemplares, uma novela infanto-juvenil com cenário deslumbrador da nossa natureza.

*A Coloninha*, já em 4ª edição, foi traduzido na Itália: narra a encantadora história da Madre Paulina Visintainer, fundadora da primeira Congregação Religiosa no Brasil, a Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição.

*A História do Rio Grande do Sul*, com prefácio de Moacyr Flores, já se encontra em 3ª edição. *A Diocese de Vacaria*, no dizer de Dante de Laytano, “é um monumento de investigação que se poderia até chamar de uma sociologia da religião no Rio Grande, vista pela óptica e montagem e desenvolvimento da Diocese de Vacaria.”



Projeto  
**Passo Fundo**



Portal

**Domínio Público**

Biblioteca digital desenvolvida em software livre



978-85-8326-044-8

